

- Novela de ERICO CRAMER -

28º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o vigésimo sétimo capítulo desta novela, deixamos Beto, Fernando e Nadinho em local não identificado, combinando detalhes para um "serviço especial" que o grupo deveria realizar na tarde do dia seguinte. E o assunto entre eles foi interrompido, mais ou menos, nesta altura:

07.11.
20.11

OPERADOR - SOBRE A CARACTERÍSTICA E SOME

BETO - O Chefe já resolveu tudo. Amanhã, quase ao fim do expediente da tarde, o Sararé e o Sagui vão ao Banco Industrial pra trazer a grana. O Sararé vai com a cabeça toda enrolada em gaze, fingindo que fez uma operação. Você, Sagui, entra com ele.

NADINHO - Você não ia trocar o meu lugar? Tinha prometido.

BETO - (ZANGADO) Sei que tinha, mas o Chefe não concordou; e daí? Você pensa que eu mando mais que o Chefe?

FERNANDO - E eu? Que vou fazer? Vou ficar mesmo no carro pra trancar a rua?

BETO - Não. Vai entrar no gabinete com o Sararé, pra garantir a retirada. E só sai de dentro do Banco, depois que tiver a certeza que ele tá na rua.

FERNANDO - (SIGNIFICATIVO) Entendo.

BETO - Ninguém vai sair daqui até à hora do trabalho; entendido?

FERNANDO - Mas eu precisava dá uma saída rápida, amanhã.

BETO - (DURZO) Ninguém vai sair daqui até à hora do trabalho, já disse. E quem não quizer obedecer eu tenho ordem do Chefe de atirar.

FERNANDO - Tá certo, não precisa chegar a esse ponto, que diabo! Eu só perguntei se podia, não posso, não vou.

NADINHO - Eu, por sorte, avisei pra casa que ia dormir fora, senão ia deixar o pessoal todo assustado.

BETO - Bom, temos entendidos. Entenderam bem, não é? Ninguém vai sair.

FERNANDO - (CONTENDO-SE) Tá, Beto, já todo o mundo entendeu. Ninguém vai sair.

BETO - Eu vou dá uma chegada em casa e mais tarde dou as cara por aqui. Se alguém precisá de cigarro pode dá o dinheiro que eu trago.

FERNANDO - Eu não preciso. Tenho meio maço, vou dormi em seguida...

NADINHO - Eu também não preciso. Tô com a garganta meio estragada, quanto menos fumá, melhor.

BETO - Então, tchau.

DOIS - Tchau.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E DESCEM ESCADA. RUIDO DE FECHAR PORTA COM CHAVE GRANDE EM 30 PLANO.

FERNANDO - Você ouviu? Ele fechou a porta a chave. Estamos prisioneiros desse cara. É o fim da picada.

NADINHO - O fim da picada é o que ele faz comigo. Prometeu pra Márcia que trocava o meu lugar e eu vou tê que entrá com o Sarará no Gabinete do velho. Quando o velho chegá a sabê o que o Sarará foi fazê lá, é o mesmo que uma punhalada que eu tiveg se dado no velho.

FERNANDO - Eles não podiam trocá você, Nadinho. Sem você o cara não entra no gabinete do seu pai. Ainda mais com a cabeça toda enfaixada. A mim é que eu tinha certeza que ele ia dá um jeito de trocá. Ele tinha que me botá no lugar mais perigoso que é pra vê se eu desapareço do mapa e deixa o caminho limpo pra ele, mas esse gosto âle não vai tê, porque si eu morrer, você vai ficar encarregado de dizer à Márcia que foi âle que me matou. Você promete que faz isso?

NADINHO - De certo que prometo, Fernando. Si é que eu vou poder falá com a Márcia, depois disso. Não sei, não. Acho que nem vou tê cara de entrá mais lá em casa.

FERNANDO - Não importa. Se você não entrar, ela vai procurar você, tenho certeza. Mas você não fique tão preocupado porque você vai ter uma surpresa.

FERNANDO - Nossa Mãe!... Um gravador. Tudo que dissermos está gravado ali.

NADINHO - E agora, Fernando? E agora? Que vamos fazer?

FERNANDO - É muito simples. Não precisa, você ficar nervoso desse jeito. Apagamos a fita e vamos conversar coisas banais.

NADINHO - E será que o ruído das telhas, depois, não vai ficar também gravado?

FERNANDO - A gente tenta fazer tudo em silêncio e, se não for possível, apaga-se tudo outra vez e fala-se de novo bastante para a fita não ficar em branco e não despertar suspeitas. E antes de tudo, vamos apagar, agora, o que ficou gravado aí.

C/REGRA - RUIDO DE FECHADURA DE CHAVE GRANDE EM 3º PLANO.

NADINHO - (MEIA VOZ) Fernando, estão abrindo a porta.

OPERADOR : EXPLOSIÃO MUSICAL

FERNANDO - (MEIA VOZ) A cama no lugar, depressa. E sem fazer barulho.

C/REGRA - PASSOS SUBINDO ESCADA. DEPOIS SE AFROXIMANDO

FERNANDO - Ué! Já voltou?

BETO - É, voltaí. Achbi ursada deixá vocês aqui, sem janela, sem rádio, sem nada. E vim buscá vocês pra levá-los fundo do bar.

FERNANDO - É, por mim, tô muito bom aqui e já tava até dormindo quando os seus passo me acordaram. Só se o Nadinho que é.

NADINHO - É não. Prefiro dormi logo do que ainda tê que sei, caminhá até o bar e me acomodá de novo n'outra cama...

BETO - Não, mas eu acho melhor vocês irem.

FERNANDO - Você que sabe.

NADINHO - Não, não... a gente tá bom aqui... Pra que trocá? Não há necessidade. (DIZ A FRASE TODA MUITO NERVOSO)

BETO - Ué, rapaz, que é isso? Você parece nervoso, agotado...

FERNANDO - Tá. Ele tá muito nervoso com a perspectiva do trabalho de amanhã. Por isso acho que seria melhor deixá ele quieto aí. Tava um raquinho pra dormi e amanhã tava novo.

BETO - Tem remédio aí?

FERNANDO - Tem. Eu já tive olhando o arrastinho. Agora eu dou uma dose de

- pla de xax calmente pra êle, êle dorme logo.

BETO - Tá bem. Mais tarde eo volto por aqui.

FERNANDO - Oquêi.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM AFASTANDO, DEPOIS DESCENDO ESCADA E POR FIM FICHANDO PORTA AFASTADA COM GROSSA CHAVE.

FERNANDO - (DEPOIS QUE OS RUIDOS CESSARAM) Puxa vida! Que mau bocado nós passamos agora! E você quasi que bota a corrida fora, rapaz! Ficou branco como cera e tremia como vara verde.

NADINHO - (MUITO NERVOSO, emocionando-se AOS POUCOS, ATÉ DESATAR A CHORAR NA RUBRICA) Eu não posso, Fernando, eu não posso. Emprego toda a força que tenho, toda a energia que ainda consigo reunir lá no fundo do meu desespero, mas ainda assim o corpo me trai, o sangue me foge, a voz desaparece... eu não tenho forças pra fazê o que êles querem, não tenho. Meu desejo real é fugir... correr... correr... desaparecer no fundo da noite (GRANDEANDO)... e que nunca mais ninguém saiba de mim!... (CHORA UM MOMENTO) Pra que fui me meter nisso, pra que? Não sou velho nada, eu sou um verme. (CHORA SOLICANDO)

FERNANDO - Isso. Chore bastante que desabafar é bom. Depois desta crise você vai se sentir melhor. Foi a aproximação do perigo que o deixou assim. Você é homem, sim, Nadinho. Você é homem com H maiúsculo, porque aquele que tem a força necessária de reconhecer o seu êrro e procurar voltar do caminho do crime, êsse pq de se vangloriar de ser uma criatura excepcional. E você é. Agora venha me ajudar. Vamos apagar a fita, depressa e vamos ver se eu consigo sair pelo telhado e voltar antes que o Beto retorne. Se fizermos tudo isso, eu tenho a certeza de que estaremos salvos.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - (UM POUCO ENERVAQUECIDO) Que horas são, minha filha?

MÁRCIA - Pouco mais de meia noite. Quer tomar alguma coisa?

REGINALDO - Não, não tenho vontade. O que eu queria, verdadeiramente, era que você fosse se deitar. Eu estou bem.

- MÁRCIA - Mas deitar para que, Reginaldo, si eu sei que não vou dormir? Fico tão bem aqui, nesta poltrona; ela é tão cômoda.
- REGINALDO - Mas na cama sempre você ficaria melhor. Relaxaria mais os seus músculos e mesmo que não dormisse descansava mais.
- MÁRCIA - Não, Reginaldo, não se preocupe. Garanto-lhe que estou étimamente aqui. Melhor nem seria possível. Esta cadeira é sua mesmo, ou é da casa?
- REGINALDO - Essa cadeira o doutor Hermes me deu de presente o ano passado, no dia do pai. Eu disse a êle que tinha visto e tinha achado bonita, êle foi lá e comprou para mim.
- MÁRCIA - É uma gostosura. Parece que ela adere ao corpo, em vez do corpo se adaptar a ela, como sempre acontece.
- REGINALDO - Não vi Nadinho hoje; que aconteceu com êle?
- MÁRCIA - Tinha um jantar com amigos. Parece que aniversário de um deles. Vai voltar muito tarde, com certeza.
- REGINALDO - Eu me preocupo muito por causa daquele menino. Muito mais do que por Heloisa. Nadinho é frágil, não tem resistência física nem moral. Ao menor choque se abate totalmente. E o pior é que os outros já perceberam isto e jogam com êle como bem entendem.
- MÁRCIA - Fernando está ao lado dele e Fernando é muito forte. Muito seguro, mas bastante forte.
- REGINALDO - Eu não fazia fé com êsse rapaz, ao princípio. Achava que êle devia ser igual aos outros, mas felizmente me enganei desta vez. Pode-se dizer que êle é um lirio que floreceu no lodo, sem deixar que a sua brancura de alma fôsse atingida pelo barro fétido daquela sargata do mundo onde êle se meteu.
- MÁRCIA - É verdade. A alma do Fernando é tão pura que lembra bem um lírio. Foi uma feliz comparação essa sua. (PAUSA-TOM) Sabe que eu gosto muito dele?
- REGINALDO - Sei. Sinto isso na emoção da sua voz quando pronuncia o seu nome e no brilho dos seus olhos quando está ao lado dele. Não vai ser fácil vocês vencerem os obstáculos para chegarem ao casamento, mas acredito que com a sua fé inquebrantável você che-

gue, finalmente, ao resultado desejado.

MÁRCIA - Vou chegar, Reginaldo. Tem uma coisa aqui dentro de mim que me diz que eu vou chegar. Você não quer tomar uns golinhos de leite? Eu amorno ligeirinho pra você, no fogareiro de gaz.

REGINALDO - Não, não quero. Estou com muito mais vontade de conversar do que qualquer outra coisa.

MÁRCIA - Mas o caso é que você precisa se alimentar pra se fortalecer.

REGINALDO - Mas eu já me sinto bem mais forte, Márcia. Meu tronco é de madeira de lei, não quebra facilmente.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Ué, minha filha, quasi uma hora da manhã e você ainda acordada?

HELOISA - Estudando, papai. Tenho provas no fim desta semana e não estou muito bem na matéria. E o senhor?

HERMES - Trabalhei até agora. Estudando uns projetos de empréstimos que nos foram solicitados e aos quais devo dar o meu pronunciamento até amanhã à tarde. Durante o expediente do Banco você sabe como é. Não há possibilidade de se estudar nada. Entra um, sai outro, bate o telefone, chega um amigo para um ligeiro bate-papo, chega o cafézinho, entra o gerente para uma consulta e uma infinidade de outras coisas que não deixam a gente se concentrar.

HELOISA - Muito frio na rua?

HERMES - Olha, está sendo bastante a temperatura. Se continuar assim é bem capaz que venha uma geadasinha lá pela madrugada.

HELOISA - A gente aqui dentro, com o aquecimento, não tem nenhuma noção da temperatura lá fora, mas eu imaginei que estivesse bastante frio pelo que já estava ao escurecer, quando vim para casa. Quer que lhe faça um cafézinho ou aqueça um pouco de leite para o senhor tomar?

HERMES - Não, obrigado. A servente que cuida do bar lá no banco me trouxe uma taça de chocolate pouco antes de eu vir para casa, de sorte que não quero tomar mais nada hoje. Você vai ficar estudando até muito tarde?

HELOISA - Mais uma meia hora só, talvez. Tem um ponto, ainda, que eu quero

recapitular hoje porque assim amanhã já pago outra matéria.

HERMES - E seu irmão? Já está dormindo?

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO.

HELOISA - Nadinho? Não. Nadinho parece que tinha uma festinha hoje na casa de uma menina conhecida dele. Eu sei que até avisou que voltaria bem mais tarde.

HERMES - Você não acha que ele anda muito triste de uns dias para cá?

HELOISA - Nadinho é assim papai. Eu tenho a impressão que ele se apaixona pelas namoradas que arranja, depois leva o fora e fica triste. Mas isso passa. Amor de rapazote é como chuva de verão. Cai forte e passa logo.

HERMES - Ainda bem. O que acontece é que eu não gosto de ver meus filhos tristes, mesmo sabendo que a tristeza deles será passageira.

HELOISA - Óra, papai, deixe isso pra lá. Amanhã Nadinho estará outra vez bem, procurando outra e depois outra e mais tarde ainda outra, até acertar com a que será sua companheira inseparável para o resto da sua vida.

HERMES - Bem, minha filha, eu vou dormir. Boa noite e vá logo descansar.

HELOISA - (BEIJO) Boa noite, papai.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL. FUNDO COM RELÓGIO DE TORRE DE IGREJA, BATENDO, AO LONGE, DUAS BADALADAS.

FERNANDO - Pode falar o que quiser. Está desligado o gravador.

NADINHO - Você não acha que tá ficando muito tarde pra você sair? O Beto pode chegar antes que você volte.

FERNANDO - O Beto não volta, pode estar certo. Ele apenas disse que voltava pra fazer guerra de nervos, como é o seu costume. Eu tenho que sair de qualquer maneira, Nadinho. Tenho que procurar um telefone para ultimar as minhas providências. Acho que vou e volto em questão de quinze minutos. Principalmente agora que as telhas já estão viradas e já se ganha tempo.

NADINHO - Foi pena que não deu pra você sair naquela hora por causa daqueles vagabundo que resolveram conversar exatamente ali na esquina. Se não fossem eles, a esta hora já você podia estar de

volta e a gente de espírito mais descansado. Onde você pensa encontrá um telefone aqui por perto?

FERNANDO - Na bomba de gazelins, a umas três quadras daqui.

NADINHO - Mas a esta hora já deve tá fechada.

FERNANDO - Mas o cara dorme lá e ôle é meu chapa. Uma coisa nós não podemos esquecer; guarde bem.

NADINHO - O que é?

FERNANDO - De tornar e ligar o gravador, logo que eu tenha voltado.

NADINHO - Será que ainda tem alguém pela rua? A esta hora, eu acho que não.

FERNANDO - Eu vou tornar e subir e já ficamos sabendo. Se não tiver ninguém, eu desço pelo poste de luz que é mais garantido. A árvore está um pouco afastada, fica perigoso. Eu posso pular no galho e ôle não resistir ao peso de meu corpo e quebrar. Ai fica tudo perdido. No poste eu posso ser visto com maior facilidade, mas pelo menos a descida é muito mais segura.

NADINHO - E você já pensou na subida, Fernando? Não vai ser muito mais difícil?

FERNANDO - Não. Na bomba de gasolina há uma escada grande que está sempre deitada ao lado do muro. Eu trago pra cá, subo por ela e depois puxo-a para cima do telhado. Ela vai ficar lá pelo menos até que seja encontrada. Quer subir aqui pra me ajudar?

C/REGRA - RUIDO DE SUBIR EM GAMA. ARRASTAR UMA CADEIRA.

FERNANDO - Você firma um pé na cadeira e outro no varão da cama, porque na tela afunda e não dá firmeza! (PAUSA) Isso. Agora faça um estribo com as mãos para si subir nos seus ombros e deixe o resto por minha conta. (PAUSA) Isso. Agora vamos. Firma. hein? (OS DOIS GIREM DISCRETAMENTE COMO SE FIZESSEM ESFORÇO)

NADINHO - Deus?

FERNANDO - Deus. Daqui já posso ver uma parte da rua.

C/REGRA - ASSOBYO DE GUARDA NOTURNO (APITO) A UMA QUADRA DE DISTÂNCIA.

FERNANDO - (MELA VOZ - 2º PLANO) O guarda noturno vem cá. Já não vou poder descer agora. Mas vou ficar aqui em cima mesmo. Assim que ôle se afastar eu desço.

NADINHO - (TOM DE SEGREDO, PROJÉTANDO) Veja se não demora, Fernando. Eu vou ficar muito nervoso aqui sózinho.

FERNANDO - (AFASTADO, PROJÉTANDO, TAMBÉM TOM DE SEGREDO) Eu já disse a você que, no máximo, vou precisar de vinte minutos. Fique pedindo a Deus que tudo corra bem.

C/REGRA - APITO DE GUARDA NOTURNO, AFASTADO, UM POUCO MAIS AFASTADO DO QUE DA VEZ ANTERIOR.

FERNANDO - O apito já está mais longe. Acho que dentro de uns dez minutos, se tanto, já vou poder descer.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - (MEIA VOZ) Você ainda está acordada, Heloisa?

HELOISA - Ainda. Que horas são?

MÁRCIA - Deas e quinze da manhã. Por que não foi deitar?

HELOISA - Eu fui, mas... não consegui dormir, levantei outra vez.

MÁRCIA - Olhe, tome um pouquinho de leite morno. Faz tão bem. Eu tinha aquecido para mim mas depois faço ~~uma~~ ^{outro} num instante. Tome. Você não jantou, pode ser até que seja fraqueza.

HELOISA - Não é fraqueza, não, ~~Helena~~ Márcia, é preocupação. Para preocupação. É uma coisa exquisita. Eu sinto o coração apertado, como daquela vez em que aconteceu aquele desastre com Cíntia e ela morreu.

MÁRCIA - É que você está nervosa, ou melhor, todos estamos nervosos e quando a gente está assim começa a ver tudo através de lentes escuras. (TOH) Vá tomando o leite, vá.

HELOISA - Reginaldo dormiu?

MÁRCIA - Felizmente. Está também muito preocupado porque Nadinho não voltou para casa.

HELOISA - Ele sabe alguma coisa?

MÁRCIA - Não. Eu disse a ele que havia uma festinha na casa de uma das amiguinhas de Nadinho e que ele tinha resolvido atender a um convite recebido.

HELOISA - Márcia, eu não sei até quanto tempo vou poder resistir à tensão dos meus nervos. Há momentos que eu tenho vontade de gritar, gri

tar até não ter mais forças dentro de mim e então me deixar ca-
ir exânime.

MÁRCIA - Eu entendo. E seria muito bom se você pudesse fazer isso, por-
que então aliviaria a tensão dos seus nervos, mas infelizmente
nós temos que aguentar firmes e não fraquejar, Heloisa. Você
está assim pelo Madinho, eu tenho dois lá.

HELOISA - Mas você tem uma grande coisa que a sustenta: a fé em Deus que eu,
desgraçadamente não tenho.

MÁRCIA - Procure ter e há de ver o bem que ela lhe fará.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL - FUNDE COM RELÓGIO BATENDO TRES HORAS.
MÚSICA DE GRANDE TENSÃO NERVOSA EM BG.

NADINHO - (PROJETANDO, VOZ DE SEGREDO) Ainda não, Fernando?

FERNANDO - (2º PLANO, PROJETANDO, VOZ DE SEGREDO) Parece que desta vez vai
dar. Pelo menos não há ninguém de um lado, nem de outro ^{de outro} _{de outro} ^{Vou}
descer, Nadinho.

NADINHO - (IDEM) Vai com Deus. Si é que ele realmente existe, que te
ajude nesta hora. (PAUSA LONGA) Vinte minutos. Vou ter que
esperar vinte minutos até que Fernando volte. Como vão ser
longos ^{uns minutos} _{longos}, principalmente, pelo pavor de que Beto possa
chegar de repente e não encontrar Fernando. Não quero nem pen-
sar no que poderia acontecer. (PAUSA LONGA) A esta hora Fer-
nando já deve ter descido. Já deve estar a caminho da bomba
de gasolina para falar no tele...

OPERADOR - TRES OU QUATRO TIROS DE ESPINGARDA, LÁ FORA, NA RUA.

NADINHO ^(Abalado) - MEU DEUS!... Tiros!...

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL, MUSICA DE GRANDE TENSÃO EM FUNDO.

NADINHO ^(Depois de pausa) - Fernando!... Foi nele que atiraram, com certeza!... Fernando... ^(Chorando em desespero)
Fernando, por favor... (CHORANDO) Não me deixe sózinho!...
Eu preciso de você, Fernando!... Eu preciso de você!... (DESA -
TA A SOLUÇAR PERDIDAMENTE)

OPERADOR - VAI ENTRANDO COM A CARACTERÍSTICA ATÉ ABAFAR OS SOLUCOS DE NADI-
NHO.

LOCUTOR - Este foi o vigésimo oitavo capítulo da novela de Érico Cramer,
etc. etc. etc. (RELAÇÃO dos ARTISTAS) Ouça amanhã etc. etc.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ENCLERRAMENTO.

c/Regia

Voz 1

- Novela de ERICO CRAMER -

29º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o vigésimo oitavo capítulo desta novela, deixamos Nadinho e Fernando em algum lugar não identificado, de onde Fernando procurava escapar pelo espaço mínimo de vinte minutos, afim de completar um plano não revelado e com o qual pretendia salvar seu amigo, inocentando-o do ataque ao diretor do Banco Industrial, pai de Nadinho, ataque este que estava marcado para o fim da tarde seguinte. Beto os deixara fechados num sótão sem janelas e com um aparelho gravador em baixo da cama, o que eles, por acaso, descobriram, apagando a fita e desligando-o, até que tivessem combinado todos os pormenores do contra-ataque que projetavam. E a conversa entre os dois foi interrompida, mais ou menos, neste ponto:

*07. 11.
2011*

OPERADOR - CARACTERÍSTICA SOBRE - VAI BAIXANDO E SOME.

FERNANDO - (DE 2º PLANO, PROJANTANDO, EM VOZ DE SEGREDO) Parece que desta vez vai dar. Pelo menos não há ninguém de um lado nem de outro da rua. Vou descer, Nadinho.

NADINHO - (PROJANTANDO, TAMBE, VOZ DE SEGREDO) Vai com Deus. Si é que Ele realmente existe, que te ajude nesta hora. (PAUSA LONGA) Vinte minutos! Vou ter que esperar vinte minutos, até que Fernando volte! Como vão ser longos, esses minutos! Longos, principalmente, pelo pavor de que Beto possa chegar, de repente, e não encontrar Fernando. Não quero nem pensar no que poderia acontecer. (PAUSA LONGA) A esta hora Fernando já deve ter decidido. Já deve estar a caminho da bomba de gasolina para falar no tele...

OPERADOR - TRIS OU QUATRO TIROS DE ESPINGARDA, LÁ FORA, NA RUA.

NADINHO - (ADAPADO) Meu Deus!... Tiros!...

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL, MÚSICA DE GRANDE TENSÃO EM FUNDO.

NADINHO - (DEPOIS DE PAUSA) Fernando!... Foi nele que atiraram, com cegateza!... (CHAMANDO, EM DESUSPIERO) Fernando... Fernando... por

favor... (CHORANDO) Não me deixe sózinho!... Eu preciso de você, Fernando!... Eu preciso de você!... (DESATA A SOLUCAR PERDIDA MENTE) E agora, meu Deus?! Que poderei fazer? Que poderei dizer ao Beto, quando ele chegar?!... E o que terá acontecido a Fernando? Estará ferido? Estará morto? De qualquer forma perdi meu companheiro de luta e estou inteiramente só.

FERNANDO - (DE 2º PLANO, PROJETANDO, VOZ DE SEGREDO) Nadinho! Você ouviu?

NADINHO - (ALUCINADO) Meu Deus!... Não será ilusão minha?!... Será mesmo a voz de Fernando que eu estou ouvindo?!...

FERNANDO - (IDEM) Claro, rapaz, sou eu. Você ouviu os tiros?

NADINHO - Ouvi. Ouvi e fiquei quase louco, pensando que pudessem ter acertado em você.

FERNANDO - Por pouco teriam me pegado.

NADINHO - Desça logo.

FERNANDO - Espere. Vou botar as telhas no lugar, primeiro.

C/REGRA - RUIDO DE COLOCAR TELHAS EM CIMA DAS OUTRAS, EM 2º PLANO.

FERNANDO - (DEPOIS DE PAUSA) Agora não vai dar mais para sair. Com toda a certeza quem deu os tiros vai ficar cuidando o telhado.

NADINHO - Quem seria? O guarda noturno?

FERNANDO - Não acredito. Acho mais provável algum vizinho. Os tiros eram de carabina. (NOVA PAUSA. CONTINUA O RUIDO DE TELHAS.) Pronto, as telhas estão todas colocadas.

C/REGRA - SUSPENDE O RUIDO DE TELHAS.

FERNANDO - Tire a cadeira de cima da cama que eu pulo, daqui, na tela.

C/REGRA - RUIDO DE BOTAR CADEIRA NO CHÃO.

NADINHO - Pronto. Pode pular.

C/REGRA - RUIDO DE UM CORPO QUE PULA DE CIMA SOBRE A TELA DE UMA CAMA.

FERNANDO - Pronto. Não pude sair. Seja o que Deus quiser.

NADINHO - Levei um susto tão grande! (CHORANDO) Pensei que ia ficar sózinho!...

FERNANDO - E quase ficou, mesmo, mas agora estamos juntos outra vez e

juntos havemos de enfrentar o que estiver para acontecer.

NADINHO - (CONTINUA CHORANDO BAIXO)

FERNANDO - Isso, chore. Chore que você alivia o seu coração. E depois que tenha relaxado seu nervos, vamos tratar de ligar outra vez o gravador e não esquecer que só poderemos falar coisas que não nos comprometam.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL. FUNDE COM RELÓGIO DE TORRE. BATE DO SKIS HORAS

REGINALDO - Seis horas?

MÁRCIA - Seis horas, sim. Veja se consegue dormir mais um pouco. É muito cedo.

REGINALDO - Não, não vou dormir mais. Não tenho mais sono.

MÁRCIA - Então está aqui seu copinho de aveia que eu terminei de fazer há pouquinho. Inda está quente, veja.

REGINALDO - Você não dormiu, pelo que estou vendo...

MÁRCIA - Dormi, sim. Dormi muito bem, até. Acordei cedo, realmente, mas também não deitei tarde. (TOM) Quer um pouco mais de açúcar?

REGINALDO - Não, está bom, assim, obrigado.

OPERADOR - SINO BADALANDO AO LONGE, CHAMANDO PARA MISSA.

MÁRCIA - Eu hoje precisava de um grande favor seu, Reginaldo.

REGINALDO - ~~Qual~~ Favor? Mas tudo que eu puder fazer por você será obrigação, Márcia. Favor, nunca.

MÁRCIA - Favor, sim. Sabe o que eu quero? Gostaria de ir à missa no Convento do Carmo, às seis e meia. Mas para isso precisaria da sua promessa formal de que você não se levantaria da cama até que eu voltasse. Eu hoje preciso comungar, Reginaldo.

REGINALDO - Por que? É alguma data especial?

MÁRCIA - Não... quer dizer... é e não é. É uma data especial minha, entende?

REGINALDO - Você pode ir descansada que eu prometo que não sairei daqui. Nadinho voltou pra casa?

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO.

MÁRCIA - (MENTINDO) Voltou, sim. Voltou muito tarde, mas voltou. Eu

senti quando êle entrou e, logo depois, quando mexeu na geladeira. Com certeza vai dormir até muito tarde.

REGINALDO - A que horas é a missa que você deseja ir?

MÁRCIA - Às seis e meia.

REGINALDO - Então você tem que tratar de ir andando. O Convento do Carmo não é assim tão perto.

MÁRCIA - Mas eu vou apanhar um táxi. Em cinco minutos estou lá. Há tempo de sobra. Pode tomar a sua aveia bem descansado.

REGINALDO - Mas você não precisa esperar que eu termine. Ponho o copo aqui, na mesinha de cabeceira. Vá, então, para não chegar atrasada.

MÁRCIA - Olhe a promessa que me fez, hein? Veja lá. Eu vou confiar em você, Reginaldo. Em quarenta minutos eu devo estar aqui de volta.

REGINALDO - Vá descansada, já disse. Não me levantarei daqui pra nada.

MÁRCIA - Muito bem. Então até já.

REGINALDO - Até já. Vá e volte com Deus.

MÁRCIA - Obrigada.

C/REGRA - PASSOS DE MÁRCIA QUE SE AFASTAM E SONEM.

REGINALDO - (PARA SI MESMO) Vou esperar que ela vá e depois vou ao quarto de Nadinho para ver si êle realmente veio dormir em casa. Estou muito desconfiado com a festinha de ontem e com essa comunhão de hoje. Nadinho nunca foi de festinhas de moças e Marcia também nunca foi dada a sair de madrugada para fazer comunhão. Estas duas estórias não foram bem contadas.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DOQUINHA - Xente! Inté que hora vancéis vai drumi? São quási sete hora da manhã. O café tá aqui, dispois vancéis vai ricraná que tá frio e eu num tenho culpa. Tá bem quentinho, ó. Tá inté fumijando. (CHAMANDO MAIS FORTE) Xente, bamo. Chega de olá pa dentro. Si acórde, ande.

FERNANDO - (ACORDANDO E BOCEJANDO) Tá é chata, hein Doquinha? Não deixa a gente nem dormir descansado.

DOQUINHA - Ingraçado! Sabe que hora seu Fernando? Quasi sete hora. Tu

acha que ainda é cedo? Cedo alivanta o galo que já cantô, ó, faiz hora. E como cantô o desgraçado! Eu tenho uma gana da quele galo da minha vizinha, uma vontade de fazê uma canja, pra êle deixa a gente drumi direito! Mas quarqué dia eu faço.

FERNANDO - Puxa vida! Só café com leite, pão e manteiga?

DOQUINHA - E o que é que tu quirie mais? Jaléia? Chicolate, queijo parmi-
jão? Vai vê se tu tem isso na tua casa, vai.

FERNANDO - Graças a Deus! Um queijinho, um pouquinho de mel, uns biscoi-
tinhos, sempre tem.

DOQUINHA - (DEBOCHANDO) Só isso? Eu pensei que ainda tinha selame, prusun-
to, patê de fôis gróis, mortandola e outros agridente.

FERNANDO - Estés duvidando que eu tenha mel, biscoitos e queijo? Pois qual-
quer dia vou te convidar pra tomar café na minha casa só pra tu veres.

DOQUINHA - É mêmô?! O sinhô vai me convidá pra tomá café na sua casa?
Mas adonde? Na cozinha eu num vô.

FERNANDO - Que cosinha, nada. Claro que vai ser na mesa, junto comigo.
Então eu vou te convidar e vou te botar na cosinha? Isso nem
tinha cabimento. (COM) Puxa as pernas do Nadinho, ali, senão
êle não acorda.

DOQUINHA - (COMO SE PUXASSE) Seu Nadinho! Seu Nadinho! O café té esfriam-
do. Seu Nadinho, baco. Óia o café, diabo.

NADINHO - (ACORDA ASSUSTADO) Han?... Han?... Que foi? Eles te acertaram,
Fernando?

FERNANDO - (ALTO) acorda, rapaz. Acertaram coisa nenhuma. Esté sonhando
bobagens e não sabe o que está dizendo. É o café, Nadinho.

NADINHO - Ah, o café. Eu tava sonhando.

FERNANDO - Nós percebemos. Venha tomar o seu café de uma vez, antes que
esfrie.

NADINHO - Vou passá uma ague no resto, sinão vou dormi em cima da chica-
ra.

C/REGRA - PASSOS DE NADINHO QUE SE AFASTAM UM POUCO E PARAM. RUIDO DE
DESPEJAR AGUA DE UM JARRO NUMA BACIA.

~~FERNANDO - Vou passá uma ague no resto, sinão vou dormi em cima da chica-
ra.~~

FERNANDO - (SEGREDO). Doquinha, eu preciso de você. (RÁPIDO) Não, não. Fique quieta, não fale. O Nadinho não pode ouvir. Ele está muito nervoso. Entregue este bilhete ao Homero, na bomba de gasolina, o mais depressa que você puder e não fale a ninguém sobre isto, por favor. A ninguém, ouviu bem? Depois eu vou lhe pagar muito bem, este serviço.

NADINHO - (DE SEGUNDO PLANO) Puxa, que água fria, credo!

DOQUINHA - (PROJETANDO) Dixa que eu vou mandá fazê uma intalação de água ferventes pra tu lávã tua fuça, no próchimo veraneio.

(TOM) Tá bão, eu vou descê que tenho que fazê lá em baixo.

FERNANDO - Vai. E vê se faz uma gororoba bem boa pra gente ao meio dia, tá?

DOQUINHA - Vou fazê virado de buxo, com arroiz e couve. É este o menú de hoje. Quem não gostá pode mandá vim comida de fora em vianda que eu não me incomodo. Tchau.

FERNANDO - Tchau. Não vai te esquecer de fazer o almoço bem direitinho, hein?

DOQUINHA - (SIGNIFICATIVA) Pode deixá. Eu sei fazê dereitinho virado de buxo. O sinhô vai gostá. Vai ficá sastifeito.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E DEPOIS DESCEM ESCADA.

NADINHO - (CHEGANDO) Está bom o café?

FERNANDO - Está, mas você já não vai tomar muito quente.

NADINHO - Não faço questão. Não tenho nem muita vontade de tomar café. É só para não ficar de estômago vazio.

FERNANDO - Então manda braza que eu já estou servido e não quero mais.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Como é que passou a noite? Dormiu bem?

REGINALDO- Muito bem. Pode-se dizer que a noite toda. Acordei duas vezes mas logo em seguida tornei a dormir.

HELOISA - A Márcia não ficou aqui com você?

REGINALDO- Ficou. Não está aí, agora, porque foi à missa. Queria comungar hoje, não sei porque. Já deve estar voltando.

HELOISA - Ela tem sido incansável com você; não Reginaldo?

REGINALDO- Desvelada. Uma filha, que eu tivesse; não me daria tanto ca

rinho, tanta dedicação e tanto cuidado. Não há geito de querer deitar-se. Fica a noite inteirinha sentada naquela poltrona e, ao menor movimento que eu faça, está de olhos abertos perguntando se quero alguma coisa. E estou começando a ficar aflito. Acho que ela deveria descansar.

HELOISA - Este noite vou fazer-lhe a proposta de ficar eu em seu lugar.

C/REGINA - PASSOS DE MÁRCIA QUE SE APROXIMA.

MÁRCIA - Pronto, Reginaldo, já estou de volta. Alô, Heloisa, você está aqui? Se soubesse não teria corrido tanto.

HELOISA - Você devia ter me chamado antes de sair. Não me custava nada vir ficar aqui.

MÁRCIA - Mas ele me prometeu que ficaria quietinho, eu acreditei. Ficou, não ficou?

REGINALDO - Claro que fiquei. Não me mexi da cama. Nem sequer me sentei.

MÁRCIA - E você, Heloisa? Conseguiu dormir?

HELOISA - Um pouco, sim. Mas não descansei porque os sonhos que tive foram verdadeiros pesadelos. Esta noite, se me acontecer outra vez a mesma coisa, vou tomar um sedativo, senão chega de manhã estou cansadíssima que parece que trabalhei a noite inteira. É horrível.

REGINALDO - Você tem algum motivo particular que lhe roube o sono, Heloisa?

HELOISA - Não. As preocupações naturais que todos temos. Só isto.

MÁRCIA - Você vai ficar aqui mais um pouco, eu vou tomar o meu café.

HELOISA - Fico, sim. Pode ir e sem pressa. Eu não tenho aula de manhã.

MÁRCIA - Então com licença. Eu volto já.

C/REGINA - PASSOS DE MÁRCIA QUE SE AFASTAM E SE SOMEM.

REGINALDO - Coitada da Márcia! Ela estava muito preocupada, de manhã cedo, eu senti, mas agora, depois da comunhão, parece que voltou mais tranquila. Coisa boa é ter fé.

HELOISA - Deve ser. Eu tenho, hoje, uma inveja enorme das pessoas que ~~grax~~ creem no amanhã; das pessoas que acreditam num pai supremo que rége os destinos do mundo e ajuda aos que a Ele se dirigem com sinceridade; das pessoas que confiam em que os sofrimentos são

são os degraus que a gente vai subindo para chegar mais perto da perfeição. Tenho inveja porque pensando assim a gente aceita com mais resignação as adversidades.

REGINALDO - Por que você não procura se aproximar de Deus, minha filha? Se você tem inveja das pessoas que creem, procure imbuir-se de fé, buscando Deus. Ele a receberá de braços abertos como a todos que o procuram.

HELOISA - Não sei nem rezar, Reginaldo. Nunca ninguém me ensinou.

REGINALDO - Não é bem assim, minha filha, não é bem assim. Você é que nunca quis aprender.

HELOISA - Ou isso.

REGINALDO - Mas se você conversar com Deus à seu modo, com palavras suas e não as das orações formais, nem por isso Ele deixará de ouvi-la e de atendê-la, pode estar certa.

HELOISA - Eu vou tentar, Reginaldo, não custa. Preciso me amparar em alguma coisa, preciso. Tenho a alma completamente despida... e sinto frio!

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - Bem, cada um de vocês já sabe o que tem que fazer e espero que na hora não vá fazer bobagem.

NADINHO - E eu fico lá dentro com o velho, depois que tudo terminá?

BETO - Claro. Agora as coisa que você vai dizer pra se justificá, isso é lá com você. Você pode inventá o que quiser.

NADINHO - Eu vou fingi que ele me atraçou; acho melhor.

FERNANDO - Pode. Mas também pode dizer que na hora que você ia entrá no gabinete, que ele surgiu você não sabe de onde, encostou um revólver nas suas costas e lhe fez representar aquela farsa.

BETO - Bom, pra nós isso não interessa. O que interessa mesmo é o dinheiro. Quanto é que você acha que eles podem tê hoje de encaixe?

NADINHO - Calculo que mais ou menos a mesma coisa de ontem; de duzentos a trezentos milhões de cruzeiros. É uma boa safra; não é?

BETO - Se a gente conseguiu botá a mão, é. Mas eu só acredito no negócio depois dele terminado e a grana na unha.

- FERNANDO - Eu não entendi porque motivo não devo disfarçar a minha fisionomia. Palavra que não entendi. Pois se os outros vão disfarçar dos só eu e Nadinho que não?
- BETO - Ah e você queria que se disfarçasse o Nadinho pro pai não conhecê ele e não deixá ele entrá?
- FERNANDO - Não, o Nadinho não, porque é lógico que ele precisa ser reconhecido pela turma pra facilitar a entrada do Sarará. Mas eu. Eu não sei porque devo mostrá a minha cara.
- BETO - Ninguém vai sabê que tu tá no complot, sapaz. Tu vai entrá lá como amigo do Nadinho pra procurá ele, mas na verdade tu vai dá cobertura pra retirada do Sarará. Tu te apertando, pode até fingi que tá prendendo ele, entende?
- FERNANDO - Bem, seja lá o que Deus quizer. O negócio está planejado e tem que ser feito como vocês querem. Nós só temos que obedecer.
- BETO - E procurá fazê tudo conforme foi estudado que é pra não havê de sencontro. Tão pronto? Podemos descê?
- NADINHO - Mas não é cedo, ainda? Não é pra sê no fim do expediente?
- BETO - É, mas a gente chega lá tem que procurá estacionamento pro carro, que dizê... o carro que vai levá vocês, porque o outro, pra fugi, já tá lá perto da porta do Banco desde madrugada. Foi eu que deixei ele lá. O número da placa tá aqui, pra vocês, mas antes nós vamo passá por ele pra vocês verem bem onde ele está e conhecê o motorista. Ele vai tá de camisa encarnada pra chamá bem a atenção de vocês. Quando vocês entrarem no carro, podem deixá tudo com ele que ele já sabe o que tem que fazê.
- FERNANDO - O quê.
- BETO - Vamo descê, então.
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL
- EUGÊNIA - Minha filha, onde é que anda o seu irmão que hoje não o vi de manhã, nem na hora do almoço?
- HELOISA - Pois ele telefonou ontem, mãe, avisando que não viria dormir em casa porque hoje iam sair muito cedo para uma pescaria ou um churrasco, eu nem sei bem.

- EUGÊNIA - Mas como? Não foi você mesma que me disse, ontem, que ele ia a uma festinha de aniversário e por isso ia voltar muito tarde?
- HELOISA - Eu lhe disse? Ah, sim, sim, tem razão. Foi isso, sim. Aconteceu que lá resolveram o tal churrasco ou pescaria e ele então tornou a telefonar, avisando que só viria hoje de noite para casa.
- EUGÊNIA - Ah, bom. Vocês não me avisam as coisas, si eu não pergunto nem fico sabendo o que se passa aqui em casa.
- HELOISA - Mas mãe, a senhora tem que concordar que é muito difícil a gente pegar a senhora em casa então a gente não diz na hora e depois esquece. A senhora vai sair?
- EUGÊNIA - Acho que vou ao Banco, que esqueci de pedir dinheiro ao seu pai e depois vou a um chá jogo em benefício das Voluntárias.
- HELOISA - Mãe, a senhora não se cansa dessas coisas, não? Eu acho tudo isso tão aborrecido.
- EUGÊNIA - É que você tem um gênio exqu岸ito; não gosta de sociedade. Para quem gosta, como eu, essas coisas não cansam. E depois não é todo o dia.
- HELOISA - (FAZENDO IRONIA) Não, que esperança! É um dia sim e outro também. Vou lhe dizer que é raro o dia em que a senhora não tem um compromisso de sociedade. Por isso, exatamente, é que eu lhe perguntei se a senhora não cansa. Eu acho que se fizesse a vida que a senhora faz, morreria de tédio.
- EUGÊNIA - Eu digo exatamente o contrário: se não fizesse esta vida é que morreria.
- HELOISA - É, cada um tem seu gosto e não adianta discutir. A senhora já foi ver o Reginaldo?
- EUGÊNIA - Ainda não. Antes de sair vou dar uma chegadinha lá. Você vai sair agora?
- HELOISA - De qui a pouco mais. Tenho aula às quatro e meia na Faculdade. Por que?
- EUGÊNIA - Quatro e meia é cedo, não su ia lhe pedir carona. Não faz mal eu tomar um taxi. Estou sem carro, hoje. Ele foi para a oficina fazer revisão.

HELOISA - O meu também está precisando, mas nunca chega o dia em que me pareça que posso dispensá-lo. Bem, mãe, eu vou andando. Tchau e divirta-se no seu chá-jogo.

EUGENIA - Obrigada, minha filha e você também tenha uma tarde boa na Faculdade.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

VOZ - VOZ (FALANDO PELO DITAFONE) Doutor Hermes...

HERMES - Pode falar.

VOZ - (IDEM) Está aqui seu filho com um amigo.

HERMES - Pode deixar entrar. (TOM) Deve ser para pedir dinheiro, mas ele anda tão comportado que eu não vou poder dizer que não. A não ser, naturalmente, que venha me pedir um absurdo.

NADINHO - (2º PLANO) De licença, papai?

HERMES - Pode chegar, meu filho.

C/REGRA - RUIDO DE FECHAR PORTA EM 2º PLANO. PASSOS DE DUAS PESSOAS SE APROXIMAM.

NADINHO - Este é meu amigo Walter que quer falar com o senhor. Ele sofreu um desastre de automóvel por isso tá assim todo envelopado.

HERMES - Muito prazer. Tenha a bondade de sentar-se.

VOZ 1 - Prazer.

NADINHO - Papai, eu precisava ir no banheiro um bocado. Posso?

HERMES - Mas é claro, meu filho. Esteja à vontade.

C/REGRA - PASSOS DE NADINHO QUE SE AFESTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO

HERMES - Muito bem. Eu estou ao seu inteiro dispor. O Nadinho disse que o senhor queria falar comigo.

VOZ 1 - (DURA) Quería. Tá vendendo isso aqui? Telefona pra caixa e pede pra mandá trezentos milhão aqui em cima. Agora, já. Vamo, vamo, não tu marcha.

HERMES - (SUPER ABAFADO, DESILUDIDO, QUASI MORTO DE DOR) Meu Deus!... Será que estou sonhando? Não pode ser... Não pode ser...

VOZ 1 - Vamo, vamo. Vai telefoná ou não vai? E é agora, já. Trezentos milhão. Não já sabe. Morre tu e o teu filho.

HERMES - (VENCIDO) Está bem. Da telefono.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL FUNDE COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

- Novela de ÉRICO CRAMER -

30º CAPÍTULO

Voiz 1

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao final do vigésimo nono capítulo desta novela, deixamos o ~~dueto~~ doutor Hermes em seu gabinete, no Banco Industrial, recebendo a visita de seu filho Nadinho, acompanhado por um outro rapaz que levava a cabeça toda enfaixada, só descobertos os olhos, e sob alegação de que sofrera um desastre de automóvel. E a cena foi interrompida, mais ou menos, neste ponto:

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, BAIXA E SOME

NADINHO - Este é o meu amigo Walter que quer falar com o senhor. Ele se freu um desastre de automovel, por isso está assim todo enve-lopado.

HERMES - Muito prazer. Tenha a bondade de sentar-se.

VOZ 1 - Prazer.

NADINHO - Papai, eu precisava 1 no banheiro um bocadinho; posso?

HERMES - Mas é claro, meu filho, esteja à vontade.

C/REGRA - PASSOS DE NADINHO QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

HERMES - Muito bem. Eu estou ao seu inteiro dispor. O Nadinho disse que o senhor queria falar comigo?

VOZ 1 - (DURA) Queris. Tá vendo isso aqui? Telefona pra caixa e pe de pra mandá trezentos milhão aqui em cima. Agora, já. Vamo, vamo, sinão tu marcha.

HERMES - (SUPER ABAFADO, DESILUDIDO, QUASI MORTO DE DOR) Meu Deus!... Será que estou sonhando? Não pode ser... não pode ser...

VOZ 1 - Vamo, vamo. Vai telefoná, ou não vai? R é agora, já. Trezentos milhão, sinão já sabe. Morre tu e o teu filho.

HERMES - (VENCIDO) Está bem. Eu telefono.

C/REGRA - DISCA TRES NÚMEROS

HERMES - Alexandre, Hermes falando. Qual é a disponibilidade de caixa que você tem? Veja aí e me avise em seguida.

C/Reg - Fone no ganchu

07.M.
2011

C/REGRA - RUÍDO DE BOTAR FONE NO GANCHO

HERMES - Ele já vai ver. Num minuto diré quanto temos.

VOZ 1 - Manda botá numa pasta tudo que tivé no cofre e trazê agora aqui em cima. Mas não deixa êle entrá na sala, faz êle voltá da porta.

C/REGRA - CHAMADA DE TELEFONE. - LEVANTAR FONE DO GANCHO

VOZ 2 - (FILTRO) Doutor Hermes, a disponibilidade, no momento, é de duzentos e vinte milhões.

HERMES - Muito bem. Ponha êsse dinheiro todo numa maleta ou numa pasta e traga aqui em cima agora.

VOZ 2 - (FILTRO) Sim senhor. Vou levar em seguida.

C/REGRA - DESLIGA TELEFONE

HERMES - Ele já vai trazer.

VOZ 1 - Vamo ali pra perto da porta.

C/REGRA - AFASTAR DE CADEIRA E PASSOS DOS DOIS UNS MOMENTOS.

VOZ 1 - Abre só uma fresta da porta, recebe a pasta e manda o cara de volta. (CESSAM OS PASSOS)

HERMES - Posso lhe fazer uma pergunta?

VOZ 1 - Que é?

HERMES - Meu filho está metido nessa estória? Por favor, diga-me a verdade.

C/REGRA - O TELEFONE COMEÇA A TOCAR, CHAMANDO

VOZ 1 - Não atenda. Fique aqui.

HERMES - Mas pode ser, inclusive, o tesoureiro, pedindo qualquer instrução.

VOZ 1 - Não atenda, já disse.

HERMES - Está bem. Quer responder à pergunta que eu lhe fiz?

VOZ 1 - Que pergunta?

HERMES - Se meu filho está metido nessa estória? Isso me interessa muito mais do que o dinheiro todo que vou perder.

VOZ 1 - Tá demorando demais êsse negócio. O dinheiro já devia tá aqui.

HERMES - O rapaz já deve vir em caminho. Embora haja um elevador direto aqui para a sala da diretoria, botar tanto dinheiro numa maleta sempre leva algum tempo. Mas por favor responda à minha pergun

ta. Meu filho tem parte nessa trama? Diga a verdade. Eu preciso saber. Fale depressa.

C/REGRA - DUAS BATIDAS NA PORTA

VOZ 1 - Vamos, abra. Ligeiro, ligeiro, vamos.

HERMES - Responda, antes, ao que eu perguntei, por favor.

VOZ 1 - (FURIOSO, AMEACADOR, MAS CONTIDO) Abra essa porta, já disse.

C/REGRA - RUIDO DE ABRIR PORTA

HERMES - Obrigado, Alexandre. Depois eu mando a você o comprovante. Daqui a pouco mais.

C/REGRA - RUIDO DE FECHAR PORTA

HERMES - Pronto, aqui está a pasta, mas agora me responda...

VOZ 1 - (CORTANDO, RÍSPIDO) Pra dentro do banheiro agora, já.

C/REGRA - PORTA ABRE MEIO DE SOPETÃO.

FERNANDO - Deixe o velhote por minha conta e desce logo pela escada que o elevador pode demorar.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTA CORREUDO. PORTA QUE FECHA QUASI COM ESTOURO. AO FECHAR A PORTA CESSAM AUTOMÁTICAMENTE OS PASSOS.

FERNANDO - Acalme-se doutor Hermes. O dinheiro não vai sair de dentro do Banco. A polícia está avisada e todas as portas estão bloqueadas para prender o homem com a cabeça coberta por ligaduras. Onde está Nadinho?

HERMES - No banheiro. Mas espere. Antes de chamá-lo, eu preciso saber: meu filho tomou parte neste assalto?

FERNANDO - Forçado pelos assaltantes, da mesma forma que eu, entende? (CHAMANDO) Nadinho, pode vir. Ele já foi.

HERMES - Você disse que o dinheiro não vai sair de dentro do banco?

FERNANDO - Disse. O assalto foi denunciado à polícia e ele será preso ao sair.

C/REGRA - PASSOS VAGAROSOS DE NADINHO, SE APROXIMANDO

FERNANDO - Eu já expliquei a nossa situação ao seu pai, Nadinho.

NADINHO - É velho, eles nos obrigaram, entende? (TOM) Eu ouvi o que você disse sobre o dinheiro. Você deu parte à polícia?

FERNANDO - Dei. A esta altura ele já deve estar sendo preso, lá na porta.

FERNANDO - Mas está demorando o alarme. Eu vou ver o que há.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E PORTA ABRE E FECHA EM SEGUNDO PLANO

NADINHO - Velho, eu espero que tu... (SUSTO) Que é velho? Tá tonto?
Senta aqui.

HERMES - (OFEGANTE) Não é nada... não se assuste... vai passar...

NADINHO - Assim. Encosta a cabeça pra traz. Eu vou vê um pouco dagua pra tú tomá que vai...

OPERADOR - TIROTEIO DE REVOLVER EM 3º PLANO, A SEGUIR SIRENA DE ALARME

NADINHO - Pronto. O Sarará reagiu. Que estará acontecendo lá fora, meu Deus?!... Espera, velho. Só um bocadinho. Eu vou chamar alguém que possa fazê alguma coisa por ti.

HERMES - Chama... ali... no ditafone...

NADINHO - Aqui? Meu Deus, como se maneja isto?

HERMES - Só levantar... e falar...

C/REGRA - RUIDO DE LEVANTAR FONE DE APARELHO.

NADINHO - Um médico no gabinete do doutor Hermes, depressa. Um médico no gabinete do doutor Hermes... Um médico...

OPERADOR - SIRENA DE POLÍCIA, CHEGANDO - FUNDE COM CORTINA MUSICAL VIOLENTA

DINAH - Lindaure de Deus!... Eu estava esperando que você chegasse a qualquer momento. Você veio, naturalmente, pela notícia do jornal; não foi?

LINDAURA - Claro que foi. Por que mais haveria de ser? Quando eu vi aqui lo tudo em letras garrafais na primeira página da Zero Hora... eu vou te contar que quasi tive um chillique. E eu não sou mulher desses fricotes, você me conhece. Fui imediatamente para o telefone porque eu queria notícias do Hermes, mas eu tenho a impressão de que o telefone está desligado porque dá, constantemente o sinal de ocupado.

DINAH - Muita gente falando para lá, naturalmente. Eles são tão relacionados...

LINDAURA - Não, não, eu acho que o telefone está dáta desligado, sinão eles teriam que tar uma pessoa especialmente só para atender.

DINAH - Bom, isso também é verdade. Deve ser uma chamada atra da outra.

- LINDAURA - Claro. Eu então peguei um taxi e toquei para lá. A casa está cercada pela polícia e não deixam ninguém entrar. Dei um show, dona Dinah! Um show daqueles!
- DINAH - Eu só imagino. Você quando resolve balançar o coreto, não é mole.
- LINDAURA - Botei a boca em todo o mundo e por fim veio lá um graduado e me disse assim: "Não pode entrar e não vai entrar. Só depois que a casa for liberada. E se a senhora continuar a dizer as coisas que está dizendo - sim, porque eu sacodi os meus cachos que não foi mole - vai acabar sendo presa por desacato à autoridade". (TOM) Bem, aí eu me espiei que o negócio de ir presa não me agradou.
- DINAH - Mas que coisa impressionante, não? Escute, Lindaaura, você não acha a notícia meio confusa? A gente chega a ter a impressão de que o Nadinho está misturado nessa coisa toda.
- LINDAURA - E você pensa que eu duvido que esteja? Não vou com a cara da aquele gury. E depois as companhias dele não podem ter jeito pior. Cada um tem mais aspecto de cafageste que o outro. Deus me perdôe! Vai ver, ele está metido na embrulhada.
- DINAH - Pois é, pois a notícia diz que o assaltante entrou com Nadinho no gabinete do doutor Hermes. Imagine se isso chega a se confirmar, o desgosto do pobre pai!
- LINDAURA - Mas o pior é que o assaltante eles não conseguiram pegar. Fugiu com duzentos e vinte milhões. Pegaram um cúmplice que estava destacado para lhe dar cobertura. Chama-se Fernando não sei do que. Amigo também de Nadinho, veja só. Esse camarada é que foi encontrado, na escada, com um monte de ataduras na mão. Parece que não teve tempo de sair.
- DINAH - Mas pode ser que agora, por intermédio deste, consigam achar os outros.
- LINDAURA - É a esperança que a gente tem. Mas até agora parece que ele não falou. Pelo menos é o que diz o jornal, mas o jornal, muitas vezes diz coisas por conta própria, de formas que vamos

esperar para ver como param as coisas. Se não encontrarem o dinheiro, queira Deus que o banco não obrigue o Hermes a pagar. O que ainda pode acontecer.

DINAH - Eu acho que não. Pois se foi um assalto, como é que eles podem obrigar uma pessoa que não tem culpa a arcar com os prejuízos? Acho que não podem.

LINDAURA - Mas se ficar provado que Nadinho teve interferência na coisa, aí, querida, tudo muda de figura. E o próprio Hermes vai querer pagar para o filho não ser preso.

DINAH - E ele poderá pagar uma importância assim tão alta?

LINDAURA - Bom, só a casa deles vale isto, mas a questão é que eu acho que o Hermes não possui outros bens. Se vender a casa, terá que morar pagando aluguel.

DINAH - Isso é o de menos. Tanta gente que paga. Você não paga? Eu não pago? Pois então o que é que tem que ele pague também?

LINDAURA - Mas é muito chato, depois de pessoas viver num estadão, ser obrigada a se desfazer do que é seu.

DINAH - Como estará a Eugênia?

LINDAURA - Ela é quem menos me interessa, no caso, porque Eugênia não tem capacidade para sofrer. Esquece as coisas com uma facilidade extraordinária. Nada lhe toca fundo. Ontem deve ter ficado apavorada, hoje já está melhor e amanhã estará quasi esquecida do que aconteceu. De quem eu verdadeiramente tenho pena é do Hermes, coitado. Ele deve estar arrasado.

DINAH - Diz o jornal que ele teve que ser atendido por um médico lá mesmo no banco e que só mais tarde foi levado para casa. Parece que ainda nem pode prestar depoimento.

LINDAURA - Eu estou aflita para falar com ele, mas não sei se vão me deixar entrar no quarto. Se ele está assim tão abalado é bem capaz que não esteja recebendo ninguém, nem os íntimos.

DINAH - Claro que não. Ele agora vai necessitar de um grande repouso. E queira Deus que o repouso possa apagar na lembrança dele o choque horrível que o coitado deve ter tido.

- LINDAURA - Queira Deus. E você que deve ser muito mais cotada lá no céu do que eu, faça uma das suas promessas para que ele possa sair desta.
- DINAH - Vou fazer, sim. Ele sempre me ajudou nas minhas tómbolas agora cabe a mim ajudá-lo. Uma mão lava a outra.
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL
- HELOISA - Mãe, já que a senhora não pode se conter perto de papai, evite de entrar no quarto. Ele fica muito mais aflito vendo a senhora chorando. Não chore na frente dele.
- EUGÊNIA - Mas o que é que eu vou fazer (CHORANDO) se as lágrimas saem dos meus olhos, mesmo sem eu querer?
- HELOISA - O que é que vai fazer? Não entre no quarto. A Márcia está lá, eu estou, nós as duas atendemos o pai, não precisa a senhora entrar.
- EUGÊNIA - Eu não posso olhar para o seu pai porque me lembro que aqueles bandidos poderiam ter matado a ele e ao Nadinho. Mas bem feito que um foi preso.
- HELOISA - Mas o que foi preso parece que não tinha culpa nenhuma no caso. O verdadeiro culpado, esse conseguiu fugir e levar o dinheiro, o que ainda é pior.
- EUGÊNIA - Esse que prenderam, seria aquele louro que se dava com Nadinho e que às vezes vinha aqui em casa?
- HELOISA - O Beto, que a senhora quer dizer? Não, esse infelizmente está solto por aí para continuar a fazer suas maldades. Mas chega o dia dele, tenho certeza. O que foi preso foi aquele alto, moreno que estava arrestando a aza à Márcia.
- EUGÊNIA - Mas como é que a Márcia foi fazer relações com um elemento desses, meu Deus?!
- HELOISA - Como é? Por intermédio do seu filho. Foi o seu filho que trouxe essa turma braba aqui para a nossa casa. O Beto já fez o que fez e que a senhora sabe perfeitamente. Agora esse a gente já nem sabe se ele realmente simpatizou com a Márcia ou se pretendeu usá-la como trampolim.

EUGÊNIA - Ela deve estar muito desapontada, mas de to da a maneira foi melhor que tudo acontecesse agora do que mais tarde quando g
 .la poderia estar até casada com êle.

HELOISA - Bem, mããe, eu vou ver se a Mércia quer comer alguma coisa, porque até agora ela não saiu da cabeceira de papai e também não botou nada na boca. Se a senhora quiser descansar, deite-se no quarto de hóspedes. No quarto de papai a senhora não deve entrar mais.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - Não teve ninguém aqui procurando a gente, não?

DOQUINHA - Ôis, seu Beto, pra dizê bem a verdade eu num vi ninguém. O si
 nhô tava insperando que viesse arguem?

BETO - Tava. Tava esperando a visita sabe de quem? Da polícia.

DOQUINHA - Credo, em Cruz, Virge Maria, num me fala dessa gente. Tiscun
 juro! Num quero sabe de diálogo com essa gente. O diálogo de-
 les é lambada no corpo da gente. Inté foi bão ox sinhô me avi-
 sá que tá insperando êles que anssim eu já dô no pé e quando
 êles chegá eu já num tô mais aqui.

BETO - Que dá no pé, dá no pé uma conversa. Tu tem que ficá firme a-
 qui pra recebê êles e despisté os cara.

DOQUINHA - Ah eu é que vô tê que arrecebê êles? E menti ca cara dislavada
 • como que tivesse dizendo a verdade? Eu sô doméstica ou sô mere-
 tria de tiatro?

BETO - Não interessa o que tu seja, interessa o que tu vai fazê e fa-
 zê sem discuti, tá bom? Si a polícia vier aqui saber alguma
 coisa, tu não sabes/ nada, tú não viste nada, o pessoal não
 tem dado as cara por aqui, faz mais duma semana que ninguem
 aparece e se te perguntarem endereço de algum de nós, tu não
 vai nem caí na asneira de dizê.

DOQUINHA - Num posso dizê memo. Como é que eu vô dizê uma coisa que eu
 num sei. Eu num sei nem o nome de vanceis direito. É o Alamão,
 é o Sagui, é o Sarará, é o diabo que carregue. Acho que o úni-
 co que tem o nome direito, memo, é ox seu Fernando.

BETO - Esse tá numa tala que não tem tamanho.

DOQUINHA - Uai, xente, o que é que aconteceu com êle?

BETO - Dormiu no ponto e botaro o dedo nele dentro do Banco. E aig da teve muita sorte que não lhe acertaro uns chumbinho. Ele
 • agora vai fazê um veraneio por longo tempo. Vai deixá de atrapalhá a gente. Aquele só o que fazia era atrapalhá, ajudá que é bom não ajudava.

DOQUINHA - Pois óia eu gostava munto daquele repaiz. Tô com pena dele.

BETO - É, êle sempre teve sorte com as mulheres, mas no primeiro jôgo que se meteu já não foi tão feliz. Perdeu de saída.

DOQUINHA - E o outro? Aquele cara de fuinha?

BETO - O Sãgui não aconteceu nada com ele. Tava bem garantido. Deve tá em casa a esta hora.

DOQUINHA - E o Sarará?

BETO - O Sarará? Bom, Doquinha, tu já tá querendo sabê de mais. Tchau.

C/RECRA - PASSOS DE BETO QUE SE AFASTAM

DOQUINHA - Eu vou descubri adonde que o Sarará foi. Eles pensa que eu num tô sabendo do curso, mas o meu nêgo sabe lê e leu tudo pra mim dereitinho no jorná.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Como é que o senhor está se sentindo agora, papai?

HERMES - (FRACO) Melhor, graças a Deus. Bossô dizer que bem melhor.

MÁRCIA - O senhor agora dormiu um bom sono.

HERMES - Que horas são?

MÁRCIA - Quasi nove horas da noite. Quer tomar alguma coisa? Um caldo de ameixas... um suco de laranjas...

HERMES - Não, minha filha, obrigado. Não tenho vontade. Mais tarde um pouco pode ser que tome. Onde está o Nadinho? Eu queria conversar com êle.

MÁRCIA - Nadinho está dormindo, papai. Amanhã o senhor conversa com êle. Estava muito nervoso, o médico deu-lhe um sedativo e pouco depois êle estava dormindo. É alguma coisa de urgência o que o senhor quer com êle?

HERMES - Não. Quero apenas conversar sôbre o que aconteceu, para ver

- se consigo juntar as minhas ideias. Elas estão completamente desordenadas e depois que dormi e sonhei aí mesmo é que elas ficaram ainda mais embaraçadas.

MÁRCIA - Não vamos precipitar as coisas, papai. Vamos procurar ter paciência, esperar que a luz se faça sobre os acontecimentos, para depois então podermos acusar este ou aquele. Por enquanto, não é só para o senhor, é para todos nós que as coisas estão bastante confusas.

OPERAADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Vi que você já estava acordado e vim lhe trazer o seu café.
Como é que passou a noite?

NADINHO - Sabe que eu dormi? Pensei que ia passar a noite em claro mas foi legal o remédio que o doutor me deu. Quando me acordei já era mais de oito horas. E tu? Acabaste com o teu repouso?

REGINALDO - Nesta altura dos acontecimentos, eu lá podia ficar na cama e dar mais trabalho à gente desta casa? Tratei de me levantar e enfrentar o batente. Pois sabe que melhorei bastante?

NADINHO - Acredito. Trabalha, se distraí, não sente nada. Fica na cama, começa a pensar nos troços, começa a senti coisa que nem tem. Como é que tá o velho? Já tiveste no quarto dele?

REGINALDO - Fui levar um galdo de frutas e ele me disse que está melhor, mas seu pai nunca diz as coisas que sente, de formas que a gente não sabe. Quem está muito desfiguradinho é a Márcia. Pobresinha, ela está sem saber o que pensar, diante de tudo que o jornal conta.

NADINHO - Eu também não entendi muito bem a jogada do Fernando, tu sabe? Si ele tava com as ligaduras do Sarará na mão é porque ajudou o Sarará e tirá elas. E deixou o Sarará fugi com o dinheiro? Não entendo, juro que não entendo.

REGINALDO - Só depois que ele for interrogado pela polícia é que vai se fixar sabendo o que é que ele fez e por que fez. De qualquer maneira, a pobresinha da Márcia está muito tristonha e bastante decepcionada. Ele não diz, mas a gente sente.

NADINHO - A policia tambem vai me interrogá, com certeza e eu não queria fazê nenhuma declaração que comprometesse o Fernando, mas eu tô sem sabê pra que lado ir.

REGINALDO - A policia só vai interrogá-lo, a meu ver, quando seu pai estiver em condições de enfrentar tambem um interrogatório e isto, na minha opinião, não vai ser tão cedo.

NADINHO - É bom porque assim pois sê que as coisas se esclareçam um pouquinho e eu já posso jogá mais na certa. Si eu pudesse falá com o Fernando, já combinava com êle direitinho as respostas, que era pra não havê contradição.

REGINALDO - Mas êles não vão deixar vocês se avistarem antes, de jeito nenhum. Êles vão querer justamente isto: que um declare o que quiser, sem saber o que o outro declarou. Depois êles fazem alguma declaração que comprometa o Fernando, mas as confrontam as respostas de ambos para chegarem a uma conclusão.

CARRERA - PASSOS DE HELOISA QUE SE APROXIMA.

HELOISA - Nadinho, tem uma pessoa aí querendo falar com você; o que é que eu digo?

NADINHO - (SUSCITO) É da policia?

HELOISA - Não. A meu ver é muito pior.

NADINHO - (ASSUSTADO) Diga logo. Quem é que quer falá comigo?

HELOISA - É o Boço.

OPERADOR : EXPLOSAO MUSICAL DE SUSTO. FUNDE COM CARACTERISTICA DE ENCERRAMENTO FORTE E DEPOIS EM BG.

LOCUTOR - Esta foi o trigésimo capítulo da novela de Erico Cramer, "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" que a Rádio Gaucha apresenta para os seus ouvintes diariamente, neste mesmo horário. No capítulo de hoje tomaram parte os seguintes artistas: (LÊ A RELAÇÃO) Ouzé aranhã, ~~xxxxxxxx~~ mais um capítulo desta emocionante novela.

OPERADOR - CARACTERISTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

- Novela de Erico Cramer -

31º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

07.11.
2011

LOCUTOR - Ao final do trigesimo capítulo desta novela, deixamos Nadinho e Reginaldo a comentar os últimos acontecimentos que envolveram o doutor Hermes e Fernando e que culminaram com a prisão do rapaz, encontrado que foi nas escadas do Banco Industrial, levando numa das mãos as ataduras que Sarará havia usado para não ser reconhecido após o assalto. E a conversa dos dois foi interrompida, mais ou menos, neste ponto:

OPERADOR - SOBRE A CARACTERÍSTICA, BAIKA E SOME.

NADINHO - Acabaste com o teu repouso?

REGINALDO - Nesta altura dos acontecimentos, eu lá podia ficar na cama e dar mais trabalho à gente desta casa? Tratei de me levantar e enfrentar o batente. Pois sabe que melhorei bastante?

NADINHO - Acredito. Trabalha, se distraí, não sente nada. Fica na cama, começa a pensar nos tróços, começa a senti coisa que não tem. Como é que tá o velho? Já estiveste no quarto dele?

REGINALDO - Fui levar um caldo de frutas e êle me disse que está melhor, mas seu pai nunca diz as coisas que sente, de formas que a gente não sabe. Quem está muito desfiguradinha é a Márcia. Pobresinha, ela está sem saber o que pensar, diante de tudo que o jornal conta.

NADINHO - Eu tambem não entendi muito bem a jogada do Fernando, tu sabe? Si êle tava com as ligadura do Sarará na mão, é porque ajudou o Sarará a tirá elas. E deixa o Sarará fugi com o dinheiro? Não entendo. Juro que não entendo.

REGINALDO - Só depois que êle for interrogado pela polícia é que vai se ficar sabendo o que é que êle fez e porque fez. De qualquer maneira, a pobresinha da Márcia está muito tristonha e bastante decepcionada. Ela não diz, mas a gente sente.

HELOISA - E adianta? Beto não respeita nada nem ninguém. É uma pústula
êsse homem, cruze!

REGINALDO. É bom vocês resolverem duma vez se vão ou não atendê-lo, si-
não daqui a pouco êle se pendura na campainha e vai alarmar
a casa toda.

NADINHO - Eu vou falá com êle.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

NADINHO - Você não devia tê vindo aqui, Beto. Pode complicá mais a vida
da gente, será que você não entende?

BETO - Eu vim porque precisava sabê como foi que as coisa se passa-
ram lá dentro do Banco.

NADINHO - E você não podia sabê pelo Sarará? Precisava sê por mim, poomba?!

BETO - O Sarará tá escondido no sítio do Chefe, até que os guardas que
tavam na porta do Banco se esqueçam da cara dele. Eu quero sabê
é quem avisou a polícia. Isso que eu quero sabê.

NADINHO - E eu sei?

BETO - Só pode tê sido você ou o Fernando.

NADINHO - Eu não fui e se foi êle eu também não sei. E nem imagino de que
geito êle ia avisá a polícia se a gente não saiu mais depois
que ficou marcada a hora do assalto.

BETO - A polícia não ia adivinhá; não 'e S,gui? Ou tu acha que ia?

NADINHO. - Eu achei que o secretário do velho olhou prao Sarará dum gei-
to muito exquesito. Êle até nem quiria que Sarará entrasse.
Queria que ~~xxxxxx~~ esperasse no Gabinete dele e eu entrasse
sózinho no do pai. Aí eu disse pra êle que o Sarará é que pra-
cisava conversá com o pai, então êle deixou. Quem sabe se logo
que nós entramo êle não alertou os guarda? pode sê. E outra coi-
sa: você acha que se fôsse ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ o Fernando que
denunciasse o assalto, êle ia protegê a retirada do Sarará como
protegeu? E a prova que o Sarará conseguiu saí com o grana,
não foi?

BETO - É só êsse detalhe que nos deixa em dúvida, sinão tu e o Fernan-
do estavam em muito maus lençóis, tá?

NADINHO - E você acha que o Fernando não tá em maus lençóis? Coitado, eu não queria tá na pele dele, nesta hora.

BETO - Mas não fala muito, não, que tu também é capaz de tê que deitá na mesma cama.

NADINHO - Por que? Você acha que o Fernando será capaz de nos denunciá? Eu não acredito. Tenho certeza que êle guenta sózinho.

BETO - Bom, si êle denunciá alguém, êle tá perdido. Nós temo dois com panhero que tão presos lá. A gente passa um bilhetinho pra êles e êles limpam o campo na mesma hora. Êle faz a denúncia num dia e no dia seguinte tá no envelope de madêra, pra i se encontrá com os anjo.

NADINHO - Fernando não faz isso, Beto. É um home de carater firme.

BETO - E êle que faça, pra vê. (TOM) Escuta, não dá pra eu falá com a Márcia?

NADINHO - Não dá.

BETO - Si você quizê você dá um geitinho. Diz pra ela vi falá comigo.

NADINHO - Ela tá de enfermera do velho e não sai do quarto pra nada, por isso eu garanto que ela não vem.

BETO - Então fala com ela pra amanhã e depois eu te telefono pra sabê.

NADINHO - No sábado tem reunião lá?

BETO - Tem, mas tu agora não pode i porque êles devem de tá te observando. Fica sí quieto que quando for pra ti i, a gente vem te avisá. E não vai te esquecê de falá com a Márcia pra amanhã, tá?

NADINHO - Eu falo com ela, mas acho que ela não vai poder.

BETO - (IRRITADO, AUTORITÁRIO) Tem que podê e é tu que tem que convencê ela, manjou?

NADINHO - Eu vou fazê fôrça, mas não posso dizê que vou arranjá. Márcia tem muita opinião. Quando ela não qué, não adianta.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - Você soube o que nos aconteceu?

LINDAURA - Claro que soube e quero que você saiba que mal li a notícia no jornal me toquei pra cá, mas não me deixaram nem chegar perto da porta. O seu jardim parecia uma praça de guerra.

EUGÊNIA - É, realmente. Ontem e ante-ontem eles não deixaram entrar ninguém aqui e nem nós podíamos sair. Ordens expressas da polícia.

- Hoje já o panorama gerãã se modificou um pouquinho. Eles estão mais liberais. Deixaram passar o portão um colega do meu filho, uma amiga da Heloisa e agora você.

LINDAURA - É, mas não me queriam deixar entrar outra vez, mas eu tomei uma atitude diferente da ~~xxxxxxx~~ de ante-ontem - que dei um estribo danado e eles me ameaçaram com detenção - e apelei para a ignorância, fazendo a dengosa pra o lado do ^{camarada} ~~sargento~~: (FAZENDO VOZ MELOSA E SÚPLICE) Ah seu sargento - o homem nem era sargento, era cabo - não faça isso comigo. É a segunda vez que eu venho e não me deixam entrar. MÔto tão longe... no fim da linha de Teresópolis. São tão amiga deles... ha duas noites que não posso dormir. Preciso vê-los para me acalmar. (VOLTA AO NORMAL) Aí ele se comoveu e disse que ia abrir um exceção pra mim. E estou aqui. Mas o que interessa, em verdade, eu ainda não falei. Como está o Hermes?

EUGENIA - Felizmente hoje ele me parece bem melhor. Mais repousado, menos nervoso e já querendo saber o que dizem os jornais a respeito do assalto, qual a opinião pública e etc. etc. Você sabe, a gente está despistando, não está dizendo nada do que os jornais publicaram para que ele não se torture mais, mas a verdade é que os jornais estão dizendo muita coisa que pode até comprometer pessoas absolutamente inocentes, como é o caso de meu filho, coitado.

LINDAURA - Entendo.

EUGÊNIA - Ele está desesperado e louco para que as coisas todas se aclarem e as dúvidas se dissipem.

LINDAURA - Mas ele não foi interrogado pela polícia?

EUGÊNIA - Aqui em casa, mesmo e muito ligeiramente. Acontece que o que ele declara, só pode ser confirmado pelo pai e o médico, por ora, não permite que o Hermes seja interrogado.

LINDAURA - Claro, não pode. Ele tem que, primeiro, se restabelecer completamente.

EUGÊNIA - Exato. Coitado, êle teve um choque horroroso. Quando êle entrou aqui, trazido pelo médico e o enfermeiro e mais dois colegas, eu pensei que êle tinha vindo para morrer. Parecia que o sangue todo havia fugido do seu corpo. Assim mesmo o que eu acho é que êle ainda teve muita sorte. E se levasse um tiro daquele canalha? Você já pensou?

LINDAURA - Eu tenho pensado em tudo, Eugênia e você talvez não goste de ouvir o que eu vou lhe dizer, mas eu vou falar em nome da velha amizade que me une ao Hermes. Você não me leve a mal.

EUGÊNIA - Óra, Lindaure, que é isto agora? Você sempre me disse tudo que quiz e eu nunca me aborreci com você.

LINDAURA - É, você pode ter muitos defeitos, mas tem essa grande qualidade: a de compreender porque a gente diz as coisas. ~~Lindaure~~ ^{Eugênia} você quer que eu seja muito franca e diga porque tudo isso aconteceu?

EUGÊNIA - Diga.

LINDAURA - Porque você nunca se preocupou muito com a educação de seus filhos e deixou que êles fizessem o que bem entendessem. Você preferia ir aos chás, aos costureiros, às reuniões sociais, em vez de acompanhar o desenvolvimento das crianças e procurar ajudá-las no raciocínio e na visão das coisas novas que iam aparecendo aos seus olhos de adolescentes. Eles seguiam a voz do instinto, sem ter uma outra voz que os alertasse. Na verdade você os queria bem e desejava para êles exclusivamente o bem, mas faltava-lhe a coragem de vê-los contrariados nas suas vontades e de você ser apontada pelas suas amigas como uma mulher antiga e quadrada. O adjetivo quadrada era o seu pavor máximo e desse pavor surgiram coisas pavorosas das quais os seus filhos hoje se arrependem, talvez ainda em tempo de salvarem-se, mas já muito tarde para apagarem na lembrança deles os sofrimentos e as desilusões que lhes causaram.

EUGÊNIA - Mas Lindaure, sinceramente... eu não vejo o que tudo isso possa ter com o que aconteceu.

LINDAURA - Você vê, sim Eugênia. Você não quer confessar, mas você vê.
O assalto ao Banco não foi feito por um amigo de seu filho?

EUGÊNIA - Não sei.

LINDAURA - Sabe, sim. Sabe porque o jornal diz e ele...

EUGÊNIA - (CORTA) O jornal está fazendo muita confusão das coisas.

LINDAURA - Não está, não Eugênia. O que o jornal diz a respeito de seu filho, ele mesmo já confessou à polícia ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ ~~xxxxxxxxxxxx~~ nas suas primeiras declarações. Acredite piamente que ele não estivesse no complot, mesmo porque seria o fim do mundo se ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ isto acontecesse, mas se ele tivesse sido cuidado, se os seus amigos tivessem sido selecionados, se ele tivesse sido alertado contra os meios que frequentava, nada disso teria acontecido.

EUGÊNIA - Mas o que é que eu poderia fazer nesse sentido, se os meus filhos têm horror de sociedade?

LINDAURA - E você não sabe por que? Porque se habituaram, desde pequeninos, a ver na sociedade a grande rival que lhes roubava a maior parte dos seus cuidados e do seu carinho. Eles queriam você, eles desejavam a sua companhia, mas você nunca tinha tempo bastante para estar com eles. Os chás, o jogo, as reuniões, os jantares e os costureiros absorviam você com tal voracidade, que não sobrava nada para os pobresinhos. E o resultado foi ~~êg~~ se que você viu.

EUGÊNIA - É, Lindaure, você talvez tenha razão, mas eu divido com você uma parte da minha culpa, por não me ter dito tudo isto quando eles eram pequeninos.

LINDAURA - Eu não conhecia bem você, naquele tempo, e eu não desejava, de forma alguma, perder a amizade do Hermes que poderia, muito bem, deixar-se influir pelas suas queixas. Mas ainda está em tempo de você abandonar tudo e dedicar-se a ajudar os seus filhos na reconstrução de suas vidas.

EUGÊNIA - Você fala no plural, Lindaure? Por que? Você inclui também He-loisa?

- LINDAURA - É claro. Heloisa é uma moça triste, desiludida. Uma moça que olha os rapazes com indiferença e até mesmo quâsi com desprezo. Moça que procede desse modo, deve ter sofrido profundamente por causa de um homem. Procure diálogo com ela, force-a a uma confissão e verá.
- EUGÊNIA - Lindaaura, (FRISTE) Você é que deveria ter sido a mãe dos meus filhos. Eles teriam sido bem mais felizes.
- LINDAURA - Isso é bobagem sua. Ninguém foge ao seu destino. O seu era pagar por esse dissabor. Trate de ser mãe verdadeira, interessar-se a fundo pela vida de seus filhos e redimir-se da falta que cometeu, abandonando-os ao sabor da sorte de cada um. (FOI) E agora diga-me uma coisa: eu posso ~~ningu~~ ver Hermes?
- EUGÊNIA - Ainda não. O médico prescreveu cinco dias de absoluto repouso, sem jornais, sem revistas, sem rádio, sem televisão nem visitas. Duma coisa, no entanto, você pode ter certeza. A primeira pessoa que vai entrar no quarto, quando ele estiver liberado, será você.
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL
- REGINALDO - Minha filha, você sabe que eu sempre a alertei contra aquele rapaz e sempre tive as minhas restrições com ele. Não por ele, propriamente, mas pela organização a que ele pertencia, mas hoje eu estou completamente convencido de que ele fez o que fez para salvar Nadinho.
- MÁRCIA - Si eu pudesse ter certeza disso, estaria, pelo menos, consolada.
- REGINALDO - Vamos esperar. Vamos dar tempo ao tempo. A verdade é que assim como aquele oganilha do Beto força Nadinho a certas coisas, naturalmente há de forçar também o outro.
- MÁRCIA - Meu pensamento está de tal forma preso a ele que eu não consigo me desligar, Reginaldo. Você nem calcule a força que eu faço, quando papai está acordado, para dissimular minha mágoa. Não quero que ele perceba e possa interpretar de outra forma.
- REGINALDO - É. Temos que esconder dele, agora, tudo que for possível.

MÁRCIA - A minha salvação é que ele dorme bastante, por causa dos remédios e então, nessas horas, eu me dou inteira à minha tristeza.

REGINALDO - Mas você não deve se desesperar, minha filha. Pelo contrário, se você gosta realmente dele deve conceder-lhe uma oportunidade para que ele explique as razões da sua atitude. Eu estou certo do que disse. Não tenho nenhuma dúvida. Ele tomou a si o trabalho que estava destinado ao Nadinho, para que seu pai não morresse de desgosto. Guarde bem o que estou lhe dizendo e espere as justificações dele para ver se não combinam.

MÁRCIA - Isto havia me prometido que tiraria Nadinho do trabalho que lhe estava destinado, e que era um trabalho perigoso, para botá-lo num outro onde ele não corresse risco. Quem sabe, então, trocou os lugares de um pelo outro.

REGINALDO - Não acredite em nada que lhe disser aquele canalha. Um rapaz que teve a coragem que ele teve de fazer o que fez contra a pobre Heloisa, só porque ela não cedeu às suas instâncias, é o mais baixo e o mais vil dos homens sobre a face da terra. Eu sinto asco só em falar no nome dele.

MÁRCIA - A sorte foi que ~~o~~ papai preferiu acreditar em Heloisa.

REGINALDO - Preferiu, você disse bem. Eu não sei si ele acreditou, ele quiz acreditar. É bem como você disse: preferiu. Mas a verdade é que dali para cá a alegria do doutor Hermes se apagou. Ele nunca mais voltou a ser o mesmo homem. Nunca mais. Ele sorri, ele conversa com todos, ele se interessa pelos assuntos de mulher e dos filhos, mas quem tiver a capacidade de olhar um pouco além da exterioridade das pessoas, poderá ver, nitidamente que há um véu de tristeza no seu olhar e no seu sorriso. Não sei porque, dali para cá, ele me lembra um doente em início de convalescença.

MÁRCIA - Coitado do papai. Não bom! Ele merecia bem uma felicidade interior completa, coisa que nunca chegou a ter, desde os tempos da mãe. Não que a coitada tivesse culpa, mas a doença nunca lhe permitiu dar ao papai o que ele merecia e o que

ela desejaria ter podido dar-lhe. Ela morreu e ele foi obrigado a separar-se de mim, porque vóvó nunca quis concordar em deixar a sua casa em Cruz Alta para vir residir em Porto Alegre. Mais tarde veio o seu segundo casamento. Vóvó rebelou-se contra ela e acabou ^{- depois de tantos anos -} por aborrecer-se comigo porque sempre o defez dia. Resultado, mudou-se para o Rio só para castigar-me, obrigando-me a vir morar com minha madrasta.

REGINALDO - E a vingança resultou num bem para seu pai e para você também que venceu a antipatia da família, ou melhor, o ciúme da família, e hoje tem o respeito e a amizade de todos.

MÁRCIA - Da minha madrasta ainda não.

REGINALDO - Porque ela é a mais teimosa, mas não demora muito ela acaba se curvando, também.

MÁRCIA - É o que eu desejo. Não por mim, juro-lhe, mas para alegria de papai.

REGINALDO - Interessante como eu tenho um sexto sentido na hora de julgar as coisas. Quando me disseram que você não iria com sua avó porque não se dava em clima quente, eu pensei comigo: qual a moça que não deseja morar no Rio? O motivo não deve ser esse.

MÁRCIA - E não era mesmo. Mas eu não podia dizer a papai o verdadeiro motivo. Inventei essa estória.

REGINALDO - Márcia, você é uma criatura benfazeira e só por isso deve ter um dedo de Deus apontado para você. Portanto esteja certa de que Ele não vai desampará-la e está escrevendo direito por linhas tortas.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - Minha filha, quando você tiver tempo e disposição eu preciso ter uma longa conversa com você.

HELOISA - Se quiser falar agora, podemos falar.

EUGÊNIA - Não. Eu preferia que essa nossa conversa fôsse à noite, no seu quarto, depois de ter a certeza de que ninguém nos interromperia.

HELOISA - Está muito bem. Se quiser, pode ser hoje mesmo. Eu fico sempre estudando até tarde, vá lá na hora que desjar, mããe.

EUGÊNIA - Estamos combinadas, então. Esta noite, no seu quarto, depois

que todos tiverem se recolhido.

C/REGRA - PASSOS DE MÁRCIA QUE SE APROXIMA.

MÁRCIA - Dona Eugênia, o pai acordou e perguntou pela senhora. Tenho a impressão de que deseja falar-lhe.

EUGÊNIA - Obrigada. Eu vou lá.

C/REGRA - PASSOS DE EUGÊNIA QUE SE AFASTAM E SOMEM.

HELOISA - Você que está a todo o momento ao lado do pai, como é que você acha que ele está, Márcia?

MÁRCIA - Melhor. Bem melhor. Seu sono já é muito mais tranquilo e ele já não se debate, como antes. O próprio médico, ontem à noite, achou o melhor. Parece que amanhã, ou depois, já vai liberar as visitas.

HELOISA - Eu estou tão preocupada com o momento em que o pai seja obrigado a depor que você nem calcula. Eu chego a ter vontade de dormir profundamente e só acordar quando já tudo tenha passado.

MÁRCIA - Eu acho que esse é o desejo de todos nós, Heloisa. Desgraçadamente, a gente não tem outro recurso senão enfrentar a realidade.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMA.

NADINHO - Ôi.

AS DUAS - Ôi.

NADINHO - Márcia, tem uma pessoa aí na porta que deseja falar com você. ~~Quem é a pessoa?~~ Quem é? Quem é?

MÁRCIA - Pois não.

C/REGRA - PASSOS DE MÁRCIA QUE SE AFASTAM.

HELOISA - Quem é a pessoa que quer falar com Márcia? Alguém conhecido?

NADINHO - É o Deto.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL - FUNDE COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - Este foi o trigésimo primeiro capítulo da novela "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" que Erico Craner escreveu especialmente para o elenco da Rádio Guêna e que é apresentado diariamente neste horário. Tomaram parte no capítulo de hoje os seguintes elementos: (RELAÇÃO DOS ARTISTAS) Ouça, amanhã, neste mesmo horário, mais um capítulo desta emocionante novela.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

- HELOISA - (EXTRANIANDO) Quem é a pessoa que quer falar com Márcia? Alguém conhecido?
- NADINHO - É o Beto.
- OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL. A MÚSICA FICA VIBRANDO NO AR. EM BG.
- HELOISA - Nadinho!... Você tem a coragem de fazer uma coisa dessas para a sua irmã? Obrigá-la a receber um sujeito noventa como esse, sabendo que ela o detesta?
- NADINHO - Obrigá a recebê, não. Eu só não disse que ~~era~~ porque ela não perguntou. Se perguntasse eu tinha dito.
- HELOISA - Não perguntou porque ela seria incapaz de imaginar que você fizesse o que fez. Isso ^é ~~sugereira~~, Nadinho. Será que nem levando na cabeça, como tem levado, você aprende? Quando é que você vai deixar de arrastar a gente ^{por} ~~as~~ indignidades dos seus amigos? Acho que já é tempo, que diabo!
- NADINHO - O que o Beto vem oferecê pra ela é justamente a tranquilidade da gente. Do pai e tudo.
- HELOISA - Ah, sim? E a trôco de que? Você acha que nós somos ingênuas ao ponto de acreditar que um homem da força do Beto seja capaz de oferecer benefício a alguém?
- NADINHO - Bom, eu não sei. Eu tô repetindo o que ele me disse. Se não é verdade, é lá por conta dele. Eu tinha que fazê a Márcia atendê ele, sinão eu ia me aborrecê.
- HELOISA - Pois é, Nadinho, infelizmente todas as coisas ruins que tem acontecido aqui em casa tem um único ponto de partida: você. Foi se meter numa coisa para a qual não tinha aptidões nem coragem e agora, pelo medo, está escravizado a uma catrefa de ladrões e assassinos. Será que você não encontra a porta de saída dessa barafunda?
- NADINHO - Se encontrasse, já tinha saído há muito tempo. Mas eles fecham todas as portas pra não perderem as prêsas.
- HELOISA - Principalmente uma presa preciosa, como você. Rapaz de boa família, filho de pai rico, ingênuo, bobalhão, acreditando em tudo quanto os outros dizem... Como é que você foi se meter com essa gente, Nadinho? Diga.

- NADINHO - Eu fui num cabaret aí de baixa classe e encontrei uma guriassi
nha muito bacana. Convidei pra ela sentá na mesa da gente, ela
veio e se atirou toda pra meu lado. Aí um outro cara achou
de ficá com ciume e veio me agredi. O Beto saltou em minha defe-
sa e desarmou o outro cara que era machão às pampa. Aí eu con-
videi o Beto pra bebê whisky com a gente e ficamo amigo.
- HELOISA - Esse é o resultado da gente se metê em meios que não são da gen-
te. Você nunca podia tê trazido um cara desses pra nossa casa,
Nadinho, nunca. Agora você está vendo o resultado. Sofre a fami-
lia inteira por causa desse cafageste. E como é que êle arras-
tou você pra essa coisa que êles chamam de organização?
- NADINHO - Nós tava junto, num bar e chegou a polícia. Êle pediu pra eu es-
condê no meu bolso um pacotinho e foi ligero sentá noutra mesa.
Os cara vieram pra êle, examinaram êle, examinaram outros dois
lá e foram embora. Mais tarde êle voltou pra mesa que eu tava e
pediu o pacote de volta. Quando eu tava entregando, um outro
daqueles que tinha sido examinado, chegou e começou a falá comi-
go me chamando de companhero. Depois eu fiquei sabendo que era o
Chefe e o Beto me disse que agora eu não podia mais escapá por
que o Chefe tinha visto eu devolvê o pacote e qualquer coisa po-
dia me denunciá. Eu, com medo de sê preso e envolvê a família num
escândalo, comecei a fazê tudo que êles me mandavam fazê.
- HELOISA - Pra mim você já sabe o que êle fez. Agora está procurando envol-
ver Márcia, mas com essa vai ser mais difícil porque eu hei de
fazer tudo para defendê-la. Acho até que vou agora mesmo lá na
porta dar uma corrida nele.
- NADINHO - (ASSUSTADO) Não, Heloisa, por favor, deixe êle falar com Márcia.
Lembre-se que êles poderão fazer qualquer coisa que atinja muito
mais nosso pai e será pior.
- HELOISA - S'jeito asqueroso. S'jeita ignóbil. Tenho-lhe um ódio que seria
capaz de matá-lo sem o menor medo de remorso. Si fizesse isso,
teria livrado o mundo de uma das suas piores pragas.
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - Desculpe a cilada que lhe preparei, mas eu precisava falar com você de qualquer forma. Tenho que lhe dá uma explicação.

MÁRCIA - E eu não queria falar com você para não ser obrigada a recriminá-lo acramente pela coisa horrorsa que você fez com Nadinho, utilizando-o para chegar ao gabinete de papai. Viu o que os jornais estão insinuando, em face do comportamento dele no assalto? Já pensou a dor que papai terá quando tomar conhecimento de toda essa miséria? E você ainda pretende dar explicações a mim? Que explicações? Você não poderá dizer nada que chegue a me con-vencer. Isso foi uma infâmia que você não tinha o direito de praticar.

BETO - Você fala, Márcia, como si eu fôsse o chefe e tivesse planejado tudo. Eu sou um soldado, como Nadinho e Fernando, só que com um posto superior ao deles porque milito a mais tempo na organização. Só isso. Se o Chefe manda, eu tenho que obedecê, do mesmo jeito que eles.

MÁRCIA - Tenho certeza, Beto, que o plano foi apresentado a esse tal de Chefe por você. Você quiz se vingar de Heloisa, você quiz afastar Fernando, você quiz fazer média junto a mim e para tudo isto utilizou-se de Nadinho. Se conseguiu uma parte do que desejava, outra não vai conseguir porque eu jamais poderei perdêar a você ter usado Nadinho como trampolin ao gabinete de papai. Jamais!

BETO - Márcia eu preciso que você acredite em mim. Eu não tive culpa de nada. A única que tive e que confesso a você, foi tê conseguido do com o chefe botá o Fernando num lugar de menos segurança pra que acontecesse o que aconteceu; mas isso eu fiz por gostá de você e pra afastá êle do nosso caminho. Você tem que compreendê.

MÁRCIA - Foi uma maneira indigna de proceder e uma vitória sem mérito, si é que se pode chamar de vitória o fato de você ter conseguido anular o seu rival, porque o resto... o resto você não conseguirá. Juro-lhe que não conseguirá.

BETO - Márcia, peça o que quizê de mim e eu tô disposto a fazê, mas me trate desse jeito que isso me mata. x

- MÁRCIA - Você disse que lhe peça o que quiser? Pois bem, apresente-se à polícia e faça declarações que inocentem Fernando para que ele possa livrar-se da cadeia. Se fizer isso, eu serei capaz até de chegar a estimá-lo.
- BETO - Eu bem que gostaria de poder ser-lhe agradável, mas... é tão ~~difficil~~ difícil o que me pede... tão difícil... Você nem pode imaginar.
- MÁRCIA - Há outra coisa ainda que eu também desejo muito: que você livre Nadinho da organização, sem que ele corra risco de vida como acontece aos outros que procuram livrar-se.
- BETO - Duas coisas difficílimas. Eu nem sei qual é que é mais difícil.
- MÁRCIA - E você acha que para mim será fácil transformar o pavor que lhe tenho em estima e respeito? Mas eu sei que serei capaz de fazê-lo se você conseguir atender aos meus pedidos.
- BETO - Pois bem, pra prová o quanto você vale pra mim, eu não vou fazê aqui uma promessa batata, mas vou dizê que vou fazê toda a fôrça pra consegui o que você qué.
- MÁRCIA - Pois consiga e verá que saberei ser-lhe grata.
- BETO - Isso é uma coisa que vai demorá um bocadão. Eu não vou poder consegui de uma hora pra outra, mas desde que consiga você fica satisfeita; não fica?
- MÁRCIA - Sim, mas desde que não leve aí um ou dois anos. Acho que um prazo de dois meses deve ser suficiente para você conseguir.
- BETO - É pouco tempo. O Chefe não é pessoa fácil de se lidar. Tem que se vencê ele no cansaço e isso pode levá um mês mas também pode levá dois ou quatro.
- MÁRCIA - Pois bem, eu lhe dou um prazo limite de quatro meses. Ao fim desse tempo não lhe darei mais permissão ~~de~~ ^{nem de} olhar para o meu lado, quanto mais de dirigir-me a palavra.
- BETO - Vai sê o castigo maior que eu posso recebê. Tem uma coisa, ainda: pelo menos duas vezes por semana eu quero poder conversá com você pra lhe dizê em que pé anda o assunto.
- MÁRCIA - Duas vezes por semana é muito. Concorde numa vez só e por telefone.

BETO - Por telefone? Você não poderia intercalá e fazê uma semana por telefone e outra pessoalmente?

MÁRCIA - Não. Eu não me sujeitaria a que papai tivesse conhecimento dos nossos encontros porque sei bem o quanto êle, coitado, sofreria. E já bastam os sofrimentos que tem tido com os outros. Comigo não ha de ter, si Deus quizer. E agora você vai me dar licença porque preciso voltar para a cabeceira dele e creio que já falamos tudo que tínhamos a dizer.

BETO - Amanhã eu telefono pra você, tá?

MÁRCIA - Amanhã, não. Só na próxima semana.

BETO - E si eu tivé uma notícia boa?

MÁRCIA - Desde que seja realmente boa, pode telefonar fora do prazo estipulado. Boa noite.

BETO - Boa noite.

C/REGRA - RUIDO DE FECHAR PORTA.

BETO - Puxa vida! Não é que eu fui me enfeitica pelo diabo da mulher? Eu vou fazê fôrça pra livrá o Fernando, mas não pense ela que eu vou bancá o trouxa de deixá êle ficá aqui. Tovo êle pra longe logo no dia seguinte que êle se livrá das grade.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DINAH - Você leu o que dizem os jornais de hoje a respeito do caso do seu amigo?

LINDAURA - Li. As mesmas coisas que vêm sendo ditas ha uma semana. Nenhuma novidade, até agora.

DINAH - Todos êles insinuam que Nedinho ajudou os assaltantes, mas eu não acredito. Continuo dizendo que êle foi um inocente útil na mão daquela gente. Menino novo, sem nenhuma experiência da maldade da vida, acreditou, com certeza, que o amigo ia lá para falar com seu pai sôbre qualquer assunto bancário.

LINDAURA - Mas o tal homem, que êle disse só conhecer pelo apelido de Sarará, foi com a cabeça toda enfaixada, como se tivesse sofrido um desastre. E êle mesmo disse isso ao pai, na ocasião que os apresentou. Você acredita que êle não soubesse que aquilo era farsa?

- DINAH - Acredito, sim. Você sabe do que essa gente é capaz para conseguir aquilo que quer. A única culpa que cabe a Nadinho, a meu ver, é ter se metido com gente tão ruim, tão baixa, tão sem escrúpulo e ter levado essa gente para dentro de sua casa, como dizem que levou.
- LINDAURA - Essa culpa é mais da mãe dele, como eu já tive a franqueza de dizer a ela.
- DINAH - Pois então? Sendo assim, ele até que está completamente isento de culpa. Rapaz criado assim largado, fazendo o que tem vontade, sem obedecer ninguém, sem ter tido quem lhe apontasse o caminho certo, está sujeito a errar e tem que ser desculpado.
- LINDAURA - Completamente isento de culpa também não. Que é isso? Então a gente não tem a própria consciência para dizer o que está bem e o que está mal?
- DINAH - Quando se tem noção do que é bem e do que é mal. Quando não se tem...
- LINDAURA - Mas aí é que entra em campo a obrigação da mãe. De incutir nos filhos, desde pequenos, o que é certo e o que é errado.
- DINAH - Desculpa, Lindaaura, mas essa obrigação não é só da mãe, é do pai também. Não queira atirar toda a culpa sobre Eugênia porque Hermes também tem a sua parcela ~~de culpa~~ Menor, porque naturalmente como homem de trabalho, não lhe sobrava tanto tempo para conviver com os filhos, mas uma boa parte também sempre lhe toca. Principalmente em se tratando de um filho homem.
- LINDAURA - Mas Nadinho foi sempre muito rebelde, este é que é a grande verdade. Quando ele começou a se achar gente, encheu o seu quarto de cartazes com frases de escritores célebres. Eu me lembro que uma delas dizia assim: "Não me dêem conselhos, sei errar por mim." Tinha um outro cartaz, bem na cabeceira da cama, que dizia assim: "Foi-se o tempo do TU DEVES . É a hora do EU QUERO. Eu devo, não pelos outros - deixa eu me lembrar bem como era - (REPETINDO) Eu devo não pelos outros... mas pela fidelidade que devo a mim mesmo no que tenho de puro e verdadeiro.

DINAH - É a rebeldia própria da juventude; isto existiu em todos os tempos, só que hoje eles têm a coragem que nós não tivemos.

LINDAURA - Espera... deixa eu me lembrar de um outro cartaz que também me chamou muito a atenção. Era de um filósofo, não me lembro qual. Dizia: (PROCURANDO LEMBRAR) Não sou melhor porque me louvam... nem sou pior porque me criticam... Eu sou o que sou... à luz de minha consciência. (TOM) Imagina, falar em consciência um gu-ry completamente inconsciente como ele! O coitado do Hermes en- trave no quarto com a intenção de orientá-lo para a vida, depara- va com aqueles cartazes, era água fria na fervura. Sentia, desde logo, a inutilidade da sua presença.

DINAH - Pois é, mas não devia desistir. Devia insistir.

LINDAURA - ~~talvez, mas a verdade é que~~ ^{talvez, mas a verdade é que} as criaturas só aprendem a andar de- pois que caem.

DINAH - Pois é, mas acontece que muitas vezes, quando levantam, estão com as pernas quebradas, e não podem continuar seu caminho. Eu tenho muita pena do Nadinho porque acho que em tudo isto ele é a grande vítima.

LINDAURA - Não concordo com você. Acho que a grande vítima é o Hermes, coi- tado, porque, antes de tudo, ele é vítima da sua própria bonda- de.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Você não deveria se aproximar desse rapaz sob pretexto algum, Márcia. Ele não presta, como já se pode ver por mais de uma vez e a sua aproximação só poderá prejudicá-la.

MÁRCIA - Não, Reginaldo, eu já não penso como você. Acho que Deus me designou para salvá-lo, mostrando-lhe o caminho certo.

REGINALDO - Você está convencida de que ele gosta de você? Não creia, Márcia, ele é um simulador. Está pretendendo dar-lhe um grande golpe, você vai ver.

MÁRCIA - Não, Reginaldo, eu sei o que estou dizendo. Beto está gostan- do verdadeiramente de mim e eu vou aproveitar essa chance pa- ra tirá-lo do abismo em que se encontra.

~~Operador - Cortina Musical~~

MÁRCIA

REGINALDO - Mas você não vai me dizer que pretende alcançar esse objetivo casando-se com aquele indecente?

MÁRCIA - Quem falou em casar, Reginaldo? Eu nem estou pensando nisto.

REGINALDO - Mas você pensa que ele não vai exigir isso de você em troca da sua recuperação?

MÁRCIA - Eu saberei contornar a situação, esteja descançado.

REGINALDO - Eu tenho muito medo. Confesso-lhe que tenho um medo terrível.

MÁRCIA - Pois eu já não tenho e posso lhe afirmar que estou mais segura do que nunca. Pretendo aproveitar grandemente esta chance, inclusive conseguindo a libertação total de Nadinho e Fernando. Você vai ver.

REGINALDO - Deus a ouça, minha filha! Deus a ouça! Mas pode estar certa de que não vai ser fácil.

MÁRCIA - Eu sei a luta que me espera, mas estou disposta e enfrentá-la.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - Eu estou muito contente. O médico acabou de me dizer que amanhã você já vai poder levantar um pouco.

HERMES - Eu vou lhe dizer uma coisa que talvez a entristeça, Eugênia, mas eu não tenho o menor entusiasmo em ver-me bom. É justifico: esperam-me tantas situações difíceis a enfrentar, possivelmente tantas decepções, tantos aborrecimentos que eu não sei se será bom melhorar.

EUGÊNIA - É bom, sim, meu querido. Acredite que é bom. Eu sei que você terá que passar momentos ainda bastante difíceis, mas eu quero que você saiba que agora já não estará sozinho. Eu estarei ao seu lado para o que der e vier.

HERMES - Obrigada, querida, você me faz um grande bem, falando assim.

EUGÊNIA - Talvez seja a maneira de pagar a você um pouco da minha grande culpa.

HERMES - Que culpa, Eugênia?

EUGÊNIA - A de não ter sabido guiar os meus filhos, ou melhor, os nossos filhos, deixando-os ao sabor dos seus próprios destinos.

HERMES - Se você teve essa culpa, eu também a tive. A obrigação não era apenas sua.

EUGÊNIA - Mas você tinha o seu trabalho enquanto que eu esbanjava o meu tempo em coisas vãs, deixando que as crianças crescessem ao léu, como erva ruim, espalhando-se para todos os lados. Cabia à jardineira botar uma estaca junto ao pé da planta nova, amarrá-la com uma tira de pano macia e ir fazendo com que ela, aos poucos, fôsse tomando a posição que mais lhe convinha. Nada disto eu cuidei de fazer e hoje me arrependo. Se eu pudesse falar às outras mães, e todas as outras mães que, como eu, esbanjam o seu tempo em futilidades, eu lhes diria: cuidem de seus filhos, apontem-lhes o caminho certo, não deixem que eles se percam pelos meandros do vício, norteando-os, orientando-os, acompanhando um por um de todos os seus passos, para que eles não se afundem na perdição e na descrença. As que assim procederem estarão poupando a si mesmas o terem que chorar, no futuro, as lágrimas mais amargas de toda a sua vida.

HERMES - Querida, você está levando longe de mais a sua culpa. Nada que se tenha feito sem espírito preconcebido, pode ser levado à conta de culpa. Você se omitiu, apenas. Não preconcebeu. De qualquer forma, você despertou ainda em tempo de ajudar-nos e isso é o que verdadeiramente está importando agora. Suas palavras, e a certeza de que poderei contar com você já me fizeram um bem tão grande que já me sinto disposto a enfrentar as adversidades que possa surgir de toda esta tragédia que acabo de viver.

EUGÊNIA - Sim, Hermes, vamos agora enfrentar juntos não só o que possa advir da tragédia como a vida que tivermos diante de nós para viver. Nossos filhos já se mostram arrependidos de tudo que fizeram e depois do arrependimento não será difícil a recuperação.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - (CANTANDO) De que vale o céu azul e o sol sempre a brilhar, se você não vem e eu estou a lhe esperar, só tenho você no meu pensamento e a sua vida é todo o meu tormento. Quero que você me aqueça

neste inverno e que tudo mais vá pra inferno. Quero que você...

DOQUINHA - (CORTANDO) Hum... que é que tá pra acuntecê o seu Beto cantando? Tá adivinhando passarinho verde, é? Nunca vi vancê cantá, que g ligria é essa?

BETO - Eu tô alegre mesmo, Doquinha. Alegre pra xuxú. A garota que eu gosto prometeu que si eu mudô de vida e fizé aí uns treço que ela deseja, que ela promete que vai fazê fôrça pra gostá de mim.

DOQUINHA - Cuidado, hein seu Beto? Num vai munto atrás de mulié, não. Mulié é bicho matrero. Pra prometê tá sózinha, mas depois de acunsi-gui squêlo que ela qué, ~~xxxxxxxxxxxx~~ num compre ca palévra.

BETO - Não, Doquinha, essa não é como as outras. Tu tá por fora do negó-cio, não té sabendo. Essa é batata.

DOQUINHA - Batata, é? Mas num pensa que tu vai discascá ela anssim no mais, não. Mulié tem munta vortinha que home num sabe. Óia o meu nêgo. Eu passo ele pe trás que é uma beleza. Vê si êle fica sabendo. E isso que êle me cuida. Mas quando êle vem me falá dum treço quasqué, eu já tô dando a vortinha no papê e embrúio êle.

BETO - E por que tu faz sujeira tu acha que todas tem que fazê? Óra, não amola, Doquinha. Vai querê te compará?

DOQUINHA - Decerto que vô. Ela num é mulié? Mulié por mulié eu tombem sô.

BETO - Pra tu chegá a sê mulher como ela, Doquinha, tu vai té que nascê mais duas vezes, Doquinha, porque uma só não chega.

DOQUINHA - Hum... vai te ciã num espêlo tu tombem, vai seu Beto, pra depois vim querê me escangalá eu. Tu tá pensando que com essa pig-ta braba tu vai arrumá alguma granfina? Só se fô alguma encaig-da que num tem mais sarvação e antão se agerra no premero que passa. O sinhô pudia i drumi sem essa, num é? Mas me encangaiô, eu te escangaiô tombem, que eu num sô tapete pra ninguem me pizá em ribs.

BETO - Tu tá perdendo o teu tempo porque eu nem tô ouvindo o que tu tá falando. Eu já tô sonhando com o dia do meu casamento. (TOM) Tá aí, nesse dia eu vou te convidá e vou te dá um vestido bem bnito pra tu i na igreja.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - Minha filha, há dias combinei com você de vir ao seu quarto para termos uma conversa, mas você foi despistando a minha vinda, um fixxx dia por um motivo, outro dia por outro e nunca chegamos ao dese do diálogo. Digo desejado por minha parte. Hoje, cansada de ta to adiamento, resolvi vir sem consulta e dizer a você aquilo que eu quero.

HELOISA - Mas mãe, justamente hoje eu estou estudando para uma sabatina muito importante e...

EUGÊNIA - (CORTADO) Não importa. Com sabatina ou sem sabatina, você hoje vai me ouvir. Eu quero falar com você, Heloisa. Eu preciso falar, entende? Nós antes não nos entendíamos, mas agora precisamos nos entender. Eu não vou lhe fazer nenhuma acusação, nenhuma recriação, nenhuma censura, porque se alguém tivesse esse direito, seria você contra mim. Talvez agora você entenda porque desejo tanto falar com você, fazer o diálogo do perfeito entendimento entre mãe e filha que nós nunca fomos. Somos duas extrenhas vivendo na mesma casa, mas isso terá que acabar hoje, agora mesmo. Teremos que passar a ser, deste momento em diante, a mãe e a filha de verdade, unidas pelo mesmo sentimento de amor e de inteira solidariedade nas horas de alegria e nas horas de angústia como as que estamos vivendo. Por isso, filha, escute-me, porque eu preciso do seu perdão.

OPERADOR : CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE - CAI PARA BG.

LOCUTOR - Este foi o trigésimo segundo capítulo da novela de Érico Cramer, "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" que a Rádio Gaucha vem apresentando aos seus ouvintes, diariamente neste mesmo horário. No capítulo de hoje tomaram parte: (LE A RELAÇÃO DE TODOS) Ouça amanhã, neste mesmo horário, mais um capítulo desta empolgante novela.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO

.....

- Novela de ÉRICO CRAMER -

332 CAPÍTULO

DIREÇÃO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o trigésimo segundo capítulo desta novela, deixamos Eugênia e sua filha Heloisa numa conversa que a mãe vinha insistindo há tempo em fazer e a filha despistando para evitar. Naquela noite, porém, Eugênia invade o quarto da filha, inesperadamente e, sem aceitar as desculpas que Heloisa procurava lhe dar, para fugir ao diálogo, entrara diretamente no assunto que foi interrompido, mais ou menos, neste ponto:

LOCUTOR - SOBE A CARACTERÍSTICA, BAIXA E SOME.

HELOISA - Mas mãe, justamente hoje eu estou estudando para uma sabatina muito importante e...

EUGENIA - (GRITANDO) Não importa. Com sabatina ou sem sabatina, você hoje vai me ouvir. Eu quero falar com você, Heloisa. Eu preciso falar, entende? Nós antes não nos entendíamos, mas agora precisamos no entender. Eu não vou lhe fazer nenhuma acusação, nenhuma recriinação, nenhuma censura, porque se alguém tivesse esse direito, seria você contra mim. Talvez agora você entenda porque desejo tanto falar com você, fazer o diálogo do perfeito entendimento entre mãe e filha que nós nunca fomos. Somos duas estranhas vivendo na mesma casa, mas isso terá que acabar hoje, agora mesmo. Teremos que passar a ser, deste momento em diante, a mãe e a filha de verdade, unidas pelo mesmo sentimento de amor e de inteira solidariedade nas horas de alegria e nas horas de angústia como as que estamos vivendo. Por isso, filha, escute-me porque eu preciso do seu perdão.

HELOISA - (EXTRANHA) Meu perdão? Ora essa, mãe, francamente! Por que haveria eu de perdô-la? Asseguro-lhe que não entendo a razão das suas palavras.

07.11.
20.11

EUGÊNIA - Pois minha filha eu lhe asseguro que me sinto culpada diante de você.

HELOISA - Culpada?! Mas culpada de que, mãe, por favor?!...

EUGÊNIA - De ter sido egoísta... displicente... preguiçosa, cuidando apenas de mim mesma e deixando você e seu irmão entregues à própria sorte, sem cogitar por onde andavam, com quem andavam e o que faziam, porque meu tempo era pouco para atender às mil futilidades a que me entregava, quando deveria estar ao lado de vocês, mostrando-lhes o bem e o mal e fazendo-os sentir a necessidade de saberem se conduzir na vida, sempre no meio termo, sem os rigorismos do passado mas também sem as precipitações e as excessivas liberdades do tempo presente. E então, por desavisados, vocês se deixaram arrastar na voragem do modernismo e se perderam. Um erro foi arrastando vocês a outro e mais outro e muitos outros e no fim, como era natural, como resultado de todos esses erros, veio o tédio e o desencanto, exatamente na hora em que a vida deveria oferecer-lhes o melhor do seu quinhão. Devo ou não devo ser considerada a grande culpada de tudo que possa ter sucedido a vocês?

HELOISA - (SINCERA) Mãe, por favor, pare de se acusar tanto! Nunca, em nenhum momento de minha vida, eu pensei, sequer, em considerá-la culpada de qualquer coisa que pudesse ter me acontecido.

EUGÊNIA - Porque você é muito boa, minha filha e põe acima de tudo o seu sentimento filial, embora, até hoje, eu não tenha sabido merecê-lo. Mas esteja inteiramente certa de que, a partir deste momento, eu saberei ser a mãe que deveria ter sido e não fui. Você e seu irmão nunca mais hão de ter uma queixa contra mim, juro.

HELOISA - Nós não temos queixas contra a senhora, mãe, esteja certa. Tudo que fizemos de mau e de errado, fizemos por querer fazer, sabendo que era mau e era errado. Não cabe, como desculpa, a inexperiência e o desvício, porque erramos conscientemente, cedendo à curiosidade de experimentar o gosto do erro. Não temos, portanto o direito de acusar ninguém e menos ainda de pretender jogar sobre os ombros de outrem as nossas próprias ~~culpas~~ *responsabilidades*.

EUGÊNIA - Se vocês tivessem tido, na adolescência, uma voz carinhosa e amiga que os advertisse das conseqüências do erro, teriam tido ^{curiosidade} medo de atirar-se a êle e não cederiam à ~~curiosidade~~ Ca-
deram por ignorar até que ponto se extenderiam os efeitos do erro. Só por isto. É a voz carinhosa e amiga que lhes faltou de quem foi? ~~Na~~ Mãe, que em vez de acompanhar os passos de seus filhos, perdia as suas horas nas rodas de jôgo, nas reuniões sociais, nas provas dos vestidos caríssimos que todas as semanas adquiria, jogando fora, praticamente, um dinheiro que podia ser amealhado em benefício de seus filhos.

HELOISA - Mãe, pare com isto, por favor. Aceite tudo isso que a senhora disse, como um desabafo, talvez necessário ao seu coração numa hora de angústia, mas não concordo com os conceitos que emitiu. É torto a repetir que erramos porque quizemos, porque teimamos em desprezar os padrões antigos da moral e dos costumes, absolutamente convictos que êles nada poderiam representar na vida moderna. Encaramos os efeitos do nosso procedimento perante a sociedade e os desprezamos, ~~esquecendo~~ esquecendo os reflexos que poderiam ter dentro de nós mesmos e que foram o tédio e o desencanto. Hoje estou convencida de que fomos longe demais e que a medida exata teria sido o meio termo. Enfim, o que está feito está feito e não vale lamentar. Vamos procurar sair deste mergulho, levantar a cabeça e tocar para a frente, esquecendo o que passou e continuando a caminhada porque a vida não para e segue em frente. E deixe que lhe dê, agora, um beijo para que sinta que não há no meu coração nenhum ressentimento contra a senhora.

(DOIS BEIJOS)

EUGÊNIA - Minha filha querida! Quanto tempo eu perdi de afagar e ser afagada!...

OPERADOR : CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Eu estava aflita pela sua volta para saber como é que você se saiu foi no interrogatório com o Delegado Pontes.

NADINHO - Acho que fui bem, não sei. Êle me fez exatamente as mesmas per-

guntas que os outros me fizeram antes. Eu, que não sou bobô, reagí do mesmo jeito. Tinha um cara lá tomando nota do que eu dizia e no fim eles me mandaram embora.

MÁRCIA - Por acaso eles não falaram em Fernando? Não fizeram a você alguma pergunta relativa a ele?

NADINHO - Fizeram. Eles me perguntaram si eu não achava que Fernando tava metido no brinquedo.

MÁRCIA - E que foi que você respondeu?

NADINHO - Bom, eu disse pra eles que achava que não. Que eles tinham feito com ele, com certeza, o mesmo que fizeram comigo. Botaram ele no brinquedo sem ele sabê. Aí eles me perguntaram uma porção de coisa sobre a vida do Fernando, onde nós tínhamos nos conhecido, se nos era amigo, há quanto tempo e uma enfiada de pergunta que não acabava mais. Eu fui respondendo tudo bem firme e no fim eles me mandaram embora.

MÁRCIA - Você não ficou sabendo onde é que Fernando está, nem se a gente pode ir visitá-lo?

NADINHO - Não, eles não disseram nada, mas mesmo que dissessem você não podia ir, porque ele tá incomunicável.

MÁRCIA - Apesar de profundamente magoada com ele, eu gostaria de visitá-lo e conversar com ele ao menos uma vez.

NADINHO - Você não tem razão de tá magoada. Só porque ele foi no gabinete do velho? Mas se ele foi destacado ele tinha que ir, não podia se escapá. A atitude dele ^{foi} que foi muito chata e a gente não compreendeu, mas pode sê que ele explique. Vamo esperá falá com o cara, primeiro, pra depois tomá atitude.

MÁRCIA - Escute, Nadinho: se você denunciasse o Beto como autor intelectual do assalto e dissesse à polícia onde poderia prendê-lo, que é que você acha que poderia acontecer para você?

NADINHO - Ele ia me envolvê também, eu ia pras grade do mesmo jeito que ele e o Chefe acabava mandando me fazê o serviço.

MÁRCIA - Que horror! Com que gente você foi se meter, Nadinho. E vamos dizer que o Beto, por um motivo qualquer, resolvesse livrá-lo

da organização. Ele teria força para isto?

NADINHO - Não sei... não acredito muito, não. Em todo caso pode sê. Como ele é home de confiança do Chefe... (TOM) Mas por que você me pergunta isso?

MÁRCIA - Por nada, não. Simples curiosidade. Bem, Nadinho, você deve estar cansado eu vou deixá-lo à vontade. Você não vai dar boa noite ao seu pai?

NADINHO - Já fui, mas ele tava dormindo. Agora é a velha que tá cuidando dele; não é?

MÁRCIA - É sim. Ela fez questão, eu não podia teimar em ficar num posto que, em verdade, lhe pertencia.

NADINHO - Você reparou como a velha tá diferente, desde que aconteceu esse treco? Pelo menos uma vantagem em tudo isto o velho tirou: ela ficou mais amiga dele.

~~MÁRCIA~~ MÁRCIA - É verdade. E não só dele como de todos nós. Até de mim. Já conversa comigo, já sorri. Peça-me para ficar no seu lugar cada vez que precisa sair... Enfim, é bem como diz o ditado: Há males que vêm para bem. Este foi um.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DOQUINHA - (CHORANDO) Ah, seu Beto, eu tava trocando pro sinhô chegá, seu Beto. Eu preciso do sinhô, num me abandona, seu Beto. Eu preciso... eu preciso...

BETO - Mas o que é que há, negrinha, pra que esse desespero todo?

DOQUINHA - (NO MESMO TOM E RÍTIMO DO CHORO) Negrinha não que eu tenho nome, seu Beto. Já disse pro sinhô deversas veiz. Eu sô uma infiliza, uma desgraçada, seu Beto. Preciso que o sinhô me ajude.

BETO - (IMPACIENTE) Para de chorá e conta o que aconteceu, Doquinha.

DOQUINHA - (SEMPRE FUNGANDO, FAZENDO FORÇA PARA PARAR DE CHORAR E VAI PARANDO AOS POUCOS) O caso é o seguinte, seu Beto. O meu nêgo foi em cana, seu Beto. Eu queria que o sinhô me ajudasse a tirá ele. Eu num posso vivê sem o meu nêgo, seu Beto, eu num posso.

BETO - Mas foi em cana por que? O que é que aconteceu pra ele ir em cana?

- DOQUINHA - Os tira entraro lá em casa, garraro a rivistá o barraco todo, encontraro umas cousa lá que dissero que era roubada, levaro elas e mais o nêgo junto.
- BETO - Mas como é que essas coisa afanada foram aparecê no teu barraco, Doquinha? Conta.
- DOQUINHA - Foi um amigo dele, o Dejanir, que pediu pra êle guardá. O coi tado num tinha nada que vê com o caso.
- BETO - Mas se êle não tinha nada que vê, amanhã ou depois já soltam êle. Não precisa fazê carnaval por causa disso.
- DOQUINHA - Mas êles dissero que foi o nêgo que roubou e num querem sortá o nêgo. Como é que eu vô vivê sem êla, seu Beto? Diz.
- BETO - Mas si êles dissero, alguma coisa deve havê. Que coisas que êles dissero que êle roubou? Conta.
- DOQUINHA - Um violão, uma cuica, um pandero e um parêio de jáiz concreto. Não, concreto, não. Disimconcreto, porque fartava o pausinho de batê. E os marvado dos visinho é que tivero culpa porque dissero pros tira que tinha visto o nêgo entrá caqueelas coisas tudo no barraco. Mintira deles, Eles num podia tê visto, praquê o nêgo entrô caquilo tudo de madrugada, como é que êles ia vê?, se tava tudo drumindo?
- BETO - Mas então não foi amigo nenhum que levou as coisa pra êle guardá como tu disse aí. Foi o nêgo mesmo que afanou.
- DOQUINHA - É, eu num quiria dizê mas disse sem querê. Foi o nêgo, sim. Mas o caso é que outros que roba muito mais num prende, o pobre do nêgo que roubou umas porcaria forum prendê. Eu agora quiria falá co sinhô pra vê se o sinhô vai intê lá falá com êles pra vê si êles sortá o nêgo. O sinhô vai pra mim, seu Beto? O sinhô vai?
- BETO - Escuta, Doquinha, tú sabe muito bem que as minhas relações com a polícia não são das melhores. Ela tá de plho em mim e eu nela, ha muito tempo. Si eu chego lá pra tirá a cara pelo teu negro, eu corre o risco deles me deixarem lá encanado pra "averiguações" como êles dizem. E eu não tô pra isso que eu

não sou cavalo. Com a polícia eu quero é distância.

DOQUINHA - Ah, então tu me deixa eu na mão; não é seu Beto? Tá bem. O
 • sinhô inde vai precisá de mim e eu vô fazê pro sinhô a mema
 cousa que o sinhô tá fazendo pra mim, agora.

BETO - Mas Doquinha, tu precisa vê a minha situação, pra compreendê
 que eu não posso me metê dentro duma fogueira. Eu corro o ris
 co de me queimá. Será que isso não entra na tua cabeça? Tu
 tem que falá com uma pessoa de barra limpa lá com êles pra es
 sa pessoa então i lá vê se tira o teu negro gato. Outra coisa
 não dá pra fazê.

DOQUINHA - (QUERIMADA) Tá bem, seu Beto, pode dexá. Eu vô procurá dá outro
 geito no couro que êsse num deu. Mas que eu vô tirá o meu nego
 eu vô. Agora é uma quistã de capricho. E é agora memo que eu
 vô cumeçá a trabalhá. Tchau.

C/REGRA - PASSOS DE DOQUINHA QUE SE AFASTAM.

BETO - Para aí. Vai me buscá cigarro lá no armazem antes de saí.

DOQUINHA - (DE SEGUNDO PLANO) Tombem num posso i no almazem que eu devo
 pro portuga e inde num paguei. Ele pode me mandá encaná eu.
 Vai tu.

G/REGRA - PASSOS RECOMECAM EM SEGUNDO PLANO E SOMEM.

BETO - Essa negra tem cada uma! E a gente aguenta porque ela tem uma grand
 • grande qualidade: Segredo pra ela é segredo e ela não abre a
 boca mesmo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - Eu estava aflita que o Delegado saísse para vir saber de você
 como foi o interrogatório. Correu tudo bem?

HERMES - Acho que sim, não sei. Eu contei a êles, com todos os detalhes
 que ainda me lembrava, como tudo aconteceu. Êles tentaram envol
 ver o meu filho mas eu me exaltei de tal forma que êles não fi
 zeram segunda investida. Eugênia, diga com sinceridade, sem
 pretender defender nosso filho: você acha que êle podia estar
 a par do plano dos seus companheiros? Diga a verdade.

EUGÊNIA - Acho.

DELEGADOR - EXPLOÇÃO DE SUSTO.

- HERMES - Meu Deus!... Que horror, Eugênia!... Isso para mim é o pior de tudo!
- EUGÊNIA - Mas espere. Deixe eu completar meu pensamento. Acho que eles puzeram nosso filho contra a parede, ameaçando, inclusive, de matar você. Diante disto - e para salvá-lo - ele não hesitou em fazer o que fez.
- HERMES - Ah, bem! Isso já é diferente. Mas eles puzeram muito veneno nas perguntas e foi isto que me irritou. Eu senti que eles duvidavam de nosso filho.
- EUGÊNIA - Mas diante das circunstâncias em que ele se viu envolvido, é natural que isto aconteça. Ninguém o conhece como nós, para poder garantir por ele como nós garantimos. O Delegado falou ao Nadinho de acariá-lo na sua presença. Ele fez alguma referência a isto?
- HERMES - Não fez. Talvez pela reação que eu tive diante das insinuações, ele tivesse achado mais prudente não prosseguir as perguntas, deixando-as para uma outra oportunidade.
- EUGÊNIA - Mas você não deve fugir ao assunto para que não pareça que você está querendo abafar a culpa de seu filho, entende? Quando eles falarem responda com naturalidade, rebatendo insinuações, é claro, mas com o maior comedimento, para merecer maior crédito. Isso é muito importante, lembre-se. Eles falaram em voltar?
- HERMES - Falar, propriamente, não, mas quando se despediram, o delegado me disse assim: "até outro dia". É sinal que estão pretendendo voltar; não lhe parece?
- EUGÊNIA - É claro. E tem que voltar, mesmo. A gente não gosta, mas eles precisam esclarecer as coisas. Estão cumprindo com o seu dever, não acha?
- HERMES - É. E a gente mesmo deve desejar que fique tudo muito bem esclarecido, para que não fiquem dúvidas, no futuro, sobre o procedimento de nosso filho.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

- REGINALDO - Você me parece preocupado, Nadinho. Que aconteceu na delegacia? Fale com franqueza porque quando a gente tem uma preocupação, o melhor de tudo é poder dividi-la com alguém que nos ajude a carregá-la. O que foi? Conte.
- NADINHO - O Delegado parece que não está acreditando muito nas minhas declarações. Pergunta tantas coisas sobre os meus companheiros que eu fico até encabulado de só responder "não sei".
- REGINALDO - Mas é só isto que você deve responder, do contrário poderá mostrar maior intimidade com eles e comprometer-se como membro da tal de organização. Sabe o que isto representa, se eles descobrirem; não sabe?
- NADINHO - Claro. Prisão nem sei por quanto tempo.
- REGINALDO - Você não soube nada do Fernando? Será que continua incomunicável?
- NADINHO - Acredito que sim. Eu perguntei se podia falar com ele, me digam se não...
- REGINALDO - Será que ele fez alguma declaração que possa ter comprometido você?
- NADINHO - De modo nenhum. Ele poderia fazer declarações que me inocentassem; outra coisa não. Conheço bem o Fernando e o seu caráter.
- REGINALDO - Coitado. E a gente, infelizmente, não pode fazer nada por ele.
- NADINHO - Eu não sei porque ele deixou o Sarará escapar, mas tenho certeza absoluta que aquele procedimento tem uma explicação. Um dia a gente vai sabê.
- REGINALDO - Márcia está sofrendo muito, a pobresinha. Ela reage, não mostra o que verdadeiramente sente, mas no fundo o seu sofrimento é uma coisa horrível. Só dorme abaixo de calmantes e pela madrugada. Ela pensa que eu não vejo. Mas mesmo de longe eu a acompanho. (TOM) Eles marcaram outro dia pra você voltar lá?
- NADINHO - Não. Disseram que eu estivesse sempre em casa porque a qualquer momento poderiam precisar de mim e me chamariam pelo telefone.

REGINALDO - Então vamos aguardar.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Vim saber do senhor. Passou melhor esta noite? Pode dormir?

HERMES - Eu durmo sempre, minha filha. O remédio que o médico me deu é poderoso. Dez minutos depois de tomá-lo ele me derruba até a manhã seguinte.

HELOISA - É bom assim. Pelo menos o senhor descança algumas horas.

HERMES - Quando não sonho. Mas isso acontece muito poucas vezes, de maneira que o meu descanso está sempre condicionado à espécie de sonho que eu possa ter.

HELOISA - Compreendo. Mas mãe disse que o senhor, esta noite, dormiu bem mais calmo que a noite passada, apesar da visita do delegado e das perguntas que ele lhe fez.

HERMES - É verdade, sim. Meus sonhos, esta noite, foram mais brandos do que de costume, mas nem por isso deixaram de me atormentar. É sempre Nadinho em volta de mim, com os olhos vendados, tateando no espaço e procurando acertar o caminho. Eu a gritar para ele, tentando conduzi-lo à distância, sem poder me aproximar dele e sem conseguir que ele me escute.

HELOISA - É, de fato, é um sonho bem aflito. Um pesadelo, quase. Será que o médico não lhe daria um remédio para evitar esses sonhos?

HERMES - Seria bom, mas infelizmente parece que não há o que controle o sonho. Ele continua a ser e ainda o será por muito tempo um mistério da natureza humana.

HELOISA - O senhor já tomou seu café?

HERMES - Já. E você? Não tem aula agora de manhã na Faculdade?

HELOISA - Não. Só à tarde. Vou ficar a manhã toda com o senhor porque Mãe hoje tem dentista às dez horas. Ela não queria ir, mas eu insisti porque acho que ela precisa.

HERMES - É claro, fez muito bem. E depois, agora eu já tenho licença para ler os jornais, de sorte que passo a manhã inteira distraído.

HELOISA - Eu trouxe meus livros para ficar estudando aqui junto do senhor. Acho que um não atrapalhará o outro e nos acompanharemos mutuamente.

HERMES - Ótimo. Assim sua mãe pode ir ao dentista sem pressa e inteiramente descansada.

HELOISA - Já trouxeram os jornais para o senhor?

HERMES - Ainda não. Acredito que Eugénia ainda esteja a censurá-los. (RIE)

HELOISA - Coitada da mãe! Papai, o senhor não está surpreso com ela?

HERMES - Completamente. Certas coisas precisam acontecer para que a gente possa conhecer melhor as pessoas que nos rodeiam.

HELOISA - É mesmo. O senhor tem razão. Eu também nunca imaginei que mãe pudesse ser uma mulher tão extraordinária como tem sido. Acreditava que ela fôsse vasia e sem alma, mas felizmente pude constatar, agora, que me enganei redondamente.

HERMES - Sua mãe tem se revelado uma heroína e só por isso merece o nosso perdão e o nosso apreço.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL - FUNDE COM RUIDO DE VOZES - PENITENCIÁRIA.

VOZ - (ALTO FALANTE) Terminou a hora de visita aos presos. Queiram se dirigir ao portão central, *para a saída.*

C/REGRA - PASSOS DE DOQUINHA E' CHÃO DE CIMENTO

DOQUINHA - (PARA SI MESMA) O nego tava tão zarro hoje que eu até já vinha vindo embora ante do siná. A gente vem, tráiz fruta, tráiz cigarro, tráiz um monte de coisa pre ele e o infeliz inda fica rí cramando praquê a gente num trouxe isso ou num trouxe aquilo.

• Vá pro diabo, tombem. Tenho uma réiva de gente mali agradicida...

FERNANDO - (CRITANDO DE SEGUNDO PLANO) Doquinha!... Doquinha!... Aqui, Doquinha!... Aqui!...

DOQUINHA - Seu Fernando!...

OPERADOR : EXPLOÇÃO MUSICAL FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO

LOCUTOR - Este foi o trigésimo terceiro capítulo da novela de Erico Cramer, "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" que a Rádio Gaucha está apresentando diariamente para os seus ouvintes. No capítulo de hoje estiveram presentes os seguintes artistas: (RELACÃO DOS ARTISTA) Ouça amanhã, neste mesmo horário, mais um capítulo desta emocionante novela.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

FERNANDO - (CRITANDO DE SEGUNDO PLANO) Doquinha!

-Novela de Érico Cramer -

31º CAPÍTULO

011111

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

07.11.
2011

LOCUTOR - Ao terminar o trigésimo terceiro capítulo desta novela, encontramos Doquinha na Penitenciária, onde fora visitar seu negro, preso por roubo de instrumentos musicais. E o capítulo foi interrompido mais ou menos nesta altura:

OPERADOR - SOBRE A CARACTERÍSTICA E FIM DE C/M RUIDO DE VOZES

VOZ - (ALTO "ALANTE") Terminou a hora de visita aos presos. Queiram se dirigir ao portão central, para a saída.

C/REGRA - PASSOS DE DOQUINHA E O CHÃO DE CIMENTO

DOQUINHA - (PARA SI MESMA) O nego tava tão zarro hoje que eu até já vinha vindo-simbora ante do siná. A gente vem, tráiz fruta, tráiz cigarro, tráiz um monte de coisa pre ele e o infeliz inda fica rí cramando pruguê a gente num trouxe isso ou num trouxe aquilo... Vá pro diabo, tombem. Tenhô uma reiva de gente máli agradicida...

FERNANDO - (GRITANDO DE SEGUNDO PLANO) Doquinha!... Doquinha!... Aqui, Doquinha!... Aqui!...

DOQUINHA - Seu Fernando!... Num sabia que o sinhô tava aqui. Acho que ninguém sabe lá. Nem o seu Beto falô.

FERNANDO - Ele sabe, sim. Ele não quer dizer, porque não deseja que eu me comunique com as pessoas que ele tem interesse em me separar. Doquinha, ligeiro que já está na hora da saída. Tu me farias um grande favor? Não fala pra ninguém, ninguém que me viste aqui, a não ser para a Márcia, a irmã do Saguí. Vai lá por favor, Doquinha, diz pra ela que me encontraste aqui e que eu quero pedir que ela não faça mau juízo de mim antes que eu tenha explicado tudo que aconteceu. Que não escrevo uma cartinha pra ela porque não me deixam, mas que se ela puder que me mande notícias por ti na próxima visita. Combinado?

DOQUINHA - Tá, seu Fernando, eu faço.

FERNANDO - E no dia que eu conseguir me livrar disso aqui vou te dar o mais lindo presente que tu já recebeste na tua vida.

DOQUINHA - É mêmô? Óia eu vô cobrá, hein? Num pensa que vai ficá só de boca, não.

FERNANDO - Não vais precisar cobrar, Doquinha. No dia que eu me livrar destas grades, tú serás paga pelo serviço que vais me prestar. Mas cuidado, hein? Boca de siri. Principalmente para o Beto não fales nada.

DOQUINHA - Eu, hein? Eu inté que já nem vô mais ca cara dele. Eu pidi pra êle ajudá a safá o meu nêgo que tá aqui encanado e êle disse pra mim, na porca da minha cara, que num fazia porque num quiria encrenca ca polícia. Ele tá marcado na paleta. Pode percisá o que percisá que de mim num tem.

OPERADOR - SIRENE DE CHAMADA DA PENITENCIÁRIA.

DOQUINHA - Credo, deixa eu i simbora, sinão êles fecha o portão e quem fica encanada ~~xxxxxx~~ sou eu, sem tê fazido nada. Inté otro dia seu Fernando.

FERNANDO - Até outro dia, Doquinha, não vai esquecer o que te pedi nem as recomendações que te fiz, hein?

DOQUINHA - (AFASTANDO) Num se insqueço, não, seu Fernando. Aminhá memo já vou lá.

FERNANDO - (PROJETANDO) E muito obrigado, Doquinha. Deus te pague em algrias enquanto eu não puder te pagar.

OPERADOR - REPETE O TOQUE DE SIRENE E FUNDE COM CORTINA MUSICAL

C/ REGRA - CHAMADA DE TELEFONE DIVERSAS VEZES. PASSOS DE MULHER SE APROXIMAM. LEVANTAR FONE DO GANCHO.

MÁRCIA - Fronta, quem fala?

BETO - (FILTRO) Sou eu, Márcia, Beto. Que bom que foi você que atendeu.

MÁRCIA - Por que?

BETO - Porque quando é o velhote, eu acho que êle congece a minha voz e mente que você não está.

MÁRCIA - Ah, então foi você que me procurou hoje à tarde? Mas êle não mentiu, não. Eu não estava, realmente. E êle tambem não reconheceu a sua voz, sinão teria dito qualquer coisa.

BETO - Como vai você?

- MÁRCIA - Mais ou menos. Esperando que se cumpram promessas que aliviem mais a tensão em que temos vivido, ultimamente.
- BETO - E eu estou fazendo força para poder cumprir essas promessas. In da hoje tive uma longa conferência com o chefe e já lancei a semente da libertação para os dois por quem você se interessa.
- MÁRCIA - E qual foi a reação que êle teve? Você observou?
- BETO - Bem... quando falei em Nadinho, êle não teve nenhuma reação. Nadinho é, realmente, um elemento bastante apagado na organização, mas quando citei o nome de Fernando, êle franziu a testa, atirou o cigarro no chão, pisou em cima, esmagando-o e respondeu com raiva: "inda não resolvi nada sôbre a vida desse sujeito." E vou ter muito tempo pra resolver. Até que se prepare a fuga dele da penitenciária, vamos ter aí uns dois ou três meses pela frente."
- MÁRCIA - Fernando não é também uma figura apagada, como Nadinho?
- BETO - Não, não. Fernando já é uma peça muito mais importante da nossa engrenagem. É aliciador de novos adeptos dentro das Faculdades. Já não pode ser tratado com o mesmo descaso do outro. Um é chefe de secção, o outro é mandaleta.
- MÁRCIA - Mas porque você encontrou dificuldades já ao princípio você não vai desistir; não é isto?
- BETO - Não, não... de jeito algum... Eu prometi a você e quero cumprir.
- MÁRCIA - É preciso que você saiba que a libertação de Fernando é tão importante para mim como a de Nadinho.
- BETO - Eu sei e por isso pode ter certeza de que vou me empenhar a fundo para consegui-la. Quero ensinar você a confiar em mim.
- MÁRCIA - Eu já lhe disse a maneira disso acontecer. Bem e agora você vai me dar licença, mas eu tenho que preparar um chá para o papai que êle está esperando. Eu vinha justamente a caminho da copa quando o telefone tocou e eu resolvi atendê-lo.
- BETO - Posso telefonar novamente daqui a dois dias?
- MÁRCIA - Não foi esse o estabelecido. É um telefonema por semana e só num caso extraordinário, ou seja, uma notícia muito boa, você pode

voltar a telefonar segunda vez na mesma semana.

BETO - Se você soubesse como custa a passar uma semana, você me permitiria telefonar duas vezes, mesmo para assuntos comuns.

MÁRCIA - Eu sou a enfermeira de papai, disponho de muito pouco tempo para estar de palestra ao telefone. Uma vez por semana é o permitido.

BETO - Está bem. Você quer me castigar eu não tenho outro remédio senão submeter-me.

MÁRCIA - Bem, até a semana que vem, então.

BETO - Até a semana que vem, Márcia.

C/REGRA - RUIDO DE COLOCAR FONE NO GANCHO.

MÁRCIA - Se papai viesse a saber destas conversas, tenho a impressão de que não me perdoaria e me obrigaria a desistir do plano que traço.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Você não voltou a falar com Beto, depois de tudo que aconteceu?

NADINHO - Não. Sei que ele já falou com Márcia duas vezes mas nem falou em mim.

HELOISA - Exato. E por isso mesmo eu gostaria que você falasse com ele para saber o que está pretendendo de nossa irmã. Beto é um sujeito muito traiçoeiro e bastante perigoso e nós precisamos defender Márcia.

NADINHO - De que jeito poderei falar com ele se não posso sair de casa se não quando sou chamado à Delegacia e se ele não vem mais à nossa casa porque papai o proibiu?

HELOISA - É muito simples. Você conversa particularmente com Márcia, diz a ela que sabe das suas conversas com ele e que na primeira oportunidade em que ele a procurar que lhe facilite o diálogo.

NADINHO - É o que é que você quer que eu pergunte a ele?

HELOISA - É que eu quero você não vai poder perguntar na frente dela, então você combinará um encontro, talvez no nosso jardim durante a noite, e vai procurar saber o que é que ele está pretendendo de Márcia.

NADINHO - E você acha que si é alguma coisa duvidosa que êle vai sê bobo de me dizê?

HELOISA - Si você souber ser esperto, garanto que poderá arrancar dele, durante a conversa, sem que êle sinta. É uma questão apenas de habilidade.

NADINHO - Beto é muito mais esperto e sabido do que todos nós juntos. Duvido muito que deixe escapá uma coisa que êle não queira que a gente saiba.

HELOISA - Não custa tentar, Nadinho. Temos que evitar que Márcia se sacrifique por nossa causa, aceitando aquele sujeito repelente. E a meu ver é isto que está em vias de acontecer.

NADINHO - Aceitar como? O que é que você quer dizer com isto que eu não tô entendendo?

HELOISA - Ele está se fazendo de apaixonado por ela porque não se conforma de ter sido repellido. Deve estar prometendo mil coisas a nosso favor para que ela o esteja tolerando. Sabe Deus que golpe ~~ela~~ estará preparando para aplicar nela no momento oportuno. E é isto que nós temos que fazer tudo para evitar.

NADINHO - Acho que será bem mais fácil saber-se por intermédio dela do que por meio dele.

HELOISA - Aí é que você se engana. O espírito de sacrifício de nossa irmã é de tal sorte, que ela é capaz de entregar-se em holocausto para salvar uma pessoa que ame, sem abrir a boca para proferir uma só palavra que pudesse salvá-la.

NADINHO - Vamo ver. Eu vou tentá um encontro com Beto e pode ser que tenha a sorte dele deixá escapar uma palavra que possa dá uma pista pra gente, mas duvido muito.

HELOISA - Em todo o caso, devemos tentar. Ela deve estar tentando alguma coisa para nos salvar, é nosso dever, portanto, tentar tambem alguma coisa para salvá-la. Mesmo que não se consiga, pelo menos ficaremos em paz com a nossa consciência, o que é muito importante.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL †

- DINAH - Você tem ido à casa do doutor Hermes, Lindaura?
- LINDAURA- Todos os dias. Desde que ele passou a receber visitas, não faltei um só.
- DINAH - Ele está bem agora; não está?
- LINDAURA- Ah, sim. Ele agora está quasi bom. É pena que já começou o aborrecimento das indagações da polícia e o coitado não tem tido trégoa. Quasi que diariamente ele é procurado para responder a uma série de perguntas. E o pior é que são, na essência, sempre as mesmas.
- DINAH - Mas eles fazem isso de propósito para ver se a pessoa cáí em con-tradição. Uma vez com um empregado de meu pai, que cometeu um roybo, foi exatamente assim que eles fizeram. E tanto cansaram o homem que ele, no fim, para não lhe perguntarem mais nada, acabou dizendo a verdade.
- LINDAURA - Mas o Hermes terá que dizer sempre as mesmas coisas porque ele não está mentindo. Até mesmo as coisas que poderiam comprometer o filho, ele contou desde as primeiras declarações que fez.
- DINAH - E o rapaz que eles prenderam? Não se ouviu mais falar nele. Por que será?
- LINDAURA - Eles devem ter guardado sigilo sobre as declarações dele, é claro. E nem poderia ser de outra forma, porque ali ~~está a chave~~ deve estar a chave de todo o mistério.
- DINAH - Parece que não se sabe nem pra onde o levaram.
- LINDAURA - Claro que não se sabe. Essa gente é tão danada que é capaz de arranjar quem mate o rapaz onde ele estiver, para que não faça nenhuma declaração que os comprometa. Então a polícia faz mistério em torno dele por precaução.
- DINAH - Ouvi dizer que a Eugênia se modificou totalmente com tudo isso que aconteceu; é verdade?
- LINDAURA - Verdade, sim. Parece outra mulher. Está completamente irreconhecível. Eu te dizendo uma coisa tu vais ficar abobalhada: nem lê mais a crônica social; acreditas isso?
- DINAH - Nossa!... Vai ver que ela fez promessa.

LINDAURA - Não duvido. Em todo o caso, com promessa ou sem promessa, ela está outra mulher e é isso que interessa. Mudou de tal jeito, que eu já nem tenho mais implicância com ela.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - (EKULTANTE) Reginaldo! Você nem sabe o que acaba de me acontecer, agora.

REGINALDO - Não sei mas também não é tão difícil de adivinhar, pelo brilho dos seus olhos. Será que você soube alguma coisa a respeito dele? Os jornais trouxeram qualquer notícia?

MÁRCIA - Que jornais, Reginaldo! Eu recebi um recado diretamente dele por um portador. Ou melhor, por uma portadora.

REGINALDO - Não vá me dizer que é aquela negrinha petulante e sem respeito que já veio aqui umas duas vezes?

MÁRCIA - Deve ser ela mesma. Disse-me que trabalha para eles e que foi à penitenciária para visitar seu marido e lá encontrou Fernando. E aí me deu o recado dele, pedindo-me o máximo segredo para que não o transfiram de lá e a gente possa continuar a se comunicar. Mandou me dizer...

REGINALDO - (CORTA) Não, não... se ele pediu tanto segredo assim, não vem você me dizer.

MÁRCIA - Ora, Reginaldo, francamente! Por maior que seja o segredo, eu vou ocultar de você? Nada disso. Quero que você saiba que eu estou felicíssima porque ele mandou me pedir que não precipite julgamentos até que ele possa explicar sua conduta. Isso pra mim foi como uma bênção vinda do céu, porque era exatamente o seu silêncio que me torturava. Eu o interpretava como uma confissão de culpa.

REGINALDO - Eu não. Já sei como é que a polícia procede com os presos in comunicáveis por isso estava sabendo que ele não dava sinal de vida porque não tinha como. Ele escreveu alguma coisa?

MÁRCIA - Não. Os recados terão que ser todos verbais, porque a pretinha, naturalmente, vai ser sempre revista quando entrar e quando sair.

REGINALDO - Márcia, você não vai falar disto a mais ninguém aqui em casa, para evitar que alguém escorregue qualquer coisa e o rapaz venha a ser prejudicado. Seu pai, por exemplo, se souber que o rapaz que auxiliou no assalto por ele sofrido está se comunicando com você, não vai poder entender e poderá ficar profundamente magoado ou denunciá-lo ao Delegado, cortando logo as comunicações entre vocês.

MÁRCIA - Nem fale nisto, Reginaldo. Agora que parece que eu vou recomeçar a viver, uma coisa dessas me mataria outra vez.

REGINALDO - Compreendo e exatamente por isso é que lhe faço estas recomendações. Você mandou dizer alguma coisa à ele?

MÁRCIA - Sim. Mandei dizer que tinha voltado a confiar nele e aguardava, ansiosa, o momento em que voltássemos a nos encontrar. Quarta feira é o dia da visita e a pretinha vai levar meu rapazado.

REGINALDO - Que bom! Deus é tão misericordioso que, devagarinho, vai replacing coisa por coisa nos seus lugares.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - Graças a Deus, Hermes que o vejo outra vez com boa cor. Como você ficou desfigurado com essa coisa toda.

HERMES - E era pra menos, querida? O golpe foi brutal. Foi de derrubar qualquer um. Ainda por cima, os jornais insinuando coisas a respeito de meu filho... Precisava um coração de ferro para aguentar tudo sem se abalar.

EUGÊNIA - Eu estava aflita para saber como foi a visita de seus colegas, diretores do Banco?

HERMES - Muito boa, muito cordial. Não fizeram qualquer referência a Nadinho e quando lhes falei em cobrir os prejuízos sofridos pelo Banco, imediatamente protestaram. Mas eu vou insistir nesse ponto. Você não acha que eu faço bem?

EUGÊNIA - Acho, querido. E acho, principalmente, porque não faltarão espíritos maldosos que digam que você defende seu filho porque, indiretamente, foi beneficiado com o roubo.

~~HERMES - Não se preocupe, querida. O rapaz está bem e eu vou cuidar dele pessoalmente. Não se preocupe, querida. O rapaz está bem e eu vou cuidar dele pessoalmente.~~

HERMES - Exato. E sabe que eu não havia me lembrado disto? Foi muito bom você falar. Isto vai me levar a insistir mais ainda.

EUGÊNIA - E você tem a importância total para dar toda assim de uma vez?

HERMES - Não tenho, mas se vendermos esta casa poderei ter.

OPERADOR - ACORDE DE SUSTO BRUTAL

EUGÊNIA - Você... você pensa em vender nossa casa?!

HERMES - Por que? Você... você não concordaria com a venda?

EUGÊNIA - (FINGINDO) Mas é claro que concordaria. Eu... eu falei assim, porque... bem, porque a sua ideia veio mesmo ao encontro da minha. Esta casa é tão grande... dá tanto trabalho... um apartamento daria perfeitamente para nós.

HERMES - (COMPREENDENDO O DISFARCE) Eugênia querida! Que revelação tem sido você para mim em toda esta situação que estamos vivendo! Talvez não seja preciso vender nossa casa, não se preocupe.

EUGÊNIA - (SEGURANDO O PRANÇO AO MÁXIMO) Mas eu... eu não me importe... juro... Não faço... não faço nenhuma questão de ficar aqui... Os apartamentos até que são muito mais acolhedores... muito mais seguros...

HERMES - Vamos ver... vamos ver... Não há necessidade de precipitar as coisas. Talvez o Banco me permita pagar mensalmente, retirando a metade dos meus honorários. Aí teríamos apenas que fazer uma economia nos nossos gastos mensais e em dois anos ficaríamos livres da dívida.

EUGÊNIA - Mas se for preciso vender a casa, eu não quero que você deixe de fazer isto por minha causa; promete?

HERMES - Está bem, querida, não se preocupe. Deus há de encaminhar tudo pelo melhor.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL. FUNDE COM RUIDO DE VOZES. PENITENCIÁRIA.

DOQUINHA - O nego ficou tão enfezado quando eu disse pra ele que precisava sair um mucado mais cedo porque tinha um serviço pra fazer que tu nem imagina, seu Fernando.

FERNANDO - Doquinha, vira-te de costas para a minha cela, como se estivesses esperando alguém, pra que não vejam que tu estás conversando comigo, entendes? Temos que falar assim.

- DOQUINHA - Ah, isso num tem gaio. Já tô vireada. Mandô virá eu viro logo.
- FERNANDO - E quando vier algum guarda se aproximando, no corredor, tú caminha como se estivesses fazendo tempo que eu me desloco imediatamente de onde estou. Quando êle tiver passado, volta ao lugar anterior, sempre de costas para a cela.
- DOQUINHA - Tá bão. Pode deixá que eu guento a mão aqui.
- FERNANDO - Deste o recado que te pedi?
- DOQUINHA - Dei, sim sinhô. E já trágo a resposta.
- FERNANDO - O que foi que ela mandou dizer? Fale depressa.
- DOQUINHA - Ela mandô dizê que vortô a cunfiá no sinhô e que guarda ociosa a hora de vortá a se incontrá cumtigo de novo outra veiz.
- FERNANDO - Puxa vida! Pela primeira vez, depois que me prenderam, eu consigo respirar fundo. E que mais que ela falou? Conta.
- DOQUINHA - Ih, tanta coisa! Que tava rezando pro sinhô todas as noite e que a Santa Rita de Caça já tava tratada por ela pré sê sua indevogada que era pra sortá tu logo.
- FERNANDO - E não perguntou nada a meu respeito?
- DOQUINHA - Credo! A mié num parava mais de priguntá. Quiria sabê se o sinhô tava magro, se o sinhô tava triste, si o sinhô num tinha pedido nada pra eu trazê. Aí eu disse pre ela que num dava pra trazê por causa que arrivisto a gente. Mas ela mandou dizê que se quizê alguma fruta, alguma cousa, que aí eu trago que nem trazesse pro nego e entrego pra ti.
- FERNANDO - Diz a ela que o que eu quero é só que ela pense em mim e espere por mim, até que eu possa provar que fui coagido a fazer o que fiz. Não sabe se ela leu as declarações que eu fiz pra polícia?
- DOQUINHA - Acho que ela num leu, pruquê num saiu nada no jorná. Pulo meno intê agora num saiu.
- FERNANDO - Então não quizeram publicar. Pergunta ao Beto, como coisa tua - mas não diz a êle que falaste comigo - se não vão botar advogado pra me defender. Ná próxima vez me dá a resposta.
- VOZ - (ALTO FALANTE) Terminou a visita aos detenidos. Queiram se dirigir ao portão central para a saída.

FERNANDO - Que pena. Enquanto tú estás aqui, parece que eu não estou tão longe de Márcia. Dá um beijo nela que eu mandei e que me mande notícias, na próxima semana. Diz que eu vou ficar contando os dias.

DOQUINHA - Tá, eu vou simhora que lá vem uns tira, já. Tchau, seu Fernando. Deus te ajude.

FERNANDO - Obrigado, Doquinha e a ti também. Um beijo na minha querida.

OPERADOR : CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Beto! Por que você não faz as cousas como eu digo? Quer que me zangue com você e nunca mais olhe para a sua cara? É isso que você quer?

BETO - Não, Márcia, nem fala isso. Eu não tô contrariando as suas órdens.

MÁRCIA - Como não está? Então eu não disse a você que não viesse aqui em casa em hipótese alguma?

BETO - Não. Em hipótese alguma você não disse. Você disse que não ~~con~~vinha eu vir aqui, a não ser para lhe trazer uma noticia especial; lembra-se?

MÁRCIA - Muito bem. E você trouxe essa notícia? Será a única maneira pela qual eu desculparei esta ^{suas} atitude.

BETO - Eu trouxe, sim, Márcia. Eu trouxe uma noticia muito boa para você.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL FUNDE COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - Este foi o trigésimo quarto capítulo da novela de Érico Cramer, "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" que a Rádio Gaucha está apresentando aos seus ouvintes, diariamente neste horário. Tomaram parte no capítulo de hoje os seguintes elementos (SE - GUE A RELAÇÃO DOS ARTISTAS) Ouça, amanhã, neste mesmo horário, mais um capítulo desta emocionante novela.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

.....

- Novela de Erico Cramer -

35º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o trigésimo quarto capítulo desta novela, deixamos Beto no jardim da casa do doutor Hermes, conversando com Márcia a quem ele havia ido procurar, mesmo contra as ordens expressas da moça, que se mostrava bastante aborrecida com ele. E a conversa entre os dois foi interrompida, mais ou menos, neste ponto:

07.11
20.11

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA, VAI BAIXANDO E SOME.

MÁRCIA - Beto, por que você não faz as coisas como eu digo? Quer que me zangue com você e nunca mais olhe para a sua cara? É isso que você quer?

BETO - Não, Márcia, nem fale isso. Eu não tô contrariando as suas ordens.

MÁRCIA - Como não está? Então eu não disse a você que não viesse aqui em casa, em hipótese alguma?

BETO - Não. Em hipótese alguma você não disse. Você disse que não queria que eu vir aqui, a não ser para lhe trazer uma notícia especial; lembra-se?

MÁRCIA - Muito bem, e você trouxe essa notícia? Será a única maneira pela qual eu desculparei essa sua atitude.

BETO - Eu trouxe, sim, Márcia. Eu trouxe uma notícia muito boa para você.

MÁRCIA - (CONTIDA MAS DEIXANDO-SE TRAIR EM PARTE) E que notícia é essa? Vamos, diga logo, Beto.

BETO - (BAIXANDO O TOM PARA SEGREDO) O chefe está providenciando para a fuga de Fernando da cadeia.

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SUSTO.

MÁRCIA - Para a fuga?! E você acha que isso é notícia boa para mim? Eu não acho, francamente. Se ele foge e torna a ser capturado, aí a sua pena será bem maior. Isto se não acontecer de ser ferido

- ou morto ao tentar escapar da prisão.

BETO - Qual o que, não tem perigo, não. A turma quando prepara uma coisa destas prepara mesmo pra valer. Ele vai sair e não vai acontecer nada. Quando chegarem a dá ~~partir~~ falta dele, ele já tá longe do perigo de se preso outra vez, você vai vê.

MÁRCIA - Eu não sei se será mais negócio para Fernando fugir do que cumprir a pena que lhe impuserem.

BETO - Que cumpra pena, que nada. Não tem nada pior do que as grades. É preferível o cara vivê escondido pro resto da vida, do que ficá lá encerrado dois ou tres anos. Ele enche, não aguenta mais e de repente foge do mesmo jeito e do mesmo jeito tem que se escondê.

MÁRCIA - Eu não suportaria uma vida inteira escondida da polícia. Deus me livre.

BETO - Mas não precisa uma vida inteira. É só uns meses até que eles afrozem a procura. Durante esse tempo, faz uma plástica pra alterar a fisionomia, um enxerto de pele nos polegares por causa dos sinais digitais e depois é só uma carteira de identidade falsificada que pronto é canja de arranjar.

MÁRCIA - Não, não... com todas essas vantagens que você está mostrando, eu ainda sou pelo cumprimento da pena. Paga a sua dívida para com a sociedade e depois vai recomeçar a vida.

BETO - De que jeito? Pensa que alguém quê dá trabalho pra um camarg da que esteve preso? Dá, não, vai. O cara que cumpriu pena tá marcado pro resto da vida e não adianta ele se recuperá porque ninguém acredita. Logo a primeira coisa que dizem é: Cesteiro que faz um cesto faz um cento. E o cara vai mesmo é passá trabalho.

MÁRCIA - Não acredito que possa ser tanto assim como você diz. O mundo não é feito só de pessoas más e sem compreensão. Há muita gente boa espalhada por esse mundo de Deus Nosso Senhor. Bem, e agora vá embora que eu preciso entrar.

BETO - Você não ficou zangada comigo, ficou? A noticia pode não ser tão boa, mas eu juro que pensei que fosse.

MÁRCIA - Está bem, não estou zangada, não, mas por favor não volte aqui. Telefone-me.

BETO - Está bem, Márcia, eu não volto.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LINDAURA - Você agora já está bem melhor. Já se sente em você um outro ânimo. Tem-se a impressão de que a sua vida voltou a ter sentido. Você nem imagina o quanto me afligia o seu estado, antes.

HERMES - Realmente o meu desânimo era total. Havia dias em que eu perguntava a mim mesmo se valeria a pena de viver assim. Mas minha família me ajudou muito, especialmente Eugênia e Márcia.

LINDAURA - Bem, eu vou lhe dizer uma coisa, hein? Sua mulher foi uma verdadeira revelação para mim, neste momento. Eu devo confessar que a julgava somente fútil e vazia. Vi que me enganei. Havia, por traz da futilidade e do aparente vazio uma boa essência que ela escondia da gente ou que ela mesma não sabia que tinha, sei lá. O caso é que foi companheira em toda a extensão da palavra.

HERMES - Se foi! Se eu lhe disser que ela até concordou em que eu venda esta casa para pagar o prejuízo do Banco, você vai pensar que é mentira minha.

LINDAURA - Não, não... agora já não penso. Depois da maneira com que ela se conduziu, eu já não tenho o direito de duvidar de nada que se conte em favor dela. (TOM) Mas você vai ser obrigado a pagar o prejuízo do Banco?

HERMES - Não é que eu seja obrigado, ouviu, Lindaaura? É que eu vejo este comportamento, de minha parte, como a única forma de afastar de mim e de meu filho, qualquer suspeita de interferência no roubo.

LINDAURA - Ah, sim! Agora entendo. Mas eles irão permitir que você venda sua casa? Não lhe concederão um prazo para você pagar com trabalho, mesmo que pague juros?

HERMES - Também já pensei nessa possibilidade, mas eles é que vão decidir.

LINDAURA - Acho que eles não vão permitir que você pague.

HERMES - Mas eu vou insistir. Não tanto por mim que já tenho meu conceito firmado, não só junto aos colegas do Banco como em toda a sociedade, dentro da qual nasci e me criei, mas principalmente por meu filho que, desgraçadamente, foi envolvido na sua boafé e, sem querer, viu-se numa situação difícil e muito pouco lições, especialmente para as pessoas maldosas e faladoras.

LINDAURA - É por isso que eu digo que as amizades dos jovens devem sempre muito bem escolhidas porque a verdade é que o rapaz ou a moça, se não tiverem uma forte personalidade, correm sempre o risco de serem arrastados para caminhos escusos. É o que a gente vê por aí todos os dias. Eu não sou contra os jovens, não; não vá pensar isto e nem sou contra os anseios que eles têm de se libertar dos arcaicos princípios da educação antiga; sou é contra os excessos que eles cometem, na busca do verdadeiro caminho. Nem tão difícil, como era o nosso e nem tão fácil e tão livre quanto o que eles enveredaram agora. Acho que o certo é o que está no meio dos dois, mas parece que esse não os satisfaz. E por isso, andam sobre cardos e pedras e antes da metade do caminho estão com os pés feridos.

HERMES - É Lindaaura, a sua opinião é exatamente a minha, mas vá de dizer isto a eles que logo vêm os adjetivos.

LINDAURA - (IMITANDO OS JÓVENS MODERNOS) Te manca, corôa. Deixa de se quadrado, velho. Tu não manjou as boca, ainda, velha. O negócio, hoje, é botá pra quebrá. Fãiz boca, vai. E com essas cantilenas eles vão empurrando a gente pra traz e fazendo todas as bobagens imagináveis e não imagináveis. Eu acho que se tivesse filhos ia ser tão zarra! Não ia tolerar nem a metade do que eles quizessem fazer.

HERMES - Isso é fácil de dizer, Lindaaura, mas fazer... é muito mais difícil do que se pensa, acredite.

C/REGRA - PASSOS DE EUGÊNIA QUE SE APROXIMAM.

EUGÊNIA - Vim chamá-los para tomar chá. Fiz umas torradas novas que ensinaram e espero que vocês gostem.

LINDAURA - Você foi fazer torradas para nós, Eugênia?

EUGÊNIA - Por que? Você acha que eu não sei fazer?

LINDAURA - Minha querida, agora eu já não duvido mais nada de você. Digo-lhe até, antecipadamente, que as suas torradas devem estar deliciosas.

HERMES - Pois então vamos prová-las.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Minha filha, em tudo isso que você está me contando, o que eu vejo que ressalta aos olhos de qualquer um é, a sordidez do plano desse sujeito. Será que você não percebeu que ele quer tirar Fernando da jogada, definitivamente?

MÁRCIA - Parece-lhe?

REGINALDO - Mas está claro, Márcia. Fernando fugindo da penitenciária, nunca mais poderá se apresentar à luz do dia. Será obrigado a viver sempre escondido, pelos cantos. Aquela coisa toda que ele falou de plástica e de carteira de identidade falsa e etc. e tal, tudo aquilo é pra entusiasmar o camarada e fazer com que ele aceite o plano de fuga. Quem irá operá-lo, depois? Quem irá custear uma operação dessas que é caríssima? Conversas, minha querida, simplesmente conversas. Depois que o cara escapar eles largam o infeliz na mão e ele que se vire.

MÁRCIA - Você acha, então, que seria bom alertar Fernando para que ele não aceitasse esse plano?

REGINALDO - Claro. É o que você tem que fazer. Mandar dizer a ele que você pede que ele não fuja. Do contrário, ele terá a sua falta agravada.

MÁRCIA - Assim que a pretinha me aparecer aqui, eu vou mandar esse recado a ele.

REGINALDO - Penso que amanhã ela deve vir aí. Se não me engano, é quarta-feira o dia de visitas. Se houvesse maneira de mandar-lhe um bilhete, seria melhor.

MÁRCIA - A pretinha disse que não pode porque ela é revistada na entrada e na saída e que ele mesmo mandou pedir que todos os recados

fôssen verbais, para evitar-lhe qualquer complicação. Eu até tinha me lembrado de fazer um bolo e botar um bilhete dentro da massa, enrolado em papel encerado, mas acredito que esse ~~truque~~ truque seja muito conhecido dos guardas e pode acontecer deles resolverem partir o bolo.

REGINALDO - É, e aí dar bolo. Não, não. Vamos fazer a coisa direitinho como êle pediu. Se não podemos fazer nada em seu favor, evitemos, também, de fazer qualquer coisa contra. O que você poderia mandar-lhe, se quizesse, era umas frutas.

MÁRCIA - Já pensei. Acho que vou comprá-las amanhã de manhã e botar todas elas, desembrulhadas, numa cesta para que não haja nenhuma suspeita por parte dos guardas.

REGINALDO - Ela disse a você que vai fingir que leva para o marido dela; não é isso?

MÁRCIA - Exato. Aliás eu vou comprar uma quantidade maior, para que ela divida realmente com os dois.

REGINALDO - Eu, se fôsse você, evitava que essa pretinha viesse aqui em casa. Combinava um lugar qualquer para encontrá-la, nos dias de visita e levava lá o que quizesse mandar ao Fernando. As vindas dela aqui podem dar num encontro com o tal de Beto e você já pensou tudo que poderá acontecer?

MÁRCIA - Eu já tinha pensado nisto e por isso pedi a ela que viesse de dia, porque de dia êle não tem o topete de aparecer.

REGINALDO - Mas pode, perfeitamente, passar por aí, na hora que ela vai entrando ou saindo no portão do jardim. E nem é bom pensar se isto chega a acontecer.

MÁRCIA - ~~NÃO~~ É, sim, Reginaldo, você tem toda a razão. Agora, quando ela vier, já vamos estudar uma maneira de nos encontrarmos sem que corramos qualquer risco, ela ou eu.

REGINALDO - É bom. Eu sempre ouvi meu pai dizer que cautela e caldo de galinha não fazem mal a doente. E não fazem mesmo. Com esse sujeito toda a cautela é pouca porque a verdade é que já se sabe até onde êle pode chegar com as suas maldades.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

- HELOISA - Mãe, eu preciso conversar com a senhora. Quero a sua opinião para um assunto ~~se~~ muitíssimo importante para a minha vida.
- EUGÊNIA - Estou pronta a ouvir-te, minha filha. Sabes que não tenho outro desejo sinão o de poder saldar minha dívida para contigo.
- HELOISA - Mãe, por que insiste nessa estória de dívida? A senhora não tem a menor culpa do que me aconteceu. Eu fui a única culpada. Mais ninguém. Achei-me suficiente para resolver os problemas que surgiam na minha vida e ^avida se encarregou de me mostrar que o que eu achava suficiêcia, era, pura e simplesmente, pretenção. Em resumo a coisa é esta. Portanto, tire da sua cabeça esse complexo de culpa, porque ele não se justifica. Se naquela ocasião eu tivesse chegado para a senhora e tivesse dito: está me acontecendo isto, isto, isto, o que é que eu faço? A senhora teria me dado uma solução melhor do que a que eu escolhi. Mas eu não quis porque achei que melhor do que eu ninguém poderia resolver as coisas. E então, por isso, tudo aconteceu.
- EUGÊNIA - Está bem, minha filha, diga então o que você queria me dizer.
- HELOISA - É o seguinte, mãe: eu hoje fui procurada por um rapaz que foi o causador de todos os meus sofrimentos, entende? e a quem eu jurara nunca mais querer ver. Esse rapaz, quando o conheci, disse-me que era solteiro e eu acreditei. Muito inteligente, não lhe foi difícil convencer-me de que a significação maior da vida era o amor e que todas as exigências feitas pela sociedade, para legalizar uma união, eram tolices e que as pessoas mais esclarecidas jamais deveriam se prender a elas. E tanto bateu na minha tecla, tanto bateu que acabou induzindo-me ao erro. E só depois que tudo aconteceu, quando lhe pedi que legalizássemos a nossa situação para que ele pudesse estar conosco em nossa casa, foi que ele alegou a impossibilidade de fazer isso porque era casado e não tinha nenhum motivo que pudesse apresentar para se separar de sua esposa.
- EUGÊNIA - Que grandíssimo canalha!

HELOISA - Mas isso ainda não foi o pior. O pior foi ter me mantido como sua amante, sob coação. Ameaçando de mandar contar a meu pai o que se passava entre nós. E assim o fez até que Beto descobriu tudo e pensando em me fazer mal fez-me um grande bem, porque papai não acreditou, ou fingiu não acreditar e eu pude me livrar de um homem que, se fisicamente me atraía, moralmente me causava náuseas pela sua extrema fraqueza de caráter. Agora, depois que rompi tudo com ele, volta a procurar-me com insistência, mostrando-me a certidão de morte de sua esposa e propondo-me casamento. Há três dias que penso, penso, penso no assunto e não consigo chegar a uma conclusão. Gostaria que a senhora me dissesse qualquer coisa sobre isso. Qual é a sua opinião?

EUGÊNIA - Minha filha, se eu fôsse uma mãe à antiga diria a você, imediatamente, que o aceitasse como a melhor solução para um caso insolúvel. Mas... como antes de qualquer convenção, coloco a tua felicidade, antes de responder à tua pergunta vou te fazer uma pergunta: tú ainda o amas?

HELOISA - Não sei, mãe. Tenho grandes dúvidas a esse respeito. Não sei se é o amor ou se confundo amor com atração física. O que sei é que mesmo tendo rompido com ele há mais de dois meses, ainda não consegui esquecê-lo.

EUGÊNIA - Isso me faz chegar à conclusão de que você o ama, filha.

HELOISA - Mas também tudo aconteceu há mais de um ano e eu ainda não consigo esquecer a sua indignidade.

EUGÊNIA - É que você foi profundamente ferida por ele, minha filha. Enquanto você se dava inteira, de corpo e alma, ao seu amor, ele se valia da mentira para satisfazer os seus desejos. Isso deve ter causado em você uma grande revolta que não está permitindo que o seu amor volte à tona. Mas a meu ver ele ainda não morreu e, se cultivado, poderá reflorir. Você... você precisa dar-lhe uma resposta imediata?

HELOISA - Ele está insistindo nela há três dias.

EUGÊNIA - Pois diga-lhe que antes de três meses ele não terá a sua resposta. Que você não quer errar duas vezes. Si dentro desse prazo que você estipula ele conseguir reconquistá-la você casará com ele.

HELOISA - E si ele não quizer esperar e desistir?

EUGÊNIA - Está vendo? Você ainda o ama e está com medo de perdê-lo. Mas isso não vai acontecer, filha. Faça o que lhe digo e você não vai ter por que se arrepender. A mãe sabe o que está dizendo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL FUNDE COM RUÍDO DE MUITAS VOZES - PENITENCIÁRIA

FERNANDO - Tem algum tira pelo corredor?

DOQUINHA - Que eu veja, não.

FERNANDO - Fica de costas, como da outra vez. E cuida bem para um lado e para o outro. Se aparecer algum, sai zaminhando.

DOQUINHA - Então vai tirando as frutas do balcão pelas grades que foi ela que mandô pro sinhô, seu Fernando. E mandô dizê que tá muito contenta de tê sabido notícia do sinhô. Disse que tá insperando o sinhô.

FERNANDO - Vais dizer a ela que foi esta a primeira alegria que eu tive, depois de estar mergulhado, ha tantos dias, no maior dos desesperos.

DOQUINHA - Ela mandô dizê otra coisa pro sinhô que ela disse que é muito importante: que si arrumarem pro sinhô fugi daqui que é pro sinhô num fugi, que aí tu te compromete muito mais.

FERNANDO - Por que será que ela me mandou dizer isto? Será que ela ouviu qualquer conversa do Badinho a êste respeito?

DOQUINHA - Num sei, só sei que ela ~~mandou~~ disse que eu num me esquecesse de dizê isso pro sinhô. (TOM) Tira o resto das frutas, home. Tá aí parado em vez de tirá. Daqui a um mucado aparece um tira aí, eu tenho que ir embora e tu fica sem elas.

FERNANDO - Diz a ela que pode ficar descansada que eu não deixarei de atender seu pedido. Mesmo que me proponham fugir daqui, eu não fugirei. Diz também que agradeço muito estas frutas e que irei saboreá-las pensando nela.

DOQUINHA - Tá já tirô todas elas? Era pra deixá argumas pro nêgo eu nem me alembrei.

FERNANDO - Não tirei todas, ainda, não. Tem muitas. As que já tirei chegam pra mim. Podes levar as outras pra teu negro.

DOQUINHA - Tá bão, intontê eu vô indo, sinão o nêgo vai pensá que eu fiquei de retoço no caminho e por isso cheguei tarde. Tá qué mandá di zô mais alguma cousa?

FERNANDO - Os dois recados que eu já te dei e que são muito importantes. Tá não vais te esquecer?

DOQUINHA - Num vô, não. Pode deixá que a Doquinha aqui se agarante.

FERNANDO - Então vai. Vai que eu não quero ser causa de brigas entre vocês dois.

DOQUINHA - Tá bão. Fica com Deus e inté a semana que vem.

FERNANDO - E vai com Deus tu também. Ah, escuta, Doquinha.

DOQUINHA - Que é seu Fernando? Diz duma vez que eu que tenho que ir simhora.

FERNANDO - Tu sabes rezar,

DOQUINHA - Mali, mali. O que eu sei mesmo é ponto de macumba. Pru quê?

FERNANDO - Porque eu queria aprender, afim de pedir a Deus que me conseguisse a minha Márcia e me desse fôrça para enfrentar esta situação.

DOQUINHA - Num faiz mar. Deixa que eu peço pra dona Márcia me insiná e da outra vez que eu vié eu vou te dizendo e tu aponta no papé pra não te esquecê. Agora tchau que o nêgo deve de tá fulo de reiva comigo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

NADINHO - Que é que você tá fazendo aqui no jardim, sózinha?

HELOISA - Pensando. Tenho um problema sério a resolver e como a noite é boa conselheira, vim aqui na esperança de que ela me inspire a melhor solução.

NADINHO - Será que eu não poderia aconselhar você?

HELOISA - Não creio. O problema é por demais feminino para que um homem possa dar conselho adequado. E você? Que veio fazer? Tomar um pouco de ar?

NADINHO - É. Já que a polícia não me permite sair, ainda, pelo menos aqui ^{lá} não tenho a impressão de estar tão preso como dentro de casa. Lá parece que me falta o ar.

HELOISA - E você já pensou se chegam a declará-lo culpado?

NADINHO - Não fale, Heloisa, por favor. Sabe que essa ideia me atormenta desde o dia do assalto?

HELOISA - Eu não compreendo, até hoje, como é que você concordou com aquilo, Nadinho. Francamente.

NADINHO - Eu não tinha como fugir. Fiz para salvar a minha pele e a pele do velho que eles ameaçavam de furar todinha com metralhadora.

HELOISA - E se você tivesse avisado ao pai o que eles queriam fazer, não teria sido melhor?

NADINHO - De jeito nenhum. O velho teria se preparado para reagir e a esta hora talvez nem estivesse ^{mais} aqui.

HELOISA - É, agora não adianta mais nada pensar que d'aste ou daquele jeito teria sido melhor. Importante, agora, é ver como você se livrará dessa catrefada.

NADINHO - Eu já tenho os meus planos e esteja descansada que isto vai acontecer muito em breve.

HELOISA - Ué! Iluminou-se a janela do meu quarto. Acho que alguém foi lá à minha procura. Vou até lá.

C/REGRA - PASSOS EM ^{PROF. GUILMO} SE AFASTANDO. SOMEM

BETO - (SINISTRO) Boa noite, Nadinho.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL DE SUSTO, FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO. CAI PARA BG.

LOCUTOR - Este foi, ouvintes, o trigésimo quinto capítulo da novela de Érico Cramer "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" que a Rádio Gaúcha está apresentando de segunda a sexta feira neste mesmo horário. No capítulo de hoje estiveram presentes os seguintes artistas (RELAÇÃO DOS ARTISTAS) Ouçam amanhã mais um capítulo desta empolgante novela.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

.....

- Novela de ERICO CRAMER -

36º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o trigésimo quinto capítulo desta novela, encontramos Nadinho e Heloisa, sentados no jardim da casa de seus pais, conversando, pela primeira vez, depois do lamentável acontecimento que abalou a vida da família inteira. Heloisa sentara-se no jardim sózinha, na esperança de que a noite lhe trouxesse inspiração para resolver um problema que lhe atribulava a alma, quando Nadinho apareceu. E a conversa entre os dois foi interrompida, mais ou menos, nesta altura:

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA, BAIXA AOS POUCOS E SOME.

HELOISA - Que veio fazer? Tomar um pouco de ar?

NADINHO - É. Já que a polícia não me permite sair, ainda, pelo menos aqui fora eu não tenho a impressão de estar tão priso como dentro de casa. Lá parece que me falta o ar.

HELOISA - E você já pensou se chegassem a declará-lo culpado?

NADINHO - Não fale, Heloisa, por favor. Sabe que essa ideia me atormenta desde o dia do assalto?

HELOISA - Eu não compreendo, até hoje, como é que você concordou com aquilo, Nadinho. Francamente!

NADINHO - Eu não tinha como fugir. Fiz para salvar a minha pele e a pele do velho que eles ameaçavam de furar todinha com metralhadora.

HELOISA - E se você tivesse avisado ao pai o que eles queriam fazer, não teria sido melhor?

NADINHO - De jeito nenhum. O velho teria se preparado para reagir e a esta hora talvez nem estivesse mais aqui.

HELOISA - É, agora não adianta mais nada pensar que deste ou daquele jeito teria sido melhor. Importante, agora, é ver como você se livrará dessa catrefada.

07.11.
2011

NADINHO - Eu já tenho os meus planos e esteja descansada que isto vai acontecer muito em breve.

HELOISA - Ué! Iluminou-se a janela do meu quarto. Acho que alguém foi lá à minha procura. Vou até lá.

C/REGRA - PASSOS EM PEDREGULHO, SE AFASTANDO. SOMEM.

BETO - (SINISTRO) Boa noite, Nadinho.

OPERADOR - EXPLOÇÃO DE SUSTO, A MÚSICA FICA VIBRANDO EM BG.

NADINHO - Oh, Beto, que susto você me deu. Tava aí escondido, é?

BETO - Tava. (SIGNIFICATIVO) E ouvi muito bem quando você disse que muito em breve se livrará da catrefada. Você poderia me ensinar a maneira? ~~mas~~ Eu também gostaria de me livrar.

NADINHO - Você? Não acredito. Você que tem uma baita cotação com o Chefe, que é um dos poucos do grupo que conhece o Chefe pessoalmente. Que tem até comissão no dinheiro que entra pra organização, vai querê largá esses privilégios todos por que? Você tem é vontade de sabê como é que eu vou me livrá, mas isso você não vai descobrir, porque eu não vou dizê.

BETO - Nadinho, nós precisamos tê uma conversa muito séria, agora mesmo. Você vai tê que me ouvi, vai tê que me acreditá e vai tê que respondê as pergunta que eu vou lhe fazê.

NADINHO - Vai tê que respondê, não. Pra mim chega, Beto e eu não vou mais recebê ordem de você, nem de ninguém do grupo. Tô disposto a tudo pra me libertá. Não vou incomodá nem denunciá vocês, mas por favor me deixem de mão pra eu pudê vivê a minha vida. Essa de me obrigarem a assaltá o velho me encheu. Tô cheio de vocês, cheio e se não pudê me livrá com vida, dou um tiro na cabeça e a carta que vou deixá já tá depositada num cartório, contando tudo que eu sei de vocês.

BETO - Espertinho, hein? Francamente! Essa não esperava de você.

NADINHO - Aprendi com vocês. Tudo que fiz, já vi vocês fazerem, ou obrigarem os outros a fazê.

BETO - Beto, não seja tonto e ouça o que eu vô lhe dizê, rapaziz. Será que você não vai me deixá falá?

NADINHO - Se é pra tentá me embrulhá mais uma vez, como você sempre tem feito, é melhor não dizê nada.

BETO - Não vou embrulhá ninguém, rapáiz. Deixa eu falá, pomba! Vai deixá ou não vai?

NADINHO - Tá bem, fala.

BETO - Nadinho, o que vou dizê pra você é muito sério e importante. Mas você vai ouvi e me prometê que não vai contá nada pra ninguém. Entendido?

NADINHO - Fala, logo, rapáiz, deixa de tá enrolando. Pomba! Tá aí há meia hora: vou dizê, vou dizê e não diz? Desembucha logo esse treco.

BETO - Nadinho, quando eu disse pra você que também desejo deixá a organização, eu falei sério, tá?

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SURPREZA

NADINHO - Não é possível, Beto! Tu tá brincando comigo.

BETO - (ZANGADO, QUASI GRITANDO) Tô falando sério, cara chato! Quantas vezes vô té que te dizê? Eu quero deixá êsse negócio, já disse. Quero deixá e vou deixá de qualquer jeito.

NADINHO - Eu posso te perguntá o motivo?

BETO - Não precisa perguntá; eu vou dizê. Quero deixá porque de outro jeito eu não vô consegui a mulher que amo. (PAUSA) (TOM) Não precisa perguntá; eu vou dizê quem é. É a tua irmã Márcia.

NADINHO - Mas ela gosta do Fernando, bicho. Será o benedito?

BETO - Eu sei que ela gosta do Fernando, mas o Fernando vai fugir e continuá preso por muitos anos, ou então fugi e fugindo tem que eu mi daqui, entendeu? Ela vai cansá de espera e eu vou esperá o tempo que for preciso pra fazê ela gostá de mim.

NADINHO - Não será uma esperança besta, essa da sua parte?

BETO - Não, Nadinho, não é. Eu já conversei com ela. Ela me disse que si eu me regenerá e consegui que você o Fernando se livrem pra sempre da organização, que aí ela vai se esforçá pra me querê bem.

NADINHO - Querê bem é uma coisa, gostá pra casá é outra diferente.

BETO - Eu sei, mas já é meio caminho andado. Sem ela me querê bem,

nunca que eu vô consegui conquistá Márcia. Então eu tenho que começá pelo princípio. E conto com você pra me ajudá.

NADINHO - E o que é que você vai fazê pra me livrá da organização?

BETO - A primeira vez que torná a entrá no gabinete do Chefe, finjo que preciso uns dados do fichário e tiro o seu cartão de registro, botando outro com um nome qualquer no mesmo lugar e com o mesmo número, pra ninguem vê que êle foi roubado. É tão simples que chega a sê quási un brinquedo. No grupo quem é que vai lhe denunciá? O Fernando? Eu? A Doquinha?

NADINHO - O Sarará. É o único que eu receio.

BETO - Não precisa receá nada. Esse já não incomoda mais ninguem.

NADINHO - Como assim? Por que?

BETO - Já levou o belaléo.

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SUSTO.

NADINHO - O Sarará?! O Sarará morreu?!...

BETO - Desde o dia seguinte ao do assalto. Morreu, não. Foi morto. O Chefe fez o serviço nele.

NADINHO - Por que? Que aconteceu entre êles?

BETO - O Chefe sentiu, pela cara dele, que êle não tinha ficado satisfeito com a gratificação que recebeu e já não deixou êle saí mais dali. Num momento que êle tava de costas olhando o mapa de um serviço que vai sê feito por outro grupo, tirou a cinta, veio por taz dele e enforcô êle de um golpe, na hora. Êle deu uma duas ou trêsperneada, quando o Chefe largou a ponta da cinta, êle se espichou completamente morto. Já vê que esse não vai atrapalhá você.

NADINHO - É, se é só isso que precisa fazê, o negócio é simples mesmo.

BETO - Pois si eu tô dizendo, bicho. O Chefe conhece você? Não conhece. O seu retratinho da ficha êle não vai guardá de cabeça pra lhe encontrá e reconhecê. Você acha que vai?

NADINHO - Acho que não.

BETO - Claro que não. Então agora o negócio aí só tem um problema. É que a Márcia exige que eu liberteo Fernando.

NADINHO - E você tem como libertá êle?

BETO - Não. Libertá não tenho. Posso articulá um plano de fuga e tirá êle de lá de dentro, mas depois êle tem que sumi. I embora daqui pra bem longe e nunca mais dá as cara na paróquia. Isso eu já tô sabendo que a Márcia não vai topá.

NADINHO - Também acho que não.

BETO - Então aí é que eu vou precisá de você. Eu tiro você completamente da jogada, mas você vai convencê a Márcia que é melhor o Fernando fugi do que ficá preso um montão de tempo e saí de lá velho e doente. Ela perde êle, é verdade, mas êle ganha a liberdade e isso é que deve sê importante pra ela.

NADINHO - E o cara topa fugi?

BETO - Não sei, ainda não me comuniquei com êle, mas acho que deve topá. E mesmo que não tope de princípio, no fim de um mês êle tá tão cheio que acaba topando e correndo.

NADINHO - Mas então pra que precisa a Márcia concordá?

BETO - Eu convivi pouco com a sua irmã, mas o pouco que convivi já deu pra conhecê ela bem. Ela não topando a fuga, mesmo que êle fuja pra ela a tarefa não tá realizada, entende bicho?

NADINHO - Tô entendendo.

BETO - ~~XXXXXXXXXXXX~~ Pois é, pois aí é que tu vai amaciá, entende? Convencê ela que o importante é êle tá fora de lá. Tu faz isso pra mim, bicho?

NADINHO - Eu faço, agora... si eu tô consegui, não sei. Qué falá com ela, agora?

BETO - Não, não... ela não qué falá comigo aqui. Me proibiu de vi aqui na casa de vocês. Eu falo amanhã pelo telefone. Então eu vou, antes que ela apareça por aí e se aborreça comigo. Eu não quero isso, Nadinho. Eu tô apaixonado mesmo de verdade, tá?

NADINHO - Tô vendo. Então vai embora logo que parece que lá vem gente.

C/REGRA - PASSOS CORRENDO EM PEDREGULHO, SE AFASTANDO.

NADINHO - Puxa vida! Si eu consegui mesmo me safá desta é mais uma coisa que eu vou ficá devendo pra Márcia.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Você não vai vir mais aqui, Doquinha. É arriscado para você e para mim. O Beto pode andar aí por perto, rondando, vê você saído daqui ou entrando é natural que vá querer saber o que você veio fazer. Que explicação você lhe daria?

DOQUINHA - A senhora pensa que eu já num instudei o ~~causo~~ caso pra dá a minha resposta sem titombiá? Vim visitá o seu Nadinho, óra. Nós se demo, nós semo amiguinho, que é que tem que eu venha aqui fazê uma visita de cordialidade?

MÁRCIA - Você é inteligente mesmo, Doquinha. Sabe que essa resposta não me ocorreu?

DOQUINHA - Ah, mas em mim, correu.

MÁRCIA - Pois eu até ia combinar com você um outro lugar qualquer para nós nos encontrarmos, mas diante da sua agilidade mental, acho, até, que nem precisa. Como vai o Fernando? Estou aflita para que você me fale dele.

DOQUINHA - Ah e eu tenho develsas coisa pra falá. Quando eu disse pra êle que a senhora mandava dizê que tava insperando êle sabe o que foi que êle arrespondeu? "Tu diz pre ela que esta foi a primera alegria que eu tive, dispois de merguiado tantos dia no má do desespero.

MÁRCIA - E tu te lembraste de dar o recado que eu mandei a respeito da provável fuga da penitenciária?

DOQUINHA - Óra, dona Márcia, mas antão eu num ia me alembrá? Disse pre êle, sim, que era pra êle não fugi em pótiis ninhum, como a senhora disse.

MÁRCIA - E que foi que êle disse sôbre isso?

DOQUINHA - Que a senhora pudia ficá trankila que êle num ia deixá de atep dê a sua arrecumendação. E mémo que arguem ofrecesse pra êle a fuga que êle num ia fugá. Gostô das fruta, incoieiu as que bem quiz e deixô outras pro nêgo. Aí eu fui levá.

MÁRCIA - Então quer dizer que êle ficou contente com os meus recados?

DOQUINHA - Pois eu já num disse pra senhora ou a senhora num tá entendê do prefeitamentos o meu idioma?

MÁRCIA - Estou entendendo, sim, mas é que há coisas que a gente gosta tanto de ouvir que pede para serem repetidas. Não sei se agora tu estarás me entendendo.

DOQUINHA - Tô, tô entendendo perfeitamente. Eu não tenho cabeça de canarão. Eu tenho é massa acefálica aqui na cuca, ó. A senhora gosta de ouvir outra vez praque ó... Coisas do coração.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DINAH - A ocasião talvez não seja das mais próprias para vir aqui cobrar de você a bolsa de estudos a que você se comprometeu. Acontece que está findando o prazo para o pagamento e o Padre Augusto não tem outro remédio senão lembrar aos devedores, porque a paróquia não tem meios de adiantar essa importância, ~~entende~~ entende? Por isso eu lhe peço que não leve a mal. Eugênia.

EUGÊNIA - Que esperança, nem se preocupe por isso. É que com essa coisa toda que houve aqui em casa, não se teve tempo nem cabeça de pensar em outras coisas.

DINAH - Naturalmente, nós compreendemos perfeitamente. E exatamente por isso é o nosso constrangimento. Nós não desejávamos incomodar numa hora dessas. Se o fazemos é porque estamos num beco sem saída. Temos que fazer o pagamento parcial da bolsa e não dispomos de dinheiro para isto.

EUGÊNIA - Você pode dizer ao Padre Augusto que amanhã faremos o depósito no Banco. Eu mesma vou sair de manhã e faço. A bolsa que o Hermes se comprometeu, pelo Banco, eu tenho a impressão que não vai haver nenhuma dificuldade porque...

DINAH - ~~NÃO ENTENDE~~ (CORTA) Não, não essa já está solucionada. O Padre Augusto foi lá, falou com um outro diretor e ele prontamente mandou pagar. Foi só a particular que ficou dependendo. O Padre me pediu que eu viesse pessoalmente, para explicar direitinho a situação que ele não queria, de modo algum, que você e seu marido pudessem aborrecer-se com ele.

EUGÊNIA - Não tem problema. Diga ao Padre Augusto que nós também entendemos a situação dele e as dificuldades da paróquia, portanto

não há risco de ser por isto que iremos nos aborrecer. Amanhã, de manhã, sem falta, eu farei o depósito no banco. Certo?

DINAH - Muito bem. Obrigada então e que Deus ajude a que o doutor Hegnes se recupere totalmente e que possam, em breve, esquecer essa contrariedade tão grande.

EUGÊNIA - Que Deus a ouça, Dinah. Obrigada.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Nadinho, eu não entendo que você tome o partido do seu amigo Beto, contra a sua irmã. Francamente que não entendo.

NADINHO - Quem não tá entendendo sou eu. Que é que você tá falando aí? que negócio de partido que eu não sei o que é?

REGINALDO - Você não procurou convencer Márcia a que aceitasse a fuga de Fernando, para considerar cumprida a missão do Beto?

NADINHO - Procurei, mas o que é que tem isso?

REGINALDO - Será que você não entende por que Beto quer que Fernando fuja?

NADINHO - Compreendo, sim. Ele quer conquistar Márcia e sabe que só poderá conseguir isto se libertar o Fernando.

REGINALDO - E você acha que tramando e conseguindo a fuga dele, ela o libertará? Pelo contrário; aí mesmo é que ele ficará mais prisioneiro, ainda.

NADINHO - Mas não há outro jeito, Reginaldo. Pelo meio legal ele não vai conseguir nunca e eu tenho interesse que ele consiga, porque só desse jeito é que eu poderei ficar livre da organização pro resto da minha vida. Ele vai retirar a minha ficha do cadastro e entregá pra Márcia queimá.

REGINALDO - Será um grande alívio não só para você, mas para todos nós, Nadinho, mas também precisamos ver o preço que Márcia pagará pela sua libertação. Será que lhe parece justo que ela sacrifique, por exemplo o seu amor?

NADINHO - Mas não vai ser em troca de casamento. Pelo menos não foi isso que o Beto me disse.

REGINALDO - E você acha que pode se escrever o que o Beto diz?

NADINHO - Eu acho que quando o parceiro é sujo, a gente tem direito de jogar sujo. Ela pode prometer casamento pra ele, conseguir a fi-

cha, queimá e depois deixá êle na mão.

REGINALDO - E você acha que si ela procedesse assim que êle não ia procurar se vingar? E você sabe o que é que êle seria capaz de fazer, por vingança? O Beto é um homem perigoso; você sabe disto. Não podemos expor Márcia à sua fúria. Ele seria capaz até de matá-la. Você não quer deixar Márcia resolver sózinha essa questão?

NADINHO - Não, porque êle exigiu que eu o ajudasse e só nessas condições é que me libertaria.

REGINALDO - Você está vendo até que ponto chega a falta de escrúpulo desse homem? Ele quer conseguir Márcia a qualquer preço e então, para isto, usa todas as armas ao seu alcance. Felizmente Heleisa foi ajudada por Deus e conseguiu libertar-se dele em definitivo, sinão a esta hora estava sendo utilizada também nesse jogo sujo.

NADINHO - E o que é que eu posso fazê? Dê você si uma ideia, Reginaldo.

REGINALDO - Em vez de procurar convencer sua irmã a aceitar a fuga como parte do compromisso de Beto ^(pela) com ela, você procure convencer a êle a buscar um jeito de provar que Fernando foi coagido, na hora, a fazer o que fez, do mesmo modo que você.

NADINHO - Mas é que para êle não convem que Fernando fique por aqui. O interessante é afastá-lo.

REGINALDO - Fernando não vai querer ficar aqui, depois de tudo que houve. Vai ser o primeiro a querer ir para bem longe e esquecer este cenário. Portanto, bastará que êle imponha ao rapaz a sua saída, logo depois que seja libertado.

NADINHO - Não sei, não. Fernando livre, livre, não interessa ao Beto, mas em todo o caso, como êle tá muito gamado pela Márcia, eu trabalhando de um lado e ela de outro, pode sê que a gente consiga.

REGINALDO - Pois então tente isso. Combine com êle, pelo telefone, um encontro no jardim e tente.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HELOISA - Está muito cansado, papai? Eu só queria saber como está.

HERMES - ~~Sim~~ ^{Senta} minha filha. Não estou cansado, não. Esses interrogatórios da polícia mais me aborrecem do que me cansam.

HELOISA - Por isso estava com receio de vir ao seu quarto, mas não queria ir deitar-me sem saber, ao menos, se tudo correu bem para o senhor,

HERMES - Muito bem, felizmente. Eles têm tido muita consideração, comigo. Muita cautela com as perguntas. O Delegado é muito maneiroso, mas o que me desgosta e por vezes me causa irritação, é sentir que eles desconfiam de Madinho e buscam transmitir a mim essa desconfiança. Eu repilo as insinuações à sultura e eles, imediatamente, tomam outra direção, mas o espinho ficou castigando o meu coração de pai, entende?

HELOISA - Claro que entendo, papai. Mas entendo, também, que eles têm que proceder assim. Estão dentro do seu papel de dissecar as coisas para chegar a uma conclusão exata. Por isso, também, em vez de se irritar, o senhor deve toleirar certo tipo de perguntas.

HERMES - Já estou me familiarizando com elas e já não me causam tanto mal como no princípio, mas hoje as perguntas foram feitas na presença dele e embora ele tivesse mantido uma calma e uma segurança absolutas eu me senti no dever de dar-lhe todo o meu apoio e repeli com certa veemência as insinuações.

HELOISA - Como o senhor é formidável, papai! O senhor pensa em tudo. Ele deve ter ficado comovido com a sua atitude, principalmente porque ele tem que saber que tanta segurança o senhor não pode ter. Fez o que fez, unicamente para livrá-lo de qualquer suspeita.

HERMES - Eu já não duvido mais de meu filho, Heloisa. Felizmente, a cada dia que passa, diante da sua segurança e de nenhuma única vez ter caído em qualquer contradição, eu cada vez me convengo mais de que tudo foi exatamente como ele contou.

HELOISA - Nem tudo, papai, infelizmente. Mas vamos deixar assim que será muito melhor para todos nós. Se Madinho foi tão ingênuo, não deixa de ser uma grande culpa a sua excessiva ingenuidade.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - Você quer entrar para dar um beijo nele?

MÁRCIA - Não, obrigada. Si êle está dormindo, não pretendo perturbá-lo.

EUGÊNIA - Ele está bem. Voltou muito animado da scariação e bastante sa-
tisfeito com a segurança das respostas de Nadinho. Acha que ê-
les não terão em que se pegar para acusá-lo de qualquer culpa.

MÁRCIA - Que bom! Parece que a cada dia que passa as coisas vão chega-
do melhor para os seus lugares e em breve, si Deus Nosso Senhor
quizer, este resto de preocupações que ainda nos afligem se dis-
solvem e se irá totalmente.

EUGÊNIA - Deus a ouça! Eu tenho pedido tanto! Feito tantas promessas neg-
se sentido!

MÁRCIA - Eu também.

EUGÊNIA - Eu sei. Se e aproveito êste momento, agora, para agradecer-lhe.

MÁRCIA - Agradecer-me? O que? Eu rezar pelo meu irmão? Não, dona Eugênia,
a senhora não tem nada que me agradecer. É uma obrigação minha.
Bem e agora boa noite e até amanhã, si Deus quizer.

EUGÊNIA - Até amanhã, Márcia.

C/REGRA - PORTA QUE SE FECHA. PASSOS DE EUGÊNIA SEMPRE NA MESMA ALTURA.
DEPOIS DE UM CERTO TEMPO OS PASSOS CESSAM. NOVAMENTE ABRIR E
FECHAR PORTA. RUIDO DE CHAVE DE LUZ.

MÁRCIA - Ué! A janela de meu quarto aberta? Será que eu me esqueci de fe-
chá-la?

C/REGRA - MAIS ALGUNS PASSOS.

MÁRCIA - (UMA FORTE EXCLAMAÇÃO DE SUSTO. REPRIMIDA) HAAAAAN!!!

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL DE SUSTO.

MÁRCIA - (ABAFAADA, CONTENDO-SE) ^{meu Deus!} Um homem atraz da cortina!...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE - BAIKA PARA BG.

LOCUTOR - Êste foi o trigésimo sexto capítulo da novela de Érico Cramer,
"MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" que a Rádio Gaúcha apresenta,
diariamente, neste mesmo horário. Tomaram parte no capítulo
de hoje.... (RELAÇÃO) Ouçam amanhã, mais um capítulo desta e-
mocionante novela.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

- Novela de Erico Cramer -

DIREÇÃO

372 CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

07-11-2011
LOCUTOR - Ao final do trigésimo sexto capítulo desta novela deixamos Márcia e Eugênia, na porta do quarto desta, conversando, à noite, pouco antes da moça se recolher para dormir. Márcia tinha ido dar o beijo de boa noite ao seu pai mas este, cansado da agitação de um dia diferente, acabara por dormir mais cedo do que o seu costume. E a conversa entre as duas foi interrompida, mais ou menos, neste ponto:

OPERADOR - SOBRE A CARACTERÍSTICA. VOLTA PARA BG E SOME.

MÁRCIA - Se Deus Nosso Senhor quiser, esse resto de preocupações que ainda nos afligem, se dissipará totalmente.

EUGÊNIA - Deus a ouça! Eu tenho pedido tanto! Feito tantas promessas nesse sentido!

MÁRCIA - Eu também.

EUGÊNIA - Eu sei. Sei e aproveito este momento, agora, para agradecer-lhe.

MÁRCIA - Agradecer-me?! O que? Eu rezar pelo meu irmão? Não, dona Eugênia! a senhora não tem nada que me agradecer. É uma obrigação minha. Bem, e agora boa noite e até amanhã, si Deus quiser.

EUGÊNIA - Até amanhã, Márcia.

C/REGRA - PORTA QUE SE FECHA. PASSOS DE EUGÊNIA. SEMPRE NA MESMA ALTURA. DEPOIS DE UM CERTO TEMPO OS PASSOS CESSAM. NOVAMENTE ABRIR E FECHAR PORTA. RUIDO DE CHAVE DE LUZ.

MÁRCIA - Ué!... A janela de meu quarto aberta? Será que eu me esqueci de fechá-la?

C/REGRA - MAIS ALGUNS PASSOS

MÁRCIA - (UMA FORTE EXCLAMAÇÃO DE SUSTO REPRIMIDA) Haasen!!!...

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL DE SUSTO

MÁRCIA - (ABAFAZ, CONTENDO-SE) Meu Deus!... Um homem atrás da cortina!... (FORTE) Quem é? Saia ou eu gritarei por socorro.

BETO - (AFOBADO, MEIO TOM) Não grite, por favor e escute-me.

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SURPREZA

MÁRCIA - Você?!... Você no meu quarto? Que quer aqui?

BETO - Eu explico. Se me permite eu explico.

MÁRCIA - Retire-se daqui, imediatamente. Que pensariam de mim os que o vissem a uma hora destas dentro do meu quarto de dormir?

BETO - Mas Márcia, por favor, permita-me explicar. Eu precisava falar com você, telefonei diversas vezes sem conseguir ser atendido. Aí escrevi um bilhete para você ~~xxxxxxxxxx~~ e resolvi trazê-lo, mas como o assunto deveria ficar somente entre nós dois, estava à procura de uma maneira de fazer êle chegar nas suas mãos e me lembrei de botar por baixo da janela do seu quarto. Subi pela trepadeira e quando cheguei aqui em cima vi que a janela estava apenas encostada. Então achei mais garantido botar o bilhete em cima do seu penteador. Pode ver que êle está ali. Isso foi tudo que aconteceu. Eu já vou sair. Saia imediatamente, mas leia o meu bilhete, por favor e amanhã me dê a sua resposta pelo telefone.

MÁRCIA - Espere. Vou ler o seu bilhete agora e agora mesmo lhe darei a resposta. Saia da frente da janela que de fora podem ver o seu vulto.

C/REGRA - PASSOS DE MÁRCIA ATÉ AO TUCADOR

MÁRCIA - (PAUSA) (LEND) "O Chefe mandou me chamar. Ele tem ~~um~~ medo que Fernando fale e quer mandar matá-lo."

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL DE SUSTO.

MÁRCIA - Meu Deus!... (CONTINUANDO) "Temos que providenciar na sua fuga o mais breve possível, ou deixar que êle morra. Espero de você a palavra final. Beto" (PAUSA) Isto importa em dizer que a fuga será a única maneira de salvar-lhe a vida? Mas êsse Chefe terá meios para mandar matar um homem dentro de um presídio?

BETO - Tem, Márcia. Não esqueça que há alguns membros da organização cumprindo pena lá dentro. A dificuldade única consiste em fazer um bilhete chegar até a um desses homens, com um retrato de quem êles devem matar. *Essa dificuldade com desenho de rosto foi ilucite.*

- MÁRCIA - E ele terá maneira de conseguir esse retrato?
- BETO - Claro. No fichário geral existe a ficha de cada um dos adeptos da organização e, em cada ficha, um retrato.
- MÁRCIA - Era o que você queria; não?
- BETO - O que?
- MÁRCIA - Que Fernando fugisse, para deixar livre o caminho a você? ~~mas~~
- BETO - Mas o fato dele fugir agora, não impede de que, mais tarde, possamos provar a sua inocência.
- MÁRCIA - Você fugiu à resposta que eu lhe pedi. Você quer que Fernando fuja para afastá-lo do seu caminho; não é isto?
- BETO - Bem, Márcia; si ele não estivesse no meu caminho, acho que seria tudo mais fácil para mim, realmente, mas a verdade é que, diante da última resolução do Chefe, não nos resta outra alternativa. Eu não quero forçá-la, mas também não quero que a responsabilidade fique consigo. Ela agora está transferida para você. Decida como quiser.
- MÁRCIA - E eu devo decidir isso forçosamente agora? Não posso pensar um pouco? Dar-lhe a resposta amanhã, por exemplo?
- BETO - Não, não pode. Ou por outra, pode mas você estará perdendo tempo e se acontecer qualquer coisa, nesse intervalo, a culpa será sua, somente. (PAUSA) Vamos, resolve. Eu preciso de algumas horas para preparar a fuga e é lógico que tudo isto tem que acontecer antes que o Chefe tenha expedido a sentença de morte de Fernando.
- MÁRCIA - Eu gostaria de poder pensar, mas nervosa como estou já nem sei o que será melhor. (PAUSA) Escutei você não poderia, por exemplo, extraviar a ordem do Chefe?
- BETO - Si eu tivesse a certeza de que ela seria enviada por meu intermédio, poderia. Mas eu não sou o único homem que trabalha para ele. Somos vários. E o mais certo é que ele mande a sentença por intermédio de outro. E digo isto porque conheço muito bem a maneira como ele trabalha.
- MÁRCIA - É... sendo assim... parece que não existe mesmo outra alternativa.

- VOZ - (ALTO FALANTE) Atenção guarda de vigilância do primeiro corredor. Atenção guarda de vigilância do primeiro corredor. Queira comparecer na administração.
- FERNANDO - Está movimentada a ala direita esta tarde. Esta já é a quarta ou quinta mensagem para cá. (PAUSA. TOM)
- C/REGRA - PASSOS SE APROXIMAM NO CIMENTO E PARAM.
- FERNANDO - (PAUSA. TOM) Aí vem o homemsinho de volta. Estou ouvindo os seus passos. Se ele tornar a parar e ficar a olhar para dentro, eu vou perguntar si ele quer alguma coisa.
- C/REGRA - TOSSE EM SEGUNDO PLANO. PUXA FIGARRO.
- FERNANDO - Quería alguma coisa, amigo?
- VOZ - Sim.
- FERNANDO - Que é isto? Uma caneta?
- VOZ - (TOM DE SEGREDO) Muito cuidado com a carga.
- FERNANDO - (ENTENDEU) Ah, sim, sim... Deve ser a caneta que eu mandei pedir ao diretor para escrever meus poemas. (BAIXO) Tem resposta?
- VOZ - Não.
- FERNANDO - (ALTO) Oquêi. Obrigado. Amanha já vou poder começar a fazer meus poemas.
- C/REGRA - PASSOS SE AFASTAM NO CIMENTO E SOMEM.
- FERNANDO - (MEIA VOZ) Ele falou para que eu tivesse cuidado com a carga. Vamos ver o que ela contém. (PAUSA) Um papel em vez da carga. (NOVA PAUSA) Deve ser um bilhete. Mas de quem? (PAUSA) Quanto mais pressa se tem de fazer as coisas, mais se demora. (PAUSA) Pronto. Não estava muito fácil de tirar, não. Vejamos o que diz.
- C/REGRA - RUIDO DISCRETO DE ABRIR PAPEL PEQUENO
- FERNANDO - Que letra miuda, meu Deus! (LENDO) Fernando, esteja preparado para esta noite. Alguem irá buscá-lo. Siga suas instruções sem vacilar. Um amigo.
- DOQUIPIHA - (CÂMARA DE ECHO) Ela mandô dizê que si arrumarem pro sinhô fugi daí daqui que é pro sinhô num fugi.

- FERNANDO - (HEIJO TOM) De quem será este bilhete? A letra não está me pa-
recendo nem do Bato, nem do Nadinho, mas só pode ser de alguém
da organização.
- DOQUINHA - (CÂMARA DE ECHO) Ela mandô dizê que si arrumarem pro sinhô fu-
gi daqui que é pro sinhô num fugi.
- FERNANDO - Estou agora numa terrível confusão e completamente sem saber
o que fazer.
- DOQUINHA - (CÂMARA DE ECHO) Que é pro sinhô num fugi... que é pro sinhô
num fugi... que é pro sinhô num fugi...
- FERNANDO - Meu Deus, que faço?! Indica-me o caminho certo.
- DOQUINHA - (DE SEGUNDO PLANO E CADA VEZ MAIS SE AFASTANDO) (CÂMARA DE ECHO)
Que é pro sinhô num fugi... que é pro sinhô num fugi... que é
pro sinhô num fugi...
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL VAI SUBINDO AOS POUCOS E ABAFANDO O ECHO.
- HERMES - Você parece contente hoje, minha querida. Que aconteceu?
- EUGÊNIA - Estou contente, de fato. Haloisa teve uma proposta de casamen-
to, há poucos dias e parece que já está mais inclinada a acei-
tá-la.
- HERMES - Haloisa?! Meu Deus, que surpresa! Ao princípio namorava qual-
quer par de calças que aparecesse à sua frente. De repente, sem
que se soubesse a razão, deixou completamente de namorar, de
sair com seus colegas e nunca mais se interessou por homem al-
gum. Essa notícia que você traz é bastante alviqueira para
mim, sabe?
- EUGÊNIA - Ela estava muito indecisa porque foi o ~~primitivo~~ rapaz que lhe
causou a primeira grande desilusão de sua vida, mas conversan-
do com ela eu pude perceber que ela ainda o ama e que só será
feliz ao lado dele. Ela vai conversar com você e eu queria pra
pará-lo, para que você pense melhor no que convem dizer-lhe.
- HERMES - Foi bom, foi bom. Inclusive já fico sabendo que você faz gô-
sto no casamento e vou procurar influenciá-la neste sentido.
- EUGÊNIA - Nada de indagações, quem é o rapaz, o que faz, a que família
pertence, porque nada mais está interessando, agora, não a

felicidade de Heloisa, que ela pensava ter perdido para sempre.

HERMES - Está bem, está bem. Pode ficar tranquila que não farei indagações a ela, mas você deve concordar que, depois, precisarei saber quem é o rapaz que vai ser meu genro.

EUGENIA - Deixe tudo isso a meu cargo e não se preocupe. Eu lhe trarei todos os informes que conseguir.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

NADINHO - É mesmo verdade esse ameaça de morte ao Fernando, ou você tá se valendo de mais um truque pra conseguir o que deseja?

BETO - Não é truque, não, bicho. É verdade. Se fosse truque eu já tinha me usado antes de pedi a você pra me ajudá. Sabe que eu até me assugtei quando o chefe me falou?

NADINHO - E ôle já lhe deu a ordem pra mandá um companheiro agi lá no ~~presídio~~ presidio?

BETO - Pra mim, não. Com certeza deu pra outro. Se fôsse pra mim não tinha galho. Eu prendia a ordem e fazia parecê que tinha se extraviado lá dentro do presidio. Mas você sabe que o Chefe é muito vivo. Ele não embarca em esnoa furada. Nós fomos encarregado da metade do serviço, a outra metade é outra turma que faz. Esse é o sistema dele trabalhá.

NADINHO - E você já providenciou pra fuga do Fernando?

BETO - Claro. Ou você pensa que eu tô durmindo no ponto? Já botei grana abrindo porta, bicho. Amanhã ou depois ôle vai dá as cara por aqui, durante a noite, pra dá uma palavrinha antes de fugi.

NADINHO - Então vou ficá mais ou menos de olho que é pra facilitá as coisas.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LINDAURA - Márcia eu preciso que você confirme uma notícia que me deram e que eu não acreditei muito, mas que estou torcendo barbaridade para que ela se confirme. É verdade que a Heloisa foi pedida em casamento, é verdade?

MÁRCIA - Se a senhora me prometer não envolver o meu nome nesse assunto, eu vou lhe dizer que é verdade. (RÁ, DISCRETAMENTE)

LINDAURA - (HISTÉRICA) Prometô, prometo, pode dizer, prometo.

MÁRCIA - (GRITANDO EM TOMO MAIS ABERTAMENTE) Mas se eu já lhe disse que é verdade. Será que a senhora não percebeu?

LINDAURA - (GRITINHO HISTÉRICO) Ui, meu Deus, que alegria! Eu fico tão excitada! Não posso ouvir ninguém falar em casamento que me lembro, logo, da noite da núpcias. Você sabe que eu vivo esse momento com cada moça conhecida que casa?!

MÁRCIA - A gente mais ou menos percebe. A senhora fica, realmente, muito excitada.

LINDAURA - Mas é um momento lindo; você não acha? Um momento divino! Um momento que chega a emocionar a gente até às lágrimas. Saem os noivos de braços dados, da Igreja e depois fugirem no meio da festa e refugiarem-se no seu ninho de amor! Só quem viveu esse momento lindo, pode vibrar como eu vibro. Você sabe que ele tem uma significação tão profunda na vida das mulheres que elas depois, (TRANSFORMANDO-SE DE ÊXTASE PARA O ÓDIO CONTIDO) por mais que tenham sofrido nas mãos de um canalha vulgar, nunca chegam a esquecer o instante do amor! (CAI PARA MÁGOA PROFUNDA) Eu fui casada com um canalha vulgar. Um homem que teve a desfaçatez de me confessar, ao fim do terceiro mês de casados, que se unira a mim para uma experiência de vida de casado. Ela não estava lhe agradando e então ia me deixar, levando a metade do que era meu porque lhe pertencia.

MÁRCIA - (PERPLEXADA) Que horror, dona Lindaurs, como a senhora deve ter sofrido!

LINDAURA - Meu Deus! Inda mais que tudo foi bruscamente. Eu ainda estava empolgada com o meu novo estado. Até aquele momento não tivera o menor motivo de descontento. Foi como se o mundo caísse sobre os meus ombros e me abatesse. Não tive forças nem para reagir. Fiz tudo que ele quiz, assinei todos os papéis que o advogado me trouxe e quando voltei à tona estava praticamente pobre. E grata, ainda, a ele, por não ter me tirado tudo, o que teria sido fácil, diante do meu desânimo na ocasião. (PAUSA GRANDE. MÁGOA PROFUNDA) Nunca mais o vi... mas muitas, muitas vezes ti

Atto 2

ve saudade dele. (CONTINUA UM SOLUÇO E MUDA, REPENTINAMENTE
e faz com a todos que era viva e que meu mundo fora um homem com adu-
PARA UMA ALEGRIA FORÇADA) Mas eu nem sei porque estou falan
do agora essas bobagens que não interessam a ninguém. E que
nem mesmo a mim estão interessando mais. Escute, Márcia, a
gente já pode felicitar Heloisa?

MÁRCIA - Não, não, ainda não. Ela ainda não se decidiu. Está estudan
do o assunto.

LINDAURA - Eu, hein? Agarrava esse mesmo com unhas e dentes.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DOQUINHA - O que é que houve, dona, que o seu Nadinho telefonô lá pra
bomba de gasolina, mandando um recado pra eu vim aqui? O seu
Delermendo foi lá me dizê. Disse que a ermã dele queria falá
comigo. Deve de sê a sinhora, num é, não?

MÁRCIA - Fui eu, sim, Doquinha. Estava desesperada pra falar sôntigo.
Eu mandei dizer por ti, ao Fernando, que êle não aceitasse a
proposta de fuga e ficasse na prisão; não foi?

DOQUINHA - Foi, sim, senhora. Eu disse dereitinho pre êle e êle me disse
que num ia fugi, que a sinhora ficasse trankila.

MÁRCIA - Pois foi, mas acontece que agora eu preciso mandar dizer a êle,
com a maior urgência que êle deve fugir.

DOQUINHA - Ih, dona Márcia! Como é que nós vamos pelá essa pirua? Agora
a gente só pode intrá lá no dia da visita. Antes num dá.

MÁRCIA - E tu ~~tem~~ tens uma maneira de mandar êsse recado a êle? Eu estou
tão aflita!...

DOQUINHA - Num tenho, não. A sinhora sabe... a gente vive num ~~um~~ nível mais
alevado não tem relações de amizade com gente de cadeia.

MÁRCIA - (AFLITA) Pois é, mas eu precisava mandar êsse recado para êle,
precisava.

DOQUINHA - Inda que máli prigunte, dona Márcia, modo que a sinhora arrevis
rô de pensá, anssim duma hora pra outra?

MÁRCIA - É que eu fui avisada que o Chefe da organização está com ideias
de mandar matá-lo, com medo que êle possa falar alguma coisa e
comprometê-los!

DOQUINHA - Puxe home bem desgraçado! Óia, dona Márcia, eu vò dizê uma coisa pra sinhora. Esse, ~~ai~~ eu ~~xxxxxxx~~ conhecesse êle e encontrasse com êle na virada duma rua, era capáiz de dá vorta e cravá uma faca nas costa dele. E não/ ia me arrependê, juro. (TOM) Óia, dona Márcia, eu fico munto triste de não pudê servi a sinhora, mas eu num tenho jeito de chgá lá sem sê em dia de visita. Discurpe, sim?

MÁRCIA - Desculpar o que, Doquinha? Tens feito tanto por mim, tanto! tens sido uma boa amiga, porque só uma verdadeira amiga arriscaria o seu pêlo para servir a outra como tu tens me seguido. E é por isto que todas as noites paço a Deus por ti.

DOQUINHA - (COMOVIDA) Brigadinho, dona! A sinhora até me deixa eu meio discomovida, credo!

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Eu já estava esperando que viesse me falar sôbre êste assunto. Tua mãe tinha me prevenido, com receio de que eu pudesse sentir uma emoção muito grande.

HELOISA - Então, papai, o senhor já deve ter pensado na resposta que me dará.

HERMES - A resposta não pode ser dada, sem que eu te faça, antes uma pergunta: tú ainda gostas dele?

HELOISA - Não sei, papai. Já disse isto à mããe e repito ao senhor. Não tenho certeza de gostar.

HERMES - Parece-me que há uma solução muito fácil para o assunto.

HELOISA - Diga, por favor. Eu estou assim meio perdida no mar das minhas dúvidas.

HERMES - Você aceita o pedido, mas condiciona que o casamento só será realizado daqui a seis meses, ou mesmo um ano, se você achar necessário mais tempo. Nesse espaço você conviverá outra vez com seu noivo e poderá chegar a uma conclusão certa. Gosta ou não gosta. Se o resultado for negativo, nada a impede de romper o compromisso. Não acha que é uma solução?

PELOISA - É, pepai. Sem dúvida é a única solução. Mas acontece que ele quer casar imediatamente.

HERMES - Você diz que não pode. Tem que se preparar, óra esta. E si ele quiser casar mesmo de verdade, só o que lhe posso afirmar é que ele espera.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL FUNDE COM BATIDE DE RELOGIO DE TORRE EM NENEM TERCEIRO OU QUARTO PLANO. TRES BATIDAS

C/REGRA - RUIDO DE CORRENTES E CADEADO ABRINDO, MUITO DISCRETAMENTE.

VOZ - (SEGREDO) Rapaz... rapaz... oh rapaz, acorda! Vamos, depressa.

FERNANDO - (DESPERTANDO) Ahn!... Quem é?

VOZ - (SEGREDO) Fale baixo. Cuidado. Os vizinhos de cela podem ouvir.

FERNANDO - (SEGREDO) Quem é você? Que quer?

VOZ - (SEGREDO) Sou seu amigo. Venha.

FERNANDO - (IDEM) Venha para onde?

VOZ - (IDEM) A cela está aberta. Aproveite, venha comigo.

FERNANDO - (IDEM) Não, não... eu não vou fugir. Não vou.

VOZ - Tá dormindo ainda, rapaz? Acorda. A cela está aberta. Eu boto você lá na rua. Venha. Há um automovel esperando lá fora.

FERNANDO - Não vou fugir, já disse. Deixe-me ficar aqui onde estou.

VOZ - Você não pode fazê isso, rapaz, venha.

FERNANDO - Repito que não vou sair daqui. E se continuar a me amolar eu vou falar alto, para todo o mundo ouvir.

VOZ - Ah é? Você desafia o Chefe? Pois vai ver o que lhe acontecerá.

FERNANDO - O Chefe! O Chefe lá vai se preocupar comigo? Aconteça o que acontecer, eu vou ficar aqui. Estou resolvido. Pode dizer ao Chefe.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - Este foi o trigésimo sétimo capítulo da novela de Írico Cramer, MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO? que a Rádio Gaúcha continuará apresentando diariamente neste mesmo horário. Tomaram parte no capítulo de hoje os seguintes elementos (RELAÇÃO) Ouça amanhã, mais um capítulo desta empolgante novela.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR - Ao terminar o trigésimo sétimo capítulo desta novela, deixamos Fernando, na sua cela da penitenciária, sendo acordado por um estranho que o convidava a acompanhá-lo. Eram três horas da manhã e o presídio inteiro dormia, mergulhado num silêncio total. E a conversa entre os dois interlocutores foi interrompida, mais ou menos, neste ponto:

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA, BAIXA E SOME.

FERNANDO - (SEGREDO) Quem é você? Que quer?

VOZ - (SEGREDO) Sou seu amigo. Venha.

FERNANDO - (SEGREDO) Venha para onde?

VOZ - (SEGREDO) A cela está aberta. Aproveite. Venha comigo.

FERNANDO - (SEGREDO) Não, não... eu não vou fugir... não vou...

VOZ - (SEGREDO) Tá dormindo ainda, rapaz? Acorda. A cela está aberta, eu boto você lá na rua. Venha. Há um automóvel esperando lá fora.

FERNANDO - (SEGREDO) Não vou fugir, já disse. Deixe-me ficar aqui onde estou.

VOZ - (SEGREDO) Você não pode fazer isso, rapaz, venha.

FERNANDO - (SEGREDO) Repito que não vou sair daqui. E se continuar a me amolar, eu vou falar alto para todo o mundo ouvir.

VOZ - (SEGREDO) Ah é? Você desafia o Chefe? Pois vai ver o que lhe acontecerá.

FERNANDO - (SEGREDO) O Chefe! O Chefe lá vai se preocupar comigo? (DECIDIDO) Aconteça o que acontecer, eu vou ficar aqui. Estou resolvido. E pode dizer ao Chefe.

VOZ - (SEGREDO) Você está louco, rapaz? Está brincando com a morte? Que ideia foi essa de não querer fugir? Por que?

DOQUINHA - (CÂMARA DE ECO EM SURDINA) Ela mandô dizê que si arrumarem pro sinhô fugi daqui... que é pro sinhô num fugi.

07.11.
2011

FERNANDO - (SEGREDO) Porque não quero fugir. Prefiro saldar a minha dívida com a polícia; entendeu agora?

VOZ - (SEGREDO) Vão te deixar preso os melhores anos da tua vida, quando podes viver longe daqui em liberdade.

DOQUINHA - (CÂMARA DE ÉCO, EM SURDINA) É pro sinhô num fugi... é pro sinhô num fugi... é pro sinhô num fugi...

FERNANDO - (EM SEGREDO) Não, eu não fujo. Eu vou ficar aqui e não adianta nada insistir. Por favor vá embora que estou louco de sono.

VOZ - Bom, eu já avisei, não é? Vai ser muito pior pra ti, rapaz. Mas eu não tenho nada que ver com isto. Foste tu mesmo que escolheste o teu caminho.

FERNANDO - (EM SEGREDO, MAS IMPACIENTE) Está bem, eu sei. Fui eu mesmo. Mas vai embora, tá?

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DINAH - Vim trazer o recibo da bolsa de estudos que você mandou pagar. Já era pra ter trazido antes, mas foi tanta coisa a fazer a um tempo só que eu fui deixando isto para traz. Hoje o Padre Augusto me reclamou. Você desculpa a demora; não é Eugênia?

EUGÊNIA - Meu Deus, não tem importância nenhuma. Esses papéis só são precisos na ocasião em que se faz declaração de renda. E isto só vai entrar no ano que vem, parece. Eu não tenho muita certeza, que eu não-entendo dessas coisas, mas parece-me que foi o que ouvi meu marido falar.

DINAH - Bem, mas em todo o caso, uma vez que a bolsa foi paga era dever nosso mandar logo o recibo. Como é que está o doutor Hermes? Segundo sei, melhorando sempre, não é?

EUGÊNIA - Felizmente. Hoje o médico parece que vai autorizá-lo a recommençar seu trabalho. Está dependendo, apenas do resultado de um só exame que ainda não tinha sido feito, mas que tudo indica que vai ser bom.

DINAH - Deus permita. O doutor Hermes é tão bom... ajuda tanta gente... não pode deixar de ser protegido por Deus. Eu rezei muito por ele, a Lindaura não disse a você?

EUGÊNIA - Disse, sim, disse. Eu até mandei agradecer a você. Será que ela se esqueceu?

DINAH - Acredito que sim. Lindaure é muito distraída e muito empolgada. Ela faz propósito de uma determinada coisa, mas se no meio aparece outra que a empolga, esquece completamente a primeira.

EUGÊNIA - Isso quer dizer inconstância.

DINAH - Não sei... inconstante ela não me parece. Pelo menos para as amizades, não. Ela tem amigos de muitíssimos anos, como o próprio doutor Hermes. Há anos que ouço a Lindaure falar nela.

EUGÊNIA - É, sim. Ela é uma das amigas mais antigas de meu marido. Ele gosta muito dela.

DINAH - E ela também dele. Se visse como ficou alucinada quando aconteceu tudo isso. Chegava a dar pena o desatino ~~da~~ Lindaure. ~~fiava~~ E enquanto não pôde entrar e falar com ele não socegou. De vez em quando ela me dizia: "Dinah, será que ele não foi ferido e está escondendo?" Era uma das ideias que mais a torturava.

EUGÊNIA - Ela foi das primeira pessoas que entrou no quarto dele.

DINAH - Esse dia ela me apareceu muito satisfeita. Convenceu-se que era uma questão puramente de repouso e foi aí que se acalmou, finalmente.

EUGÊNIA - Sabe que a princípio eu não ia muito com a Lindaure? Ela tem uma maneira assim meio brusca de dizer as coisas para a gente, mas aos poucos eu a fui conhecendo melhor e acabei gostando muito dela. Hoje posso dizer que sou sua amiga.

DINAH - (SORRINDO) É por isso que se diz que a recíproca é verdadeira. Hoje ela diz exatamente a mesma coisa de você. Bem, eu devo estar roubando o seu tempo...

EUGÊNIA - (CORTANDO) Não, não, de forma alguma. Recebo até com muito prazer estas suas visitas. E quando quiser aparecer, pode vir. Eu agora sou pouquíssimo.

DINAH - Eu vou combinar com a Lindaure para virmos passar uma tarde aqui com você.

EUGÊNIA - Isso, isso. Façam isso que eu vou ficar muito contente.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL FUNDE COM INTERIOR DE PENITENCIÁRIA

DOQUINHA - Puxa vida!... Eu acho que esse desgraçado desse guarda adiantou
confiou de mim e é a terceira vez que eu me encosto na por-
ta do seu Fernando e ele num pode nem tirá as fruta praquê
num tem tempo. Eu tenho que me mandá. Bamo vê dessa vez. Ele
arrecem sumiu lá na dobra do corredô.

FERNANDO - Que foi isso, Doquinha? Há mais de quinze minutos que estou à
tua espera; até pensei que não tivesses vindo hoje.

DOQUINHA - É que tem um noventa dum guarda que tá me marcando eu e num
me deixa posá. Tira as fruta digero que eu ainda tenho que ir
lá no nêgo. Ele vai dá um bode hoje que num vai té tamanho.
E óia, mais ante que ele apareça otra vez de novo lá na ins-
quina, eu quero te dizê pra ti, seu Fernando que a dona Márcia
mandô te dizê que deu marchá-ré nas indels dela e que tu deve
de fugi, no caso de te oferecerem prao sinhô saí.

FERNANDO - Ih, Doquinha, já me ofereceram. Na noite de ante-ontem pra on-
tem vieram especialmente me acordar para fugir e eu não fui,
lembrando as tuas recomendações.

DOQUINHA - Pois é, mas agora era pra ti fugi. Pode sê que êles vorte e
aí tu já sabe. Sêbo nas canela.

FERNANDO - Não sei, não. Agora estou preocupado. De ^{maneira} ~~forma~~ segura como eu
reagi, não acredito que êles voltem. A pessoa que esteve aqui
me disse que até automóvel lá fora já tinha à minha espera.

DOQUINHA - Pois é e eu num tinha goito de te avisá mais ante. Num me dô
com essa gente aqui, num tinha pra quem me digiri. Ih, a dona
Márcia vai ficá burricida mêmo do aviso dela num té chegado a
tempo. Mas será mêmo que êles num vorta?

FERNANDO - Não acredito. Inda mais que ôla me ameaçou e eu reagi. A esta
hora já devem estar tramando outra coisa.

DOQUINHA - Que outra coisa que o sinhô acha?

FERNANDO - Sei lá. Essa gente é capaz de tudo. Tu não te admira se na ou-
tra quarta feira, chegares aqui, e perguntares por mim, te disse-
rem que já me mandaram embora, num envelope de pau.

DOQUINHA - Credo em crúz! Tiscunjuro. Vira essa boca pras costa seu Fernando. Num diz bobage numa hora desta que num presta. O Santanáiz pode ouvi e achá boa a indela.

FERNANDO - Não sei, mão, mas agora eu estou sem saber o que pode me a contacer.

DOQUINHA - O sinhô qué mandá dizê alguma cose pra dona Márcia digue meio digero, mais ante que vorte o iscamungado que tá me marcaúdo.

FERNANDO - Diz a ela que eu estou bem, com muitas saudades e que fiz o que ela me recomendou. Agora tenho que esperar uma outra pro posta, si é que ela vai aparecer. Entendeste bem o recado?

DOQUINHA - Óra, seu Fernando, não enche. Eu sou surda? Num sô. Eu sô bur ra? Num sô tombem. Eu tenho a cabeça vasia pra ouvi as cousa e num sabê arrepeti? Num tenho. No portante num precisa fazê prigunta crentina si eu intindi dereito as prerrogativa.

FERNANDO - Está bem, Doquinha, não precisa se aborrecer por tão pouco. Eu só quiz...

DOQUINHA - (CORTANDO) Credo em Crúz! Láá vem o insqueroso otra veiz. Deixa eu i simbora digero. Tehau.

FERNANDO - Vai com Deus. (PROJETANDO) Dá um beijo na Márcia que eu mandei. (TOM) Essa agora não estava no trato. O que é que eu vou fazer? Não terei outro remédio sinão esperar. E esperar o pior, o que é mais sério.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - Trago-lhe uma notícia muito boa, querido.

HERMES - Sobre o nosso filho? Essa seria, para mim, a melhor notícia.

EUGÊNIA - Não, não é sôbre o nosso filho, mas essa também virá, se Deus quizer, em breve.

HERMES - Mas então que notícia é?

EUGÊNIA - O doutor Carlos acaba de me telefonar, dizendo que o seu exame foi ótimo e, que você, a partir de segunda feira, já poderá voltar ao trabalho.

HERMES - É uma notícia muito boa, realmente.

EUGÊNIA - Mas há uma coisa que êle frisou bem. Disse, até, por duas vezes. Você não vai fazer o que fazia antes, ~~de~~ ficar o dia inteiro trabalhando e às vezes entrar pela noite a dentro. Êle só permitirá que você faça um expediente. O da manhã ou o da ~~tarde~~ tarde, à sua livre escolha. E você terá que obedecer, querido. Pelo menos por enquanto.

HERMES - Está bem, eu prometo a você que me portarei direitinho. E Heloisa? Já marcou a data do pedido?

EUGÊNIA - Não vai haver pedido, meu amor.

HERMES - Não vai haver pedido? Por que? Ela desistiu?! Ou êle disparou?

EUGÊNIA - Nem uma coisa, nem outra. É que hoje a juventude não usa mais essa coisa de chegar aos pais das moças e pedi-las oficialmente em casamento. Isso é coisa passada. Coisa morta. Hoje êles ~~com~~ bingam tudo entre os dois e depois cada um comunica à sua família, quando comunica.

HERMES - Mas convenhamos que não está muito certo; não é Eugênia?

EUGÊNIA - É, pode não estar, mas hoje é assim e nós temos que nos conformar. Não adianta nada quereremos nadar contra a corrente porque ela nos arrasta. Você sabe que uma colega da Heloisa, quando a família soube já estava casada?

HERMES - Bem, isso então já ultrapassa a todas as previsões.

EUGÊNIA - Pois é, mas aconteceu e a gente tem que aceitar como fato consumado.

HERMES - Só espero que Heloisa não vá imitar êsse péssimo exemplo da sua colega, privando-nos do prazer de festejar o seu casamento.

EUGÊNIA - Festejar?!... Hermes, pelo amor de Deus! Você nem parece que conhece sua filha! Aposto com você como ela vai querer casar às sete horas da manhã, só no civil, sem vestido de noiva e com a presença, apenas, de dois padrinhos e nada mais.

HERMES - Bem, mas se for assim, nem chega bem a ser um casamento. Apenas um arremedo.

EUGÊNIA - Pois é, mas é assim que êles gostam e nós devemos deixar que façam lá como quizerem. O essencial, para nós, é que se casem, e sejam felizes.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

- REGINALDO - Você já resolveu alguma coisa em definitivo sobre o seu casamento, Heloísa?
- HELOISA - Aceitei a ideia de papai, que me pareceu a mais acertada. Fiquei noiva, mas não me casarei antes de seis meses, para poder ter a certeza de que não vou me arrepender.
- REGINALDO - E ele concordou com uma espera assim maior? Estava com tanta pressa de casar-se.
- HELOISA - Bem, ele estrilou, é lógico, mas como eu permaneci irredutível, ele não teve outro remédio senão se conformar.
- REGINALDO - Desculpe a pergunta que eu vou lhe fazer, mas... é verdade o que me disseram que ele tem uma menina de três anos?
- HELOISA - Tem. Está com a avó, mas si ele quiser trazer para casa eu vou cuidar dela com o maior carinho em homenagem à Márcia, minha irmã muito querida hoje, mas que eu recebi com uma faca de ponta na mão.
- REGINALDO - Mas lembre-se que uma Márcia não é muito comum.
- HELOISA - Não importa. Ela seja o que for, terá todo o meu carinho porque Márcia me ensinou que o carinho é a arma melhor que possui uma mulher para vencer as dificuldades que a vida lhe põe no caminho, a cada passo.
- REGINALDO - Como eu fico feliz de ouvir você falar assim agora, Heloisa.
- HELOISA - Márcia ~~está~~ ainda triste, você não acha, Reginaldo? Já não tem mais aquela alegria comunicativa de antes. Parece tão preocupada.
- REGINALDO - Tem que estar preocupada. Além de seu pai e de Nadinho, ela tem, ainda, a parte que toca a Fernando, a quem ela ama de verdade. É muita preocupação para uma pessoa só; você não acha?
- HELOISA - De fato. E depois uma pessoa como Márcia que quer carregar sózinha, nos seus ombros, os fardos mais pesados que couberem às pessoas a quem está ligada por parentesco ou amizade.
- REGINALDO - Eu tenho procurado levantar-lhe o ânimo mas à medida que o tempo passa e a saudade aumenta, mais tristonha ela vai ficando. É o pesado tributo do querer bem.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL. FUNDE COM RELÓGIO DE TORRE, BATENDO TRÊS HORAS.
AS BATIDAS SÃO AFASTADAS.

C/REGRA - RUIDO DISCRETO DE CHAVE EM CADEADO E RUIDO DE CORRENTES PESADAS
DEPOIS ABRIR PORTA DE FERRO.

FERNANDO - (SEGREDO) Alguem está entrando em minha cela. Será que vieram, outra vez, me tentar a fugir? Será? (UM POUCO MAIS ALTO) Quem está aí? (PAUSA) Vamos, responda quem está aí, sinão eu dou a larme.

VOZ - (SEGREDO) Fique quieto. Vim aqui oferecer-lhe a liberdade. Se der alarme o prejudicado será você mesmo que ficará aqui, morando, os melhores âns de sua vida.

FERNANDO - Eu estava à espera dessa segunda oportunidade. Arrependi-me de não ter aceito a primeira proposta. É que... é que eu tive medo de ser apsnhado fugindo, entende?

VOZ - A minha lanterna pifou. Onde é que você está?

FERNANDO - Aqui, no catre. Ao fundo da cela, do lado direito.

VOZ - Vou procurar a sua mão, pare que você me conduza, evitando, ag sim um esbarrão que pode acordar os visinhos de cela. Eu estou chegando para o fundo e para a direita. Veja se me toca para que eu possa orientar-me. Você está deitado?

FERNANDO - Não, Estou sentado na cama. Desde que ouvi barulho no cadeado que me sentei. Estou com os dois braços extendidos, procurando ~~o~~ se toco em você para... (TOM) Ah, pronto. Aqui, ó.

VOZ - Levante-se.

FERNANDO - (DEPOIS DE RUIDO LEVE, GEMIDO SURDO) Ahnm!... Ui!... Malvado!
Apunhalou-me...

(C/REGRA - RUIDO DE CORPO QUE CAI SOBRE UM CATRE E DERRUBA UM OBJETO PEQUENO
QUE SE QUEBRA NA LAGE DO CHÃO. PODE SER UM COPO OU UMA CHÍCARA.

VOZ - (ÓDIO SURDO, VOZ DE SEGREDO) Morre, eschorro. Pelo menos morto, não precisaremos temer o teu rosnar.

C/REGRA - PASSOS ABAFADOS EM LAGE, SE AFASTANDO A CORRER, ESBARRÃO NA POR-
OUVINDO-SE RUIDO DE CORRENTE QUE BATE EM FERRO, SOMEM PASSOS.

FERNANDO - (GEMENDO FRACO) Ai!... Socorro!... Socorro, pelo amor de Deus!...

VOZ 1 - (AFASTADA) Que é que há, companheiro?

FERNANDO - (UM POUCO MAIS ANIMADO) Fui... fui apunhalado... Socorro... Não me deixem morrer... eu não posso... eu não posso morrer...

OPERADOR - SIRENA DE ALARME DENTRO DO PRESÍDIO

VOZ 1 - (AFASTADA, PROJETANDO) Guenta a mão, companheiro. A sirena de alarme tá tocando. Já descobriram qualquer coisa. (GRITANDO FORTE) Socorro na cela quatrocentos e cinco do terceiro corredor. Socorro!... Cela quatrocentos e cinco do terceiro corredor. Socorro!...

OPERADOR - FUNDE SIRENA DE ALARME COM CORTINA MUSICAL FORTE.

MÁRCIA - Eu estava aflita à sua espera, Doquinha. Por que demorou tanto a vir? Aconteceu alguma coisa?

DOQUINHA - Aconteceu nada, não senhora, mas o caso que de lá de donde eu venho intê aqui, é longe às pampa e o meu chevrolêtes tá na oficina eu tive que vim de ônibus. (DÁ UMA RISADA) Chevrolêtes, eu hein?

MÁRCIA - Como é que êle está, Doquinha? Eu estou esperando que tu me contes as novidades.

DOQUINHA - Ele tá bô, mas o caso aquele já aconteceu.

MÁRCIA - Que caso? Fala claro, Doquinha. Diz logo tudo que eu estou aflita.

DOQUINHA - O caso que a senhora falou de percurarem êle pra êle botá o pé no mundo, ô.

MÁRCIA - Já aconteceu, tu ~~deu~~ dizes?!... E êle não foi?!...

DOQUINHA - Pois a senhora mandou dizê pre êle que era pre ele num 1. Ele num foi.

MÁRCIA - Nossa Senhora, Doquinha!... Então êle está correndo perigo.

DOQUINHA - Como é que a senhora sabe?

MÁRCIA - Como é que eu sei? Eu vou te dizer. Foi o Beto que esteve aqui conversando comigo e me contou.

DOQUINHA - Num vai munto atrás das garganta do seu Beto, não, dona Márcia, Seu Beto ca mania do bacana tem munto papo furado.

MÁRCIA - Foi êle que me disse que o Chefe estava disposto a matá-lo e

que si ôle quizesse viver deveris fugir. Agora vô, Doquinha a situação em que eu o coloquei. Se acontecer alguma coisa a ôle a única culpada vou ser eu.

DOQUINHA - A gente num tem culpa das coisas que num faiz de propósito. A sinhore num feiz de propósito, feiz?

MÁRCIA - Não fiz, mas de qualquer maneira fiz. Tu lhe disseste por que deveria fugir?

DOQUINHA - Eu num sabia, como é que eu podia dizê? A sinhore num me disse o cause intero. Só disse que era pra ôle acaitá de fugi e eu disse dereitinho pra ôle.

MÁRCIA - Foi pena, mesmo. Eu devia ter te dito porque assim ôle já fi cava sabendo e se prevenia.

DOQUINHA - Por isso, não, praguê ôle memo já disse que o cause vai sê ôg se e que eu nem me indimirsse si acuntecasse.

MÁRCIA - Que horror, meu Deus! Nem quero me lembrar. Em todo o caso é sempre melhor que ôle já esteja prevenido porque assim poderá cuidar-me. Ôle está sózinho, não é?

DOQUINHA - Té, sim sinhore. Naquelo curredô todos tão sólito. Cada um na sua gaiôla.

MÁRCIA - Eu nem sei se isto é pior ou melhor. Talvez se fôssem dois, ficasse mais difícil fazeren qualquer coisa a ôle.

DOQUINHA - Num vão fazê nada. Teja trankila. Isso tudo é papo furado do Bato, a sinhore vai vô.

MÁRCIA - Deus te ouça, Doquinha. Deus te ouça e que seja tudo, realmen te, papo furado do Bato.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Quer mais um pouquinho de café, Nadinho?

NADINHO - Não, não quero. Já tomei café às pampa. Vô o buhle como ficou ques' vasio.

C/REGIA - RUIDO DE LEVANTAR TAMPA DE BUILE E TORJAR A BAIKAR.

REGINALDO - É verdade. Tambem você ontem não quiz jantar, estava com fo me atrozada. Vou tratar de ferver mais um pouco de leite que daqui a pouco suas irmãs levantem e vão ter que esperar.

NADINHO - É que tem que esperar? Eu não espero tantas vezes? Mas não são melhores do que eu, pomba.

REGINALDO - Você espera, sim, mas reclama o tempo todo. Eu já tenho o jornal aqui pra distrair a quem espera. Assim não ouço reclamações.

NADINHO - É, velhote, tu tem cancha mesmo, hein? Cosinha a gente no bafo. Olha, ó. Essa vai tê que esperá.

C/REGRA - PASSOS DE MÁRCIA QUE SE APROXIMA

REGINALDO - Meu Deus, deixa eu ir ferver mais leite, depressa.

C/REGRA - PASSOS DE REGINALDO QUE SE AFASTA, LIGIRO.

MÁRCIA - Bom dia, Nadinho. Bom dia Reginaldo.

REGINALDO - (SAINDO) Bom dia, Márcia. Vou buscar leite para você. Está aí o jornal para que você se distraia, enquanto espera.

MÁRCIA - Ah, está bem. Mas eu prefiro conversar com Nadinho, si ele estiver disposto a me aturar.

NADINHO - Eu vou conversá com você, sim, mas primeiro eu vou dá uma te fonada. Não demoro tô de volta.

C/REGRA - PASSOS DE NADINHO SE AFASTANDO. SOMEM. RUIDO DE ABRIR JORNAL

MÁRCIA - Deixa-me ver o que traz o jornal de novidades. (PAUSA) Meu Deus!... Que horror!... (GRITO NERVOSO) Reginaldo!... Reginaldo, depressa!...

C/REGRA - PASSOS DE REGINALDO QUE SE APROXIMA CORRENDO.

REGINALDO - Que houve Márcia? Que aconteceu? Diga.

MÁRCIA - ~~...~~ (AOS SOLUCOS) Veja, Reginaldo! Veja!... Fernando!...

REGINALDO - (LENDO) DETENTO APUNHALADO MISTERIOSAMENTE NO PRESÍDIO, DURANTE A NOITE.

MÁRCIA - (DESATA EM SOLUCOS DESPERADOS)

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE.

LOCUTOR - Este foi o trigésimo oitavo capítulo da novela de Erico Cramer, "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" que a Rádio Gaúcha apresenta diariamente aos seus ouvintes, neste mesmo horário. Tomaram parte no capítulo de hoje os seguintes elementos: (RELACÃO) Gaúcha também, mais um capítulo desta emocionante novela.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

07.11.
2011

LOCUTOR - Ao final do trigésimo oitavo capítulo desta novela, deixamos Márcia e Nadinho à mesa do café da manhã. O rapaz levantava-se para falar no telefone, exatamente quando Márcia vinha chegando. E o diálogo entre os dois foi interrompido, mais ou menos, neste ponto:

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA, BAIXA E SONE.

NADINHO - Vou dá uma telefonada, mas não demoro tô de volta.

C/REGRA - PASSOS DE NADINHO SE AFASTANDO, SOMEM, RUIDO DE ABRIR JORNAL

MÁRCIA - Deixa-me ver o que traz o jornal, de novidades. (PAUSA) Meu Deus!... Que horror!... (GRITO NERVOSO) Reginaldo!... Reginaldo, depressa!...

C/REGRA - PASSOS DE REGINALDO QUE SE APROXIMA CORRENDO.

REGINALDO - (AFLITO) Que houve, Márcia? Que aconteceu? Diga.

MÁRCIA - (JÁ AOS SOLUCOS) Veja, Reginaldo! Veja!... Fernando!...

REGINALDO - (LENDO) Detento apunhalado misteriosamente no presídio, durante a noite.

MÁRCIA - (DESATA EM SOLUCOS DESESPERADOS) Foi eu a culpada!... Foi eu!

REGINALDO - Culpada por que? Você não teve culpa de nada, menina. Acalme-se por favor.

MÁRCIA - Tive culpa, sim. Tive. Mandei dizer que ele não fugisse e ele fez o que eu pedi, só porque eu pedi. Nunca vou me perdoar, Reginaldo, nunca!...

REGINALDO - Márcia, por favor, acalme-se. Daqui a pouco seu pai vem tomar café e encontra você nessa desespero pode levar um susto tremendo. Deixa-me ler a notícia toda. Você leu?

MÁRCIA - Não... não li... não tive coragem... mas só pelo título já se vê... que ele morreu... (FICA CHORANDO UM MOMENTO)

REGINALDO - Não morreu, não senhora. Diz aqui que seu estado inspira cuidados, mas ele não morreu.

- MÁRCIA - (SUSPIRO DE DORANDO) Você está dizendo isto... para me animar... mas eu sei... que ele morreu... eu sei...
- REGINALDO - Como para lhe animar? Leia aqui. Limpe os olhos e leia. (LENDO)
"o punhal, felizmente, não atingiu o coração da vítima, por se ter partido entre duas costelas. Dada, entretanto, a profundidade do ferimento e a grande perda de sangue do ferido, seu estado é considerado melindroso, inspirando sérios cuidados. Por ordem do Diretor do Presídio, Fernando foi recolhido à enfermaria, onde se encontra aos cuidados do doutor Alexandre."
Acompanhou a leitura? Viu que eu não inventei nada do que disse? Veja, portanto, se consegue controlar seu estado nervoso para que seu pai, chegando, não venha a notar nada na sua fisionomia.
- MÁRCIA - Eu não vou poder disfarçar meu desespero, Reginaldo, não vou... É melhor, então, que volte para o meu quarto.
- REGINALDO - Eu também acho. Volte que eu levo lá o seu café.
- MÁRCIA - Não quero, Reginaldo, obrigada. Estou com muita dor de cabeça. Vou tomar um comprimido e ficar quieta na cama para ver se melhora.
- REGINALDO - Quer que vá com você até lá?
- MÁRCIA - Não precisa, Reginaldo, obrigado. Se quer me fazer um favor, pergunte a Nadinho si ele tem facilidade de falar com o Beto, que lhe peça para vir esta noite falar comigo aqui no jardim.
- REGINALDO - Você não acha que o melhor de tudo seria manter esse rapaz esfaetado? Quanto mais você se aproximar dele, mais incomodações vai ter.
- MÁRCIA - Mas eu preciso falar com ele, Reginaldo. Eu preciso. Neste momento ele é a única pessoa que poderá auxiliar-me.
- REGINALDO - Está bem. Sendo assim... eu peço ao Nadinho para falar com ele.
- MÁRCIA - Eu vou me deitar. Se papai reclamar a minha presença diga-lhe que amanheci com forte enxaqueca e por isso voltei para a cama.
- REGINALDO - Pode ficar desconfiada que eu saberei desculpá-la. Melhora hein?
- MÁRCIA - Obrigada.

SARINHA - FAZENDO DE NARCIA QUE SE APASTA VAGAROSEMENTE, SOMEN.

REGINALDO - Meu Deus, não param de acontecer coisas ruins. Até quando teremos que suportar o peso das angústias e preocupações?

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - Negrinha! Negrinha! (PROJETANDO) Oh negrinha, não tá tá ou vindo eu chamá? Doquinha, você tá surda, diabo?

DOQUINHA - Ahm, agora eu ouvi. Qué dizê... eu tava ouvindo chamá negrinha, mas não sabia que era comigo. Eu tenho nome, graças a Deus, me chamo Doquinha, fui batizada e tádo que eu num sô fia das maca ga, vejo chamá negrinha, negrinha, não tô sabendo que é digiri-do a mim. Chamasse meu nome de bautistério eu já tinha atindi-do dêis da premera vez. O que é que o sinhô qué, seu branco?

BETO - Quero que tu vá lá na esquina comprá o jornal pra mim.

DOQUINHA - E tem que sê agora, imediatamentes? Não pode sê depois que eu trimine de barrê aqui?

BETO - É que se tu vai lá muito tarde, não encontra mais jornal e eu tô aflito pra lê a crônica policial pra sabê de um troço aí que de ve de tê acontecido esta noite.

DOQUINHA - Que dizê, antão, que eu num vô barrê. Vô premero buscá o jorná. Tá bem eu vou.

BETO - (DEPOIS DE PAUSA) Uêê Tú diz eu vou e fica parada aí que nem uma estátua? Vai logo, rapariga.

DOQUINHA - Óia, num me chama de rapariga que me enfeza. E se qué que eu vá ~~buscá~~ jorná, vem te vindo ca grana que eu num vô pagá do meu que num tem graça.

BETO - Ah é. Eu não me lembrava que tu é tão miserável que nem um jornal tem dinheiro pra comprá.

DOQUINHA - Óia, seu Beto, miseráve é a vovosinha, tá? E dinheiro eu tenho mas quem qué lê o jorná num sô eu, praquê que eu é de comprá? Num tem graça, num é? Ou tu acha que tem?

BETO - Toma, tá aí. Vai buscá o jornal duma vez e não conversa. E vê se não fica parada aí pelo caminho, como é teu costume, que eu tenho pressa. *

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

- REGINALDO - Quer outra xícara de café, dona Eugênia?
- EUGÊNIA - Terceira?! Não, Reginaldo, que é isso? Três xícaras de café com leite para quem não quer engordar não é nada recomendável. Já abusei tomando duas.
- REGINALDO - E o senhor, Doutor Hermes, mais alguma coisa?
- HERMES - Um copo de suco de laranja. Em vez de tomar o remédio com a gua tomo com suco que fica mais agradável.
- C/REGRA - ~~Ruído de água enchendo copo.~~ RUIDO DE AGUA ENCHENDO COPO.
- HERMES - Chega, chega... não precisa tanto.
- EUGÊNIA - E a Márcia que sempre nos acompanha no café? Está dormindo ainda?
- REGINALDO - Não|senhora. Ela já esteve aqui, mas estava com muita dor de cabeça, resolveu deitar-se novamente. Tomou apenas uns goles de chá. Pediu que lhes dissesse que por isso não lhes faria companhia hoje.
- HERMES - Talvez seja um princípio de resfriado. Ela ontem à noite andou pelo jardim sem abrigo nenhum... A noite estava boa, mas bastante fria.
- EUGÊNIA - Mais tarde vou chegar ao seu quarto para ver como ela está.
- HERMES - Heloisa e Nadinho já tomaram café?
- REGINALDO - Nadinho, sim. Heloisa ainda não. Quando ela não tem aula de manhã, geralmente dorme até às dez e meia, onze horas.
- EUGÊNIA - Hermes, o que você resolveu a respeito de seu trabalho segunda-feira? Trabalhará de manhã ou de tarde?
- HERMES - Penso que à tarde a minha presença no Banco será mais útil. Por que?
- EUGÊNIA - Porque preciso avisar ao chofêr para vir buscá-lo e preciso dizer-lhe a hora. Você não irá logo depois do almoço; não é? Repousará sempre um pouco.
- HERMES - Não fazia planos de repouso à tarde. Parece-lhe necessário?
- EUGÊNIA - Você já se esqueceu das recomendações do médico? É muito necessário, até. Lembre-se que ele lhe disse que você poderia

repouzar até sentado numa poltrona, se não quizesse deitar, mas de qualquer forma não deixar de fazer o seu repouso.

HERMES - Bem, nêsse caso você poderá dizer ao chofêr para estar aqui em casa, segunda feira, às três horas da tarde. Mesmo que eu só saia às tres e meia, é preferível que êle espere por mim do que eu esperar por êle.

EUGÊNIA - É claro. Não só é preferível como é mais lógico. Vamos à nos-va voltinha pelo jardim?

HERMES - Vamos, sim. Vamos fazer o nossos exercícosinho.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DOQUINHA - (CHEGANDO) (CANTANDO) Si acauso você chegasse no meu chatô e encontrasse aquela muié que você gostou, será que tinhas corage de trocá nossa amizade... (FALANDO) Óia o jorná que vancê pediu. (CANTANDO) Por ela que lhe abandonô... Eu falo

BETO - (INTERROMPENDO) E-o trôco?

DOQUINHA - Que troco bôbo, seu Beto? O sinhô me deu o dinhêro inzato e agora vem me arrecramá trôco? (CANTANDO) Eu falo praquê essa dona já more no meu barraco, na sombra de um rigato e um bog que em fêê frô, de dia me lava a roupa...

BETO - (CORTANDO) Tú tá advinhando passarinho verde, é Doquinha?

DOQUINHA - Tô sastifeita da vida e daí? Tem alguma abejeção do causo de eu tá?

BETO - Objeção não tenho, mas acho que depois de tu sabê o que aconteceu pro teu amigo Fernando, a tua alegria vai terminá.

DOQUINHA - Que foi que aconteceu pro seu Fernando?

BETO - Olha aqui, ó. Tú sabe lê?

DOQUINHA - Sei, mas perfiro que tu me conte que eu leio maito digavási-nho. Daí que solestre pra dispois lê, vai um tempão.

BETO - Olha aqui, ó. (LENDO) "Detento apunhalado misteriosamente na sua cela, durante a noite."

DOQUINHA - (AFOBADA) Apunhalaro o seu Fernando? É mêmo verdade? Adonde é que tá? Quero vê.

BETO - Tá aqui, ó. E aqui tem um retrato dele que não tá nada bom mas que dá pra vê que é êle.

DOQUINHA - Mas é mesmo! Que injustícia! Quem foi o marvado que fez isso?
Num diz aí?

BETO - Quem é que vai saber si ele foi apunhalado misteriosamente durante a noite? Quando diz misteriosamente é porque não sabem quem foi.

DOQUINHA - Judiaria! Marvadeza! Um rapáiz tão bão!... Que hora é o entêro, num diz aí?

BETO - Que entêro, Doquinha? Não tem entêro. Ele ainda não morreu. Foi recolhido à enfermaria do presídio com um ferimento profundo no peito, mas ainda não morreu.

DOQUINHA - Ih, então hoje de noite eu tenho que ir lá na casa do Pai Ricardino assiguraré ele pra ele não se passá. O Pai Ricardino entrega ele pra São Ispidito, tú vai vê como ele vai se sarvá. Dig pois que tu lê esse jorná tu me impresta ele, seu Beto?

BETO - Tá bem, mas com uma condição: tú vai fazê um café pra mim, tá?

DOQUINHA - Eu sabia. Ele num pode dá nada sem pidi alguma coisa em troca. Puxa home danado, Deus me peldôe.

BETO - Ah, minha filha, a vida é assim: é toma lá e dá cá.

DOQUINHA - Iscúita aqui, seu Beto: quem é que tu acha que fez essa safadga pra pro coitado do seu Fernando? Diz.

BETO - Sei lá. Tu acha que eu vou sabê.

DOQUINHA - Pois óia, se o sinhô num sabe, eu tenho as minha discunfiança.

BETO - Quem é que tu acha? Diz.

DOQUINHA - O que o sinhô tombem acha mas num qué dizê.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

NADINHO - Você já leu o jornal de hoje? Viu o que aconteceu com Fernando?

HELOISA - Vi. Estou com muita pena dele, mas muito mais de Márcia, coitada, que está num desespero que mal consegue se controlar. Isso deve ter sido obra do seu maravilhoso amigo Beto.

NADINHO - Não, Heloisa, não acredito. A não ser que fôsse com ordem do chefe. Nesse caso ele não tem culpa nenhuma.

HELOISA - Pois eu sempre acho que Beto tem culpa de todas as coisas que acontecem.

NADINHO - Por que?

HELOISA - Porque não conheço ninguém mais sujo, ninguém mais sórdido, ninguém mais indecente. E quando me lembro que não se pode fazer nada contra êle, Nadinho, por sua causa, chego a sentir raiva de você de ter sido tão burro e deixar-se aprisionar por aquele crápula ao ponto de tornar-se um instrumento vil nas suas mãos. (PAUSA LONGA) Desculpe, Nadinho, eu não devia ter falado assim.

NADINHO - Desculpar o que? Você disse, apenas, aquilo que realmente é.

HELOISA - Mas quem tem telhado de vidro não pode atirar pedras no do visinho. Eu também incorri no mesmo êrro que você, apenas com a diferença que tive mais sorte e pude me ver livre dele mais depressa que você. Mas há de chegar o seu dia também, eu tenho fé. Já sofremos bastantes sustos, bastantes desilusões, arrependimentos sem conta e já pagamos, com isto, a nossa culpa. Já estamos merecendo dias melhores, dias que nos tragam amor e paz. Chega de sobresaltos. Chega de humilhações. Chega de imposições.

NADINHO - É, Heloisa, chega mesmo. E dizer que eu acreditei nesses caras e fui na conversa deles! Mas na hora que êles me obrigaram a fazê aquele papelão com o velho, aí eu pude ver com quem estava lidando. Olha Helô: houve hora em que eu cheguei a pensá em entregá êles todos e acabá com a carcassa.

HELOISA - Que horror, Nadinho! Como é que você pode pensar numa coisa dessas? Esqueceu-se dos velhos? Do que êles iriam sofrer com a sua falta?

NADINHO - E por que você acha que eu não fiz? Só por causa deles. Depois Márcia chegou, começou a se metê em tudo, eu com uma raiva danada da cara e no fim foi ela que me deu apoio e esperança de dias melhores.

HELOISA - Coitada da Márcia! Como é boa! E pensar na maneira como a recebemos! Foi ela também que me amparou na hora da agonia. Por isso, Nadinho, nesta hora, custe o que nos custar, temos que

Fazer tudo por ela. Amará-la, defendê-la e retribuir-lhe as palavras boas que teve para nós na hora em que estávamos prestes a rolar pelo despenhadeiro da vida. Foi a sua crença, e a sua fé inabalável que nos salvou de sermos arrastados pela descrença total. E com isto, quantos males foram evitados! Quantas lágrimas poupadas aos olhos de nossos pais.

NADINHO - Mas pensando bem, os velhos não deixaram de tê muita culpa em tudo isso que aconteceu. Eles não podiam tê feito todas as vontades da gente, não. Eles tinham que tê dureza e nunca tiveram.

HELOISA - Por bondade, Nadinho. Puramente bondade e bem querer. O grande erro dos velhos foi amor de mais.

NADINHO - Amor demais... trabalho de mais... displicência de mais e muito comodismo também, Helô.

HELOISA - Mas mais que tudo de mais foi o amor, Nadinho. Não devemos esquecer isto e nem acusá-los por isto. E você pensa que eles não reconhecem as suas culpas? A prova maior está na condescendência deles para as grandes faltas que cometemos. Você deve ter percebido que nunca nos dirigiram uma só palavra de censura. É ou não é.

NADINHO - É, sim. Às vezes o velho dava af uns estrilos comigo por causa dos gastos excessivos, mas eu não podia dizer a êle as verdadeiras razões daqueles gastos.

HELOISA - Bem, agora vou ao quarto de Márcia conversar com ela e animá-la um pouco. Mais tarde, faça você a mesma coisa.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Eu sempre detestei as suas visitas a esta casa, mas desta vez estava ansioso que você nos aparecesse.

DOQUINHA - Pois é, num é barbicha? Pra castigo da tua cara. Tu sabe o que é que eu vim fazê desta veiz? Trazê este jorná pra amostrá ele pra dona Márcia. Ela vai ficá munto vexada mas ela percisa sabê das cousa que tão acuntecendo co seu Fernando.

REGINALDO - Ela já sabe. Nós também temos o jornal e ela leu a notícia. Está desesperada a pobresinha.

DOQUINHA - Eu tambem fiquei. Seu Fernando é um rapáiz munto bão. Ele num miricia fazerem essa safadeza com êle. E óia, barbicha, iscuíta o que eu vô te dizê: eu tenho as minhas discunfiança da pessoa que feiz essa marvadeza. Pode sê que eu me engane, mas a mãme aqui tem uma faro danado pra adiscubri as couga. Ela chera aqui, chera ali, chera lá e vai dereitino no luga.

REGINALDO - Eu tambem tenho uma impressão muito viva de quem deve ter feito toda essa trama contra o seu Fernando. A gente não deve dizer nada que não possa provar, mas tem coisas que o coração da gente diz tão alto que por mais que se queira sufocar não se consegue.

DOQUINHA - Aquele rapáiz vai acabá máli, sabe barbicha? Pode sê que eu me engane, mas quando o meu isprito ripuna as pessoa, elas num presta e pode vê que acaba na úrtima fôssa.

REGINALDO - A Márcia está muito amolada e está na cama. Parece que agora conseguiu dormir um pouco, por isso não vou chamá-la, mas ela me pediu que se você aparecesse, eu lhe dissesse para pedir ao Beto que venha falar com ela o mais breve possivel. E que telefone avisando a sua vinda, para que ela o espere no jardim.

DOQUINHA - Ele qué falá com êle? Será que num discunfeia? Eu pensei que ela nunca mais quizesse oiá pra cara dele.

REGINALDO - Ela não pode fazer isto. Ela quer tentar tudo para salvar Fernando. Beto será a única pessoa que ele ainda pode utilizar neste sentido.

DOQUINHA - Ah bão, intão é otro caso. Eu vou dá o recado dela p re êle hoje memo e acho que aminhã êle já vem. Óia, diz pre ela que se percisé de mim eu tô aí memo. É só dá o grito e a Doquinha arresponde presente.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

FERNANDO - (ENTRAQUECIDO) Eu posso pedir um favor a você, enfermeiro?

ENFERMEIRO - Não sei. Depende do favor. O que é que você quer?

FERNANDO - Eu queria mandar notícias minhas a uma pessoa da minha família. Devem estar todos muito aflitos.

ENFERMEIRO - Eu sei, mas as ordens que recebi são para que você continue incomunicável, mesmo aqui na enfermaria. Não pode entrar ninguém para visitá-lo nem ser transmitido nenhum recado seu para fora.

FERNANDO - Mas isso é uma maldade que estão fazendo comigo. Afinal de contas, se tivesse escondido o fato dos jornais, eu não estaria tão aflito porque lá fora ninguém ficaria sabendo. Mas depois de publicado, já pensou na aflição de minha mãe, de minha irmãs, da minha namorada?

enfermeiro - Pois é, mas você devia ter pensado nelas era antes de fazer o que fez. Agora não adianta.

FERNANDO - Faça um favorsinho pra mim. Seja camarada.

ENFERMEIRO - O que é?

FERNANDO - Telefone pra este número e peça para falar com a Márcia. Ah, quando ela atender, diga-lhe apenas isto: que eu mando avisar que já estou melhor. Ela, coitadinha, vai criar alma nova. Você faz isso pra mim? (PAUSA) Seja camarada. O que é que lhe custa? Não precisa dar o seu nome, ninguém vai saber que foi você. (PAUSA) Então? Posso contar que você vai me fazer este grande bem?

ENFERMEIRO - Eu vou pensar. Amanhã lhe direi se telefonei ou não.

FERNANDO - Você vai telefonar, sim. Tenho certeza que vai. Você tem toda a pinta de um bom sujeito.

ENFERMEIRO - E, mas não confie muito, não porque às vezes as aparências enganam.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

EUGÊNIA - E então? Como é que se foi, hoje, no seu primeiro dia de volta ao trabalho?

HERMES - Muito bem, felizmente. Com muitas manifestações de regosijo de todo o pessoal do Banco. Funcionários, serventes, diretores, enfim, todos. E quasi ao fim do expediente, tive uma grande grande surpresa: a visita do moço que quer casar com Heloisa.

EUGÊNIA - Não diga! É que tal é ele?

HERMES - Um rapaz de aspecto muito bom. Homem, talvez, dos seus trinta e três ou trinta e quatro anos... bem apanhado... não muito esfável, mas bastante polido.

EUGÊNIA - Que bom. Alegra-me saber que ele agradou a você, Hermes. E o que ele queria? Diga.

HERMES - Dizer-me da sua situação, das suas intenções e da sua pressa em casar-se com Heloisa. Em resumo o que "ele queria, mesmo, era que eu convencesse Heloisa a não esperar os tres ou quatro mezes de prazo que ela pediu.

EUGÊNIA - E você? O que lhe disse?

HERMES - Que ia fazer empenho, mas que quem resolvia era ela.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL FUNDE COM RUÍDO DE NOITE EM JARDIM.

BETO - Recebi seu recado e apressei-me em atendê-lo. Aqui estou às suas ordens, Márcia.

MÁRCIA - Você deve imaginar como estou me sentindo, depois do que aconteceu a Fernando. Pois bem, o que eu queria dizer a você era o seguinte: eu sei que se não conseguiram matá-lo da primeira vez, tentarão outras vezes, *até conseguí-lo.*

BETO - Acredito, também.

MÁRCIA - Pois si ele chegar a morrer, você nunca mais terá nada de mim, da mesma maneira que si chegar a salvá-lo...

BETO - (DEPOIS DE PAUSA) Si chegar a salvá-lo?

MÁRCIA - Poderá me pedir o que quizer.

BETO - E si eu lhe ~~pedir~~... para casar comigo?

MÁRCIA - Eu... (COM ESPÓRÇO) eu me casarei com você!

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - Este foi o trigésimo nono capítulo da novela de Érico Cramer, "MEU PAI, QUAL O CAMINHO CERTO?" que a Rádio Gaucha apresenta de segunda a sexta feira, neste mesmo horário. Tomarem parte no capítulo de hoje os seguintes elementos (RELACÃO) Ouçam amanhã mais um capítulo desta emocionante novela.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO.

- Novela de ERICO CRAMER -

10º CAPÍTULO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA CAI PARA BG.

08.11.
2011

LOCUTOR - Ao final do trigésimo nono capítulo desta novela, deixamos Beto e Márcia no jardim da casa desta, conversando sobre o sucedido com Fernando, fato que estava causando verdadeiro desespero à pobre moça. Ela o mandou chamar, através de Dó quinha e agora ali estavam os dois a falar sobre o fato. E a interrupção do capítulo se deu, mais ou menos, a esta altura do diálogo:

OPERADOR - SOBE A CARACTERÍSTICA, BAIKA E SOME. FUNDE COM RUIDOS DE NOITE.

BETO - Recebi seu recado e apressei-me em atendê-lo. Aqui estou às suas ordens, Márcia.

MÁRCIA - Você deve imaginar como estou me sentindo, depois do que aconteceu a Fernando. Pois bem, o que eu queria dizer a você era o seguinte: eu sei que se não conseguirem matá-lo da primeira vez, tentarão outras vezes, até consegui-lo.

BETO - Acredito, também.

MÁRCIA - Pois si ele chegar a morrer, você nunca mais terá nada de mim, da mesma maneira que si chegar a salvá-lo...

BETO - (DEPOIS DE PAUSA) Si chegar a salvá-lo?

MÁRCIA - Poderá me pedir o que quiser.

BETO - E si eu lhe pedir... para casar comigo?

MÁRCIA - Eu... (COM ESFORÇO) eu me casarei com você!

OPERADOR - ACORDE DE ALEGRIA E LOGO A SEGUIR DE ANGÚSTIA.

BETO - (MEIO DESCRENTE) Você se casará comigo? (PAUSA) Jura?

MÁRCIA - (ANGÚSTIA INTERIOR) Juro. Salve-o e eu serei sua esposa.

BETO - Sabe que não vai ser nada fácil o que vou tentar? Ele já recebeu sentença de morte e só com muita astúcia poderei conseguir dar-lhe escapula. Astúcia... e dinheiro. Dinheiro também é importante.

MÁRCIA - Quanto você acha que necessitaria?

BETO - Bem, eu... eu não posso fazer assim uma previsão batata, mas calculo que entre comprar três ou quatro pessoas para retirá-lo da enfermaria e depois dar-lhe o dinheiro necessário para ganhar distância... seriam precisos aí por volta de uns cinco ou seis milhões. Nada menos.

MÁRCIA - Tanto assim?

BETO - É. Infelizmente o pessoal não cobra pouco por essa espécie de serviço e eu não disponho dessa importância para botar à sua disposição. Poderia arranjar, assim de momento, no máximo um milhão e meio. Não dá pra nada.

MÁRCIA - A dificuldade é que, de momento, eu não posso pedir nada a papai, mas eu tenho algumas joias, acredito que Reginaldo tenha também algum dinheiro economizado e juntando um pouco daqui, ou tro pouco de lá pode ser que eu consiga tudo que é preciso.

BETO - Mas isso teria que ser amanhã ou depois, no máximo, pois do contrário poderíamos chegar tarde. A turma não dorme de touca.

MÁRCIA - Você me telefone amanhã, depois do almoço e eu já lhe direi o que foi possível conseguir.

BETO - Não esqueça que eu botei o pouco que tenho à sua disposição.

MÁRCIA - Obrigada, mas acredito que não vá ser preciso. As joias de mãe - que ela transferiu para mim ao separar-se - são muito boas e no penhor espero que me darão bem mais da metade do que você acha que precisará. Reginaldo tem algum dinheiro economizado. Não sei quanto, mas sei que tem. Minha madrasta talvez possa emprestar-me algum e tudo junto com o pouquinho que tenho na minha caderneta, não de chegar para o que é preciso fazer.

BETO - Pois bem, hoje quem vai pedir para retirar-se sou eu. Trabalharei a noite toda, procurando contato com as pessoas que poderão me ajudar a safar Fernando. Não pretendo perder a chance que você me oferece de ser feliz.

MÁRCIA - Espere. Há uma condição, ainda, para mim essencial.

BETO - Diga.

MÁRCIA - Fernando, antes de sumir da cidade, virá a êste mesmo lugar para despedir-se de mim, afim de que eu possa constatar que êle, efetivamente, foi libertado. Sem isto... nada feito.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Dona Eugênia, pode me conceder dois minutos de atenção? Tenho um assunto de certa urgência para tratar com a senhora.

EUGÊNIA - Que aconteceu, Reginaldo?

REGINALDO - É o seguinte: eu e Márcia estamos empenhados em arranjar uma certa importância para um amigo de Nadinho, afim de que êle possa escapar à sanha dos seus algozes. Márcia se interessa muito por êle porque... bem, a senhora compreende... êle vinha aqui conversar com Nadinho, foi muito amável com ela, interessou-se pelas dificuldades da família e foi preso em virtude do assalto ao Banco.

EUGÊNIA - Você não vai me dizer que está se interessando, juntamente com Márcia, pelo rapaz que deu cobertura ao assaltante mór e que foi preso dentro do Banco com as ataduras do outro nas mãos?

REGINALDO - Exatamente, dona Eugênia, exatamente. É por êle mesmo o nosso grande interesse. Nós sabemos que êle só fez aquilo porque foi obrigado pelo grupo, mas no fundo êle estava contra aquela manobra, tanto que agora o grupo tentou assassiná-lo dentro da cela do presídio. A senhora deve ter visto no jornal.

EUGÊNIA - Vi, sim. Não quis comentar nada aqui em casa, mas vi.

REGINALDO - Pois é, a prova de que êle não convém ao grupo é que o próprio grupo está querendo eliminá-lo. A senhora acha que êles tentariam isto, si êle pudesse continuar a ser útil? De jeito nenhum. Alguns amigos dele estão procurando salvá-lo e para isto precisam comprar duas ou três das pessoas encarregadas de vigiá-lo para depois mandá-lo para longe daqui, onde êle não corra o risco de ser outra vez apunhalado. O líder desse movimento de libertação, recorreu a nós. Temos que arranjar, de hoje para amanhã, cinco ou seis milhões de cruzeiros e não podemos

pedir esse dinheiro ao doutor Hermes, por todos os motivos já sabidos. Estamos, então, reunindo o pouco que cada um tem mas ainda nos faltam dois milhões. A senhora poderá nos ajudar com qualquer coisa?

EUGÊNIA - Sim, naturalmente, mas... tanto não tenho. Meu saldo deverá andar aí por volta de um milhão, um milhão e duzentos, no máximo. Eu não me importo de dar todo...

REGINALDO - Já é uma boa ajuda, mas o cheque terá que ser feito ainda hoje, porque a cada dia que perdermos diminuem as possibilidades de salvar-se uma vida.

EUGENIA - Para fazer o cheque eu precisava ter certeza do que disponho... mas é fácil. Telefone ao Banco e chame o secretário do doutor Hermes. Pergunte-lhe qual o meu saldo e recomende-lhe de não falar no assunto ao meu marido.

REGINALDO - Perfeitamente, dona Eugênia. Vou tratar disto agora mesmo. Com licença.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

MÁRCIA - Nadinho, trago-lhe uma boa notícia. Consegui o dinheiro exigido pelo Beto para poder libertar Fernando.

NADINHO - Os seis milhões? Inteiros? Mas não estavam faltando dois há je de tarde?

MÁRCIA - Estavam, mas sua mãe nos deu um milhão e trezentos e as minhas joias, na Secção de Penhores de Caixa renderam também mais de ~~um~~ milhão. Está nos sobrando dinheiro, mas eu vou guardá-lo para dar ao próprio Fernando, no momento em que vier se despedir de nós.

NADINHO - Você espera que ele venha? Tire essa ideia da cabeça, Márcia. Ele não poderá se expor, andando aqui e ali. Tem que sair direto da enfermaria para um automóvel e botar o pé na estrada. Sumir. Desaparecer das redondezas e nunca mais dar as caras por aqui.

MÁRCIA - Beto me prometeu que ele viria. E se não cumprir a promessa que me fez, eu também não cumprirei a minha.

MÁRCIA - É a fé que nos empresta coragem, Nadinho. Quem anda com Deus não teme. Eu sei que ele não vai me desamparar. Eu sei que ele vai me emprestar a necessária energia para encarar a situação como devo. (TOM) Mas afinal eu vim falar com você para lhe pedir um favor e até agora fiquei batendo papo e não pedi.

NADINHO - Peça. Si eu puder lhe servir...

MÁRCIA - Você pode dar um jeito de telefonar para o tal bar onde se encontra a Doquinha e pedir a ela que venha aqui em casa esta noite sem falta? Mas por favor não fale em dinheiro. Diga-lhe, apenas que eu tenho muita urgência em falar com ela.

NADINHO - Pode deixar. Vou telefonar agora mesmo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

DINAH - Lindaura, eu ouvi dizer hoje que Heloisa vai casar; isto é verdade?

LINDAURA - É verdade, sim. Isto é... Foi pedida em casamento, agora se vai casar não sei. Isso é lá com ela. Ela é tão exqu岸ita que a gente nem se anima a perguntar.

DINAH - Mas si ela foi pedida, com toda a certeza vai aceitar.

LINDAURA - Pois não sei. O que me consta é que ela não estava querendo.

DINAH - É mesmo, Lindaura?! Você acredita isto?!

LINDAURA - Olha, Dinah, eu acredito porque quem me contou foi o Hermes e ele não mente.

DINAH - Mas qual é a dúvida de Heloisa?

LINDAURA - Não sei. Talvez ame outro.

DINAH - Pois é, mas na situação em que ela se encontra, falada por todo mundo... parece-me que não era caso de recusar, pelo contrário. Era caso de agarrar-se com unhas e dentes a fôsse lá quem fôsse que lhe aparecesse. Você não acha?

LINDAURA - Não sei, não. Hoje as moças pensam de maneira tão diferente... No meu tempo, qualquer moça na situação de Heloisa, agarrava-se desesperadamente ao primeiro trouxa que resolvesse ampará-la, mas hoje elas nem estão ligando para o que possam pensar ou dizerem os outros da vida que elas levam. Dizem que não dão

bola e não dão mesmo. Não se empenham nem em esconder o que fazem. Dizem que são mais "autênticas". A autenticidade, agora, serve de capa para a pouca vergonha.

DINAH - Você chegou a conhecer o rapaz com quem falavam dela?

LINDAURA - Não, não conheci.

DINAH - Mas como, Lindaaura? Você ia tanto à casa dela...

LINDAURA - É verdade, sim, eu ia, mas acontece que ele não ia e então nunca chegamos a nos encontrar.

DINAH - Ah, ele não frequentava a casa dela? Por que? Os pais dela não faziam gosto?

LINDAURA - Os pais dela nem estavam sabendo o que acontecia. Ele simplesmente não ia à casa dela porque era casado.

OPERADOR - ACORDE DE GRANDE SUSTO.

DINAH - Virgem da Misericórdia, Lindaaura!... Que coisa horrerosa!... É ela sabia?

LINDAURA - Bom, isso eu não sei. Se sabia ou não sabia era lá com ela. O que sei é que agora ele quer casar com ela a todo transe.

DINAH - Ah é o mesmo? Vai deixar a mulher?

LINDAURA - Não, a mulher é que o deixou e foi viver no outro mundo.

DINAH - Credo. Cruzes. Que Deus a tenha por lá muito tempo sem nós. (TOM) É, mas essa gente moderna, em matéria de amor não dá pra se entender mesmo. Se ela namorava um homem casado devia gostar muito dele, de outra forma não teria nenhuma desculpa para o seu procedimento. O homem perde a mulher, quer casar com ela e ela se mostra indecisa? Não dá para entender, Lindaaura, juro que não dá. Eu estou aqui fundindo a cuca de tanto pensar e não encontro explicação para isto.

LINDAURA - Deixa pra lá. Tu vais ver que no fim dá tudo certo. E o melhor é nos ficarmos bem quietinhas para que a juventude não nos chame de quadradas.

DINAH - Ah não, Lindaure, eu quietinha não fico. Podem me chamar de quadrada, de redonda, de bicuda, mas que eu falo, falo. Não vou inventar coisas, mas o que é eu falo.

LINDAURA - E depois vais pra o Padre Augusto pedir perdão por ter falado. O Padre Augusto perdôa todas. O Padre Altemar já não era assim. Tinha horror de fofocas. Quando a gente ia com uma fofoca pra él, él dava logo uma penitência bem pesada. Acabou com os co-
mícios das comadres. E eu acho que assim que tem que ser.

DINAH - Coitado do Padre Augusto! É de bom que él perdoa.

LINDAURA - Pois é, eu sei que é de bom. Mas por ser bom, alimenta as fofocas.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

REGINALDO - Que é que há?

DOQUINHA - Eu é que pergunto o que é que há. Mandaro me chamá eu vim. E ainda dissero que era com toda a orgença.

REGINALDO - Mandaram lhe chamar? Quem? Não disseram?

DOQUINHA - Acho que foi o seu Nadinho. Pergunta pre él.

REGINALDO - Não, não... então já sei. Com toda a certeza foi a Márcia que pediu ao Nadinho que chamasse você. Ela quer evitar a vinda do Beto, com certeza. Si é o que eu estou pensando, você vai ter uma missão muito importante a desempenhar rapariga.

DOQUINHA - Óia, rapariga eu já disse que num sô. Tu qué que eu te digue quem é rapariga? Eu digo.

REGINALDO - Desculpe, eu não disse rapariga com o intuito de diminuir você nem de ofender.

DOQUINHA - Pois é, mas ~~de~~ inói e ofende, tá?

REGONALDO - Est'a bem, não chamarei mais você de rapariga. Prometo.

DOQUINHA - E eu num sô memo, pra que xingá os otro de cousa que os otro num é? Rapariga é fia das erva, fia das macega, eu num sou na da disso. Tenho mãe e pai. Vai lá vê no meu registro que tá lá bem grande o nome da minha mãe e pai inguinorado.

REGINALDO - Está bem, está bem. Já disse que não tornarei a chamá-la de se modo. Você espera um bocadinho aqui na copa que eu vou lá no quarto da Márcia dizer a ela que você está aqui. Sente-se.

C/REGRA - PASSOS DE REGINALDO QUE SE AFASTAM E SOMEM

DOQUINHA - Puxa vida! Que casa bem da bacana esse aqui. A copa chega in-
 té a parecê um mosolêo, de tanto mármo que a gente vê no chão.
 Tudo em quadradinho bem dereitinho que dá gosto vê. A gente a
 costumada a interrá os pé na terra, lá no barraco... Virge! As
 tornêra! Parece inté que é de prata, de tão riluzenta. Umas ca-
 dera bacana que a gente inté tem pena de assentá em riba delas.
 Vô te dizê. Casa anssim num é mole, não. Deve de tê custado um
 mucado de grana. Dá gosto sê empregada numa casa anssim. Si eu
 num fôsse tão miseráve e num tivesse mitida com aqueles diabo,
 eu saia de lá e arrumava pra vim trabalhá aqui. Ia butá uma ba-
 ca cas nêga aí na porta quando elas viesse priguntá si precisa-
 va empregada! É mas pode sê que um dia Deus inda ôie pra baixo
 e a Doquinha se endereite.

C/REGRA - PASSOS DE MÁRCIA SE APROXIMANDO.

MÁRCIA - Ah, Doquinha, que bom que você atendeu logo o meu pedido. Eu es-
 tava necessitando tanto de você... Como é que vai? Bem?

DOQUINHA - A gente véve, num é dona Márcia. Que é que a senhora quíria?

MÁRCIA - DOQUINHA, vou te confiar uma missão bem importante e que tú de-
 verás cumprir ainda esta noite. Estás vendo êste envelope?

DOQUINHA - Tô, sim senhora.

MÁRCIA - Aqui dentro estão seis milhões que tu vais levar e entregar
 ao Beto ainda hoje. São para que êle consiga a fuga de Fernan-
 do, entendes?

DOQUINHA - E a senhora ~~acha~~ que o seu Beto vai fazê isso?

MÁRCIA - Vai. Tenho certeza que vai porque êle está desesperado pelo
 prêmio que lhe ofereci. Portanto vais entregar a êle êste
 envelope, vais pedir um recibo de importância, dizendo que
 queres comprovar a entrega e depois pedirás a êle que me te-
 lefone amanhã ao meio dia para me dizer das providências to-
 madas. Oquêi? Entendeste bem?

DOQUINHA - Intindi. Eu manjo as coisa digero, dona Márcia. Falá é que
 eu sou um mucado enrolada, pro resto não.

MÁRCIA - Então vai, Doquinha. Desculpa eu te despedir mas é que tenho

tanta pressa que este envelope chegue às mãos de Beto que nem sei. Vai com Deus, que Ele te proteja e tu possas regular a tua missão a contento. Depois eu te pagarei por tudo. Vais escolher o que queres que eu te dê.

DOQUINHA - Já iscuí. Num faiz munto eu tava ciando as cousa aqui e tava pensando no causo. Tá bão eu vô que a sinhora tá com pressa. Tchans. Aminhã eu falo ca sinhora.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

HERMES - Minha filha, você não acha que a sua irmã anda profundamente triste, profundamente abatida? Seus olhos já não têm nem mais a doçura de outr'óra. Parece que olham a tudo e a todos com grande amargor. Que estará se passando naquele coraçõzinho a ponto de transformá-la até fisicamente?

HELOISA - Não sei, papai. Muitas vezes uma desilusão amorosa transforma totalmente a criatura. Quem sabe se não será o caso?

HERMES - Você não se animaria a conversar com ela e procurar saber o que se passa?

HELOISA - Posso tentar, papai, mas acho que ninguém melhor do que o senhor poderia fazer com que ela abrisse seu coração e dissesse a verdade. Ela é tão sua amiga, muito mais do que minha.

HERMES - Pois é, mas eu já fiz duas ou três tentativas neste sentido e não obtive qualquer resultado. Afirma que não tem nada e não ha meios de falar. E eu sei que ela tem. Eu sinto que ela tem. Fico triste porque gostaria tanto de ajudá-la e fico impossibilitado. Faça isso para seu pai, minha filha. Tente você.

HELOISA - Está bem, papai. Hoje mesmo, antes de me recolher, irei al quarto dela e tentarei arrancar êsse segredo que o senhor acha que ela deve ter.

HERMES - Acho, não, minha filha. Tenho certeza absoluta de que alguma coisa muito séria está machucando o seu coração tão terno. Daí aquela tristeza tão grande que ela faz tudo para esconder mas que mesmo assim se derrama pelo cristal dos seus olhos. E eu não quero as minhas filhas tristes. Nem ela... nem você. E farei tudo para que nunca estejam tristes.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

BETO - (MEIA VOZ) Fernando, acôrde. Vamos fugir. Fernando, oh Fernando, acôrde, homem. Não podemos perder tempo. Fernando... Fernando

FERNANDO - Han?!... Quem é?

BETO - Silêncio, não fale alto. Sou eu, Beto. Vim buscá-lo. Vamos embora, depressa.

FERNANDO - (MEIA VOZ) Beto? A esta hora? Aqui na enfermaria? Como pode entrar?

BETO - Prometi à Márcia que salvaria você e estou cumprindo a minha promessa. Vamos logo, não perca tempo.

FERNANDO - Vamos para onde, Beto?

BETO - Está tudo preparado. Vamos sair na ambulância, como se você fôsse para um operação de emergência, no Hospital. A ambulância já está lá em baixo à nossa espera.

FERNANDO - Espere, deixe juntar as minhas coisas.

BETO - Não há tempo a perder, deixe tudo isso aí. Ampare-se no meu braço e vamos.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL - RÁPIDA.

BETO - Eu sou o médico que vai operá-lo. Vamos, rapazes. Não temos tempo a perder. Fechem a porta da ambulância, rápido.

C/REGRA - BATIDA DE PORTA DE AMBULÂNCIA.

BETO - Pé no fundo, Clementino. Saia logo que um deles me pareceu desconfiado. Não pare no portão. Siga em frente.

OPERADOR - LIGAR MOTOR DE AMBULÂNCIA, ARRANCAR, ABRIR SIRENE, SEGUIR

VOZ - (2º PLANO, ORDENANDO, FORTE) Pare! (PAUSA BREVE) Pare! Não pode passar sem apresentar a ordem de saída!

OPERADOR - ACELERA MARCHA E TOCA EM FRENTE. TRES OU QUATRO TIROS, FORA.

BETO - Toca, Clementino, toca.

CLEMENTINO - Parece que furaram um pneu.

BETO - (BERRANDO NERVOSO) Não importa. Toca, mesmo assim.

OPERADOR - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERÍSTICA DE

ENCERRAMENTO.